

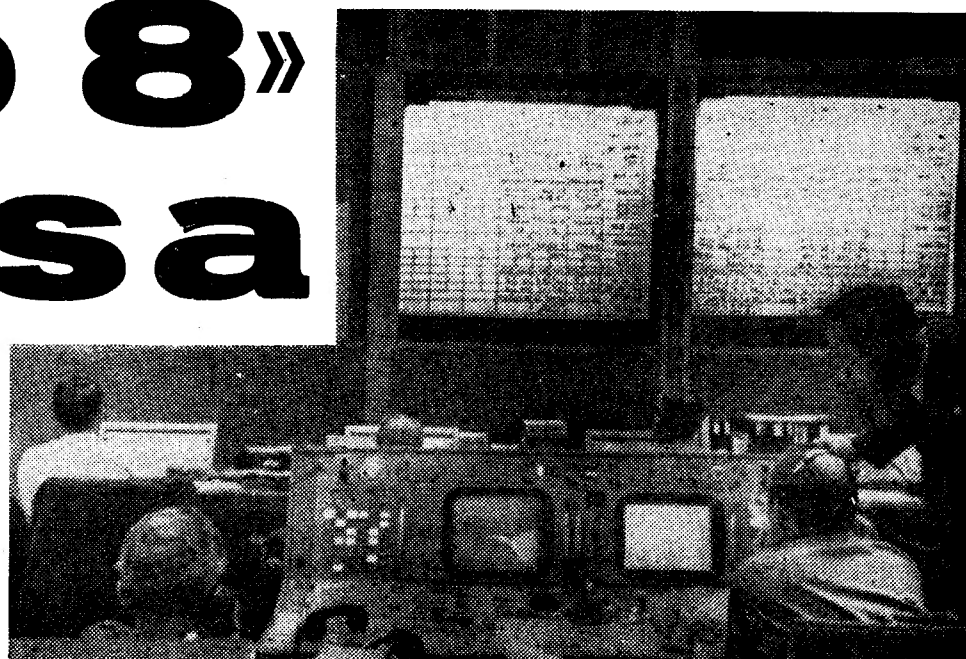
Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 26 DE DEZEMBRO DE 1968 N.º 16 530 ANO 48.º UM ESCUDO



A «Apolo 8» regressa

A NAVE COM OS COSMONAUTAS
DIRIGE-SE PARA O «CORREDOR»
DE REENTRADA NA ATMOSFERA



Técnicos do Centro Espacial de Houston (Texas) seguem atentamente a viagem da «Apolo 8» através do espaço

CAPE KENNEDY, 26 — (F. P.) — Depois de terem passado o Natal no espaço sideral, Frank Borman, James Lovell e William Anders regressam agora à Terra, a uma velocidade que se acelera à medida que a cabina «Apolo 8» se encontra mais no interior do campo de atracção da Terra. A cabina, depois de ter estado 44 horas e 9 minutos sob a influência da

atração lunar, transpôs às 17 e 39, T. M. G., de ontem o ponto de «equigravífera», em que a atracção da Lua e a da Terra são equivalentes e se anulam mutuamente. O engenho voava então à velocidade de 4828 quilómetros por hora e encontrava-se respectivamente a 325 087 quilómetros da Terra e a 62 764 da Lua.

Kubitschek foi operado e continua em regime de residência vigiada

RIO DE JANEIRO, 26. — (F. P.) — Juscelino Kubitschek de Oliveira, que foi submetido na segunda-feira a uma intervenção cirúrgica numa clínica do Rio, regressou na terça-feira ao seu domicílio, onde permanecerá em regime de residência vigiada — informou um familiar do antigo presidente.

Kubitschek teve que ser operado devido a uma ruptura do tendão de Aquiles da perna esquerda.

REFUGIADOS

SANTIAGO DO CHILE, 26. — (R.) — O Ministério chileno dos Negócios Estrangeiros está a estudar os casos de várias pessoas que se encontram refugiadas na sua embaixada, no Rio de Janeiro, e pediram asilo político ao Chile. Os refugiados começaram a procurar protecção na embaixada chilena quando se iniciou a vaga de prisões ordenadas pelo presidente Costa e Silva.

Transposta esta barreira, a velocidade da cabina diminuiu durante algum tempo, sendo às 18 horas, T.M.G., de 4602 km/h. Mas por influência crescente da atracção terrestre, começou então a acelerar, devendo ser amanhã de manhã, quando a «Apolo 8» atingir as primeiras camadas da atmosfera terrestre, de cerca de 40 000 km/h.

Após uma ligeira correcção da trajectória, operada às 20 e 51, T.M.G., de ontem, a cabina dirige-se agora para o estreito corredor de 42 km de largura que lhe permitirá penetrar sem perigo na atmosfera da Terra. Esse corredor deve ser abordado num ângulo superior a 5 e inferior a 7,2 graus em relação à horizontal.

(Continua na 10.ª página)

NOVA DELHI, 26 — (F. P.) — Cinquenta «bases vermelhas» foram criadas pelos

Aumento da taxa de desconto em França

PARIS, 26 — (F. P.) — O conselho-geral do Banco de França decidiu elevar de 2 para 3 por cento, a contar de 1 de Janeiro de 1969, a taxa de desconto dos haveres criados em mobilização de créditos sobre o estrangeiro. Não se modificam as outras taxas praticadas por aquele Banco.

revolucionários naxalistas (movimento de extrema esquerda) em oito Estados da Federação Indiana para treinar camponeses para uma guerrilha e fomentar uma revolução armada no país, escreve o jornal «Indian Express».

Citando um «documento secreto» que circula nos meios naxalistas, o jornal acrescenta que este documento parece ter relação com o aumento das actividades naxalistas no país.

O documento pede a formação de um certo número de unidades agrupando operários camponeses e estudantes e a criação de centros para o estudo do pensamento

maoísta. Revela, por outro lado, que em certas regiões esta situação está quase madura para aplicar os princípios da guerrilha.

Convida, ainda, os «revolucionários» a desconfiar dos «revisionistas» e dos «neo-revisionistas» que de acordo com os reacçãoários, pregam o pessimismo.

Pede aos naxalistas para cooperar com a gente da esquerda e não esquecer as suas ideias positivas, que aceitam a ideologia de Mao Tse Tung.

O documento termina declarando que «se não olharmos senão o lado negativo das coisas, nós próprios nos tornaremos pessimistas».

PROTESTO DA C. V. I. JUNTO DO GOVERNO FEDERAL DA NIGÉRIA

GENEVA, 26 — (R.) — A Cruz Vermelha Internacional protestou junto do Governo federal nigeriano contra uma tentativa do coronel Adekunle, comandante da frente sul, de forçar os aviões da Cruz Vermelha a transportarem armas para as suas tropas.

O comunicado da Cruz Vermelha diz que quando um piloto britânico da C. V. I. se recusou a transportar armas do Exército nigeriano, aquele comandante suspendeu todos os voos da Cruz Vermelha para Port Harcourt, Enugu e Calabar.

A Cruz Vermelha Interna-

cional salienta que esta atitude do coronel Adekunle está em contradição com o acordo feito em Outubro pela Cruz Vermelha e pelo Governo federal.

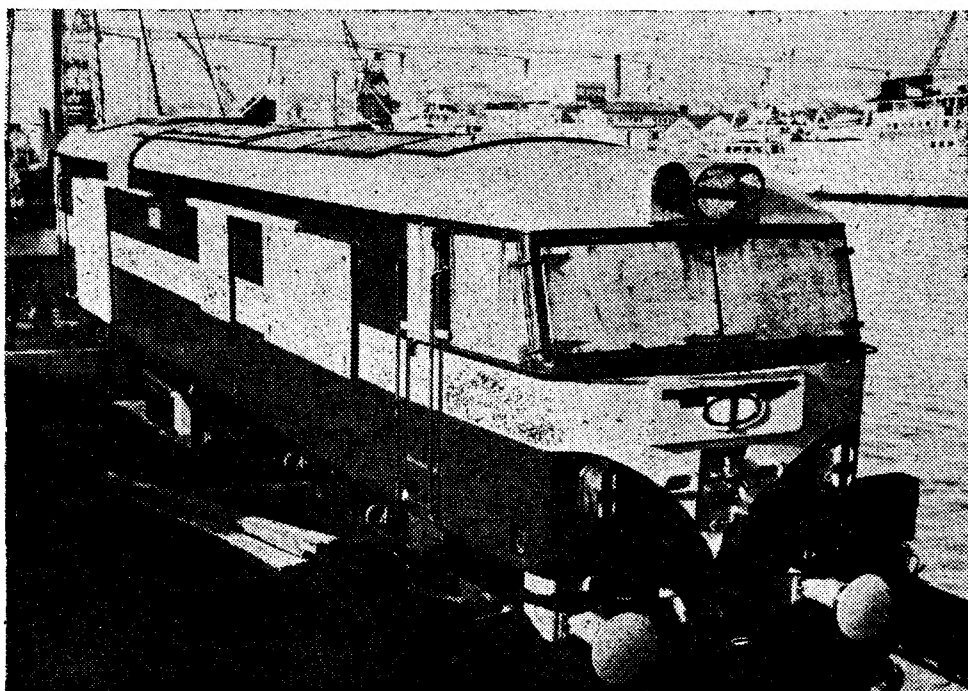
AUXÍLIO A BIAFRA

WASHINGTON, 26 — (R.) Segundo fontes bem informadas, o Governo americano decidiu colocar seis aviões de transporte ao serviço do abastecimento da população de Biafra.

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

VAMOS ANDAR DE COMBOIO A 180 QUILOMETROS POR HORA?

De bordo de um cargueiro, desembarcou esta tarde em Lisboa a primeira das dez locomotivas especiais encomendadas pela C. P. em Inglaterra. Como se sabe, estas locomotivas podem rebocar composições à velocidade de 180 quilómetros por hora, facto que vem tornar possível imprimir uma maior rapidez aos comboios que circulam no nosso País. (LER NA ÚLTIMA PÁG.)



Edição da noite

INSPIRA AINDA CUIDADOS

O ESTADO DE QUATRO DAS OPERÁRIAS VÍTIMAS DO DESASTRE EM ESPINHO

NO QUAL MORRERAM UMA COLEGA E O AUTOMOBILISTA

PORTO, 26. — As quatro operárias vítimas de um acidente de automóvel ocorrido ontem, no lugar de Idanha, Anta (Espinho), no qual morreram o condutor do veículo e uma outra sua amiga, continuam internadas no Hospital de Santo António, inspirando sérios cuidados, principalmente o estado de duas delas, uma das quais teve de recolher aos Serviços de Reanimação daquele estabelecimento hospitalar.

As causas do trágico acidente são difíceis de explicar, pois a curva onde se deu o desastre era, em relação à estrada (municipal), estreita, visível e relativamente aberta. Duas hipóteses se formulam.

Os funerais do condutor, sr. Benedito Albertino Macedo da Rocha, de 39 anos, Rua 18 429, em Espinho, e de Maria Angelina Rodrigues Pinto, de 18, do lugar de Idanha (Anta), já se efectuaram.

No Hospital de Santo António estão as jovens: Rosa Fernandes Pereira da Rocha de 17 anos; Maria da Conceição Santos Costa, de 15; Maria de Fátima Teixeira da Costa de 18; e Maria de Fátima Dias Sousa Pereira, de 23. Ainda outra rapariga ficou ferida no acidente, essa, a mais feliz de todas, Maria Leopoldina Guedes do Couto, de 15 anos, moradora como as restantes, nos lugares de Espinho Tabuaco e Juncal, em São Félix da Marinha (Gaia) a qual foi para casa, sem ter sofrido, felizmente, ligeiros ferimentos.

O condutor fora à fábrica para oferecer à filha do proprietário uma boneca, como prenda de Natal e, à saída, aquelas raparigas pediram-lhe para as levar a casa, ao que ele acedeu, mal sabendo da desgraça que comportaria essa pronta aquiescência.

Um autocarro embateu numa camioneta e houve três feridos

Esta manhã por volta das 8 e 15, na Rua Camões, um autocarro da carreira L embateu numa camioneta de carga do que resultou ficaram feridos o cobrador do autocarro, sr. Adriano Teixeira Monteiro, de 27 anos, casado, do lugar de Gátões (Matosinhos); o sr. José António Lopes de Sousa, de 25, solteiro, estuador, residente na Rua da Azenha, 220, nesta cidade e António Reis Silva Aral, de 18, tipógrafo, morador na Rua Manuel Ferreira Pinto, 525, em Queifães (Maia) os dois últimos passageiros do transporte colectivo.

Depois de receberem tratamento no Hospital de Santo António, foram para as suas casas.

Desastres com motoretas

Vítimas de acidentes com as motoretas que conduzem, nas terras da residência, recolheram ao Hospital de S. José os srs. Manuel Rodrigues Júnior, de 50 anos, pedreiro, residente em Santa Vitória do Ameixial, Estremoz;

Rafael Rodrigues Gomes, de 34 anos, jornalista, residente em Foros de Pegões Montijo; e Manuel Piedade Belcos, de 32 anos, pedreiro, residente no Bairro Alentejano, no Barreiro.

Os dois primeiros receberam várias contusões pelo corpo e o último fracturou uma perna.

Também o sr. Francisco Oliveira Gomes, de 17 anos, servente, residente em Calveiros Ponte de Lima, caiu da motoretta que conduzia, no Casal do Marco. Muito contuso recolheu ao hospital.

Atropelamentos

Ao Hospital de S. José recolheram, também duas mulheres e uma adolescente, vítimas de atropelamentos nas localidades que a seguir se indicam entre parêntesis:

Maria Porém Loureiro, de 67 anos, residente na Calçada de Palma de Baixo, 15, 2.º (na estrada marginal, em Paço de Arcos); Ana Luzia Almeida Cunha, de 12 anos, residente na Estrada da Damaia, 53, 3.º, esq. (perto da residência); e Eugénia Ramos Freire da Cruz, de 49 anos, Rua Amiranço Barroso, 5, 1.º (na Rua de D. Estefânia).

Também vítima de um acidente de viação, ocorrido perto de Setúbal, chegou a S. José gravemente ferido e sem fala, um homem de identidade desconhecida e apresentando cerca de 35 anos.

Instituto de Medicina Legal

Recolheram ao Instituto de Medicina Legal os srs. António João, de 62 anos, residente no Beco da Cardoso, 11, 2.º, que faleceu, subitamente, em casa; e Francisco Costa, de 57 anos, residente na Rua de S. Ciro, 17-A, 1.º, que caiu pelas escadas da residência, tendo chegado já morto ao Hospital de S. José.

Presidente Salazar

Durante a manhã de hoje, a recepcionista da Casa de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa, dava a seguinte informação a quem perguntava pelo estado do Presidente Salazar:

- Está na mesma.
- Irá hoje para S. Bento?
- Não se sabe.

SORTEIO DE CERTIFICADOS DE AFORRO

Na sala das sessões da Junta de Crédito Público, realiza-se no dia 30, às 10 horas, o 27.º sorteio trimestral de certificados de aforro.

JOGO PERDIDO

O cauteleiro José Matos Meco perdeu anteontem, entre a Rua da Prata e a Rua do Ouro, ou na Amadora, um bilhete da lotaria da Casa da Sorte, com o número 23 413. Agradece a qualquer pessoa que encontrar o jogo (que lhe custará a quantia de 1800\$00 caso não seja recuperado) que o entregue na Casa da Sorte.

ora diga-nos...

— Onde celebra a passagem do ano?

É tradição: festeja-se o findar de um ano e a alvorada do seguinte. Há ruído, alegria (autêntica) e esperança (que sempre morre, mas o homem continua a esperar...). Há festas, modestas ou requintadas, música e bailação. E etc... É o costume. Outros ficam em casa e celebram o acontecimento no âmbito familiar. E o leitor? A pergunta feita aqui e ali obtivemos as respostas que se seguem:



• Diz o sr. Laurindo Gomes de Sousa, condutor da Carris:

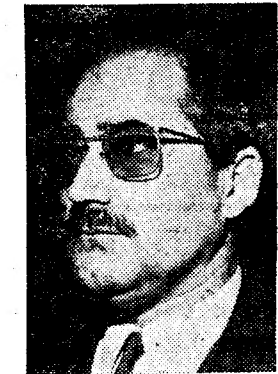
- Em casa com a família.
- Sempre?
- Sempre, a não ser quando vamos a casa dos nossos pais. Mas, não deixa de continuar a ser em casa, com a família.
- Não. Nunca vamos a festas da passagem do ano.

• O sr. António Gomes Ferreira é desenhador e electricista, Lis-

boeta de nascimento e de residência, até há sete anos, está desde então em Coimbra. Agora em Lisboa, a passar o Natal, a passagem do ano será vivida já em Coimbra:

— Sim, em Coimbra e em casa, com minha mulher e meu filho.

— Não vou, não. O rapaz não tem ainda idade para entrar nesses espectáculos. Assim, como não temos com quem deixá-lo, festejamos em casa a passagem do ano. Quando estávamos em Lisboa, ele ficava em



casa dos meus pais. Bem... além disso aqui em Lisboa é diferente e quem sempre aqui viveu não encontra muitas festas do género naquela região.



• Por fim, falou o sr. Antero da Silva Barros, empregado numa agência de viagens:

- Onde festejo a passagem do ano? Em casa com a família.
- Mas não costuma fazê-lo fora?
- Muito poucas vezes. É raríssimo isso acontecer.
- Pois muito obrigado, e Bom Ano para todos!

As comemorações do Natal Antigos alunos da Escola Comercial de Setúbal

O dia de Natal foi ontem comemorado em vários templos da capital com as tradicionais cerimónias religiosas, todas elas com a presença de muitos fiéis.

No Sé Patriarcal de Lisboa a cerimónia teve maior brilho, com a celebração da missa de pontifical de rito joanino e homília.

Pelas 11 horas chegou ao templo o sr. D. Manuel Falcão, bispo de Telepte, o qual depois de paramentado seguiu para a capela-mor, em cortejo.

Nesse momento a Schola Cantorum do Seminário Maior Patriarcal de Cristo-Rei, começou a entoar o cântico de entrada da missa. Seguidamente o prelado deu começo ao solene pontifical por ele celebrado, tendo como diácono de missa o rev.º cônego dr. Figueiredo Sarmento e subdiácono o rev.º cônego José Falcão. Presentes os rev.ºs cônegos D. João de Castro, pró-vigário-geral do Patriarcado e Gonçalves e os benficionados Sarasin, reitor do Seminário de Cristo-Rei, nos Olivais, Policarpo Canas e José Maria Rodrigues.

Dirigiu a cerimónia o benficionado Eugénio dos Santos, mestre-de-cerimónias e prior da freguesia da Sé.

O rev.º padre José Ferreira fez a explicação da Santa Missa e dirigiu os cânticos entoados pela assembleia de fiéis.

O sr. cardeal-patriarca almoçou com dois pobres da Conferência de S. Vicente de Paulo.

A exemplo do que tem feito desde que ascendeu ao seu cargo, o sr. cardeal-patriarca de Lisboa, almoçou, no Paço do Campo de Santana, com dois pobres indicados pelo Conselho das Conferências de S. Vicente de Paulo. Foram eles Luís Ferreira, 78 anos, freguesia da Penha de França e José Luís Ferrel-

ra, 78 anos, freguesia de São Sebastião da Pedreira. A mesa sentaram-se, também, todos os servidores do Patriarcado.

Durante o dia, muitas individualidades de várias categorias sociais deixaram ou enviaram cartões de cumprimentos ao sr. cardeal-patriarca.

No sábado, às 20 horas, realiza-se o jantar de confraternização dos antigos alunos da Escola Industrial e Comercial de Setúbal (cursos de 1948/58). Todas as informações podem ser pedidas pelo telefone 23643 — Setúbal.

se começou a pensar que todos os são =, hoje é para experimentar um VIVA



em exposição e venda na

AUTO-INDUSTRIAL

LISBOA	— Av. Duque de Loulé	Tel. 562551
COIMBRA	— Av. Fernão de Magalhães	Tel. 27123
LEIRIA	— R. Cap. Mouz. Albuquerque	Tel. 24061
C. DA RAINHA	— R. Eng.º Duarte Pacheco	Tel. 22866
ESTORIL	— Av. de Nice	Tel. 263550

HOTEL DO PINHAL

OFIR

Anunciamos aos nossos estimados Clientes que se realiza neste Hotel a tradicional Festa de Fim do Ano, para a qual contamos com a colaboração de: Grupo 5, o conjunto que maior sucesso obteve no último Verão na nossa Boite, Quinteto Órbita, um dos melhores do Norte do País, tocando todos os estilos musicais. Alberto Cortez, mister Suco-Suco e seu conjunto argentino, num show especial para reveillon.

Embora com os pesados encargos que este programa representa, o preço será de Esc. 350\$00, por pessoa, estando incluído: Ceia, da qual consta Lagosta e Peru. Vinhos de marca, Espumante, brindes, etc. (Impostos incluídos). Alojamento: 20% de Desconto, informações e reservas: Telefones: 89473/4. Esposende, Gerência: Constantino Araújo Esteves, maiores de 15 anos.

RESTAURANTE - MONTES CLAROS

— MIRADOURO —

GRANDE NOITE DE SÃO SILVESTRE

Lembramos aos nossos Ex.ºº Clientes o favor da antecipação na reserva da sua mesa para a tradicional Passagem do Ano.

Boa música Bons Jantares e Ceias

Grande Ementa aos ALMOÇOS E JANTARES do dia de ANO NOVO

(M. 15 anos)

Telefone 63 65 66

Giannini ?

BREVEMENTE À VENDA EM PORTUGAL

EDUCAÇÃO: O MAIS IMPORTANTE PROBLEMA — 2

Pelo Prof. DELFIM SANTOS

NAO IMPORTA CONTINUAR a lista do que não temos porque na verdade não temos nada daquilo que importaria ter para que o problema da educação nacional abandonasse a triste situação em que se encontra. É difícil a situação dada o estado a que chegámos; o número de bolsas de estudo concedidas pelo nosso Ministério para aperfeiçoamento de estudos pedagógicos é ridículo em comparação com o número de bolsas concedidas para estudos de especialização de cuja importância não se duvida mas também sem dúvida se afirma que são menos importantes e menos urgentes de que o número de bolsas requerido para a formação de pedagogistas, de orientadores, de peritos. Quando muito, entre nós resolve-se mandar saber em viagem agradável de turismo o que se faz neste ou naquele país por pessoas que nem sempre aparecem qualificadas para esse serviço e que, de regresso, elaboram um relatório descrevendo o que viram e às vezes o que se faz e que nós não podemos fazer porque o nosso plano de estudo, se plano ainda existe, não comporta alteração substancial que surta qualquer efeito com alguma fecundidade. Deve haver muitos relatórios, ou pelo menos alguns que mereceriam melhor sorte, mas a sorte de todos é igual. Falámos há pouco em plano de estudo e duvidamos que ele ainda subsista depois de tantas grandes e pequenas reformas a que tem sido submetido. O primeiro plano de estudos de cunho moderno que se planeou em Portugal e que se deve a Almeida Garrett, que o elaborou por sugestão do senhor D. Pedro IV em 1834, é ainda nas suas linhas gerais o que subsiste como plano embora desfigurado, retorcido e quase inoperante. Os nossos graus de ensino actuais estavam previstos nesse plano; as alterações posteriores limitaram-se à criação de escolas deste ou daquele tipo, depois à sua extinção e, o que é mais grave, parece que foram as extintas as que mais contribuíram para dar à nação a melhor consciência da sua organização pedagógica e finalidade formativa. Hoje, excluindo algumas escolas de formação profissional, o nosso ensino é evidentemente caótico. Pe-

dagógicamente tudo se passa pior do que antes.

Supôs-se que era progresso aumentar o número de exames. Hoje, há exames para tudo: exames de entrada, exames de saída, a maior parte do ano lectivo transformou-se em ano examinante. Só um acesso ainda hoje é livre: o acesso à escola primária. Mas já o não é a saída deste grau de ensino e a entrada em qualquer outro que se lhe segue. E isto é uma anomalia: pretende-se acabar com o analfabetismo e não se permite que as crianças continuem estudos sem ter dado provas duplas de que podem ingressar na nova escola. Ora, isto é, sem exagero, um disparate. É a própria escola durante a frequência que deve orientar os alunos para o ensino que de acordo esteja com as suas aptidões e capacidades. Mas nada disto se faz; a escola perde tempo, os alunos perdem tempo, e, muitas vezes, muito mais do que tempo. A escola foi subtraída a sua principal missão e ao exame foram atribuídas virtudes que nunca teve. Pode-se conceber e admitir que o ingresso em certas escolas esteja condicionado pela prestação de provas com suficiente maleabilidade para indicar que o pretendente à sua frequência tem alguma possibilidade de êxito, sobretudo quando essa escola é medial e exige longos anos de preparação, mas já não se concebe e não se admite que outras escolas que são preparatórias para o trabalho, como as escolas técnico-profissionais, exijam um exame que permita a entrada daqueles que querem trabalhar e, mais do que isso, trabalhar melhor. Negar a entrada às crianças que pretendem frequentar o ensino profissional é o mesmo que dizer-lhes que elas não têm possibilidade de trabalho. O que é grave e por dois motivos: porque se pretende a extinção do analfabetismo e porque ninguém é tão pouco dotado que não tenha capacidade de ocupação em qualquer trabalho. O mal está em que o ensino profissional passou a imitar o ensino liceal e não organizou o seu quadro de estudos de molde a poder orientar na escola os alunos para a espécie de trabalho para que sem dúvida têm de ser capazes. Isto refere-se sem dúvida à população es-

colar normal; para os outros há os institutos especiais de reeducação e terapêutica convenientes. Mas em qualquer caso exames de entrada em qualquer escola aos dez anos de idade é um contra-senso.

Aos dez anos de idade a criança está na fase média de um período que convém não perturbar. Ela está ainda na fase de consolidação do aprendizado da escola primária e ainda não superou por insuficiência evolutiva todo esse saber que apenas retém para repetir sem compreender. O facto de noutros países ainda se manter tal estado de coisas não assume qualquer valor exemplar. A pedagogia contemporânea que tem estudado a criança nas suas fases evolutivas, nos seus processos sucessivos de pensamento e de imaginação, nas características da sua apreensão memorial, nos seus interesses e formas de curiosidade, nas suas fases de adaptação, reconhece hoje sem discrepância quanto tem de antipedagógico e brutal a prestação de provas de exame com tal idade. O primeiro exame com as consequências exigências de qualquer exame nunca deveria ser feito antes dos doze anos e nunca qualquer ensino que viesse a exigir provas deste tipo para acesso ou não acesso a qualquer escola deveria terminar antes dos doze anos. E isto porque os estudos de psicopedagogia do nosso tempo mostraram, podemos dizer definitivamente, que só nessa idade surge na criança a capacidade retrospectiva de domínio dos conhecimentos anteriormente adquiridos, de compreensão dos primeiros lares de organização mental dos saberes que a escola lhe transmitiu e da maturação da noção de «eu» até aí fragmentária. Só neste momento a criança pode dar conta do que aproveitou na sua aprendizagem, e só nessa altura nos podemos atribuir a responsabilidade de a dirigir para estes ou para aqueles estudos depois do conveniente período de orientação que qualquer escola deve possuir no seu plano de estudos. Não é agora momento de expor o que se faz em Inglaterra ou na Itália especialmente nestes domínios, pois con-

(Continua na pág. seguinte)

JÁ ME ESQUECIA: FELIZ NATAL!

Não há dúvida que há uma ética da vadiagem. Feroz. Estreita. Singular. E o companheirismo. É a malta.

Mas isto é palavreado. A história é que conta como as coisas são. Pelo menos, como se passaram.

Tudo aconteceu naquela tasca de caldo-de-camarão que, por caricatura aos «leões d'ouro», se chama o «Leão de Gesso».

A casa tem os seus frequentadores. A rapaziada. É natural que o dono a quisesse ter reunido neste Natal. Um tanto por isto, um tanto por outras razões, o Zé, todo encostado ao balcão, bebia as suas «gaiolas», desde o fim da tarde. Já estava tóldado — é certo — mas é assim que a malta se prepara para a consoada.

O dono, o «sô» Chico, esperava mais gente. Acreditava que toda a vadiagem, que bate à casa, o acompanhasse no bacalhau da meia-noite. Pensava mesmo fechar a porta lá pelas onze.

Um ou outro ia chegando e juntava-se ao Zé, nuns copitos traiçoeiros. Até que, todo «encaderna-

do» por fora, chegou o Julio da Bica. Vinha de gravata, casaco de racha-atrás e sapato com fivela. Era um insulto, como uma terrina de prata numa ceia da malta.

Mas ele explicou: «vinha só para dizer que não ficava».

«Porquê?», perguntaram, á uma, o «sô» Chico e o Zé.

«Eh pá! não vês que eu me fui «enforçar» para ir a uma casa fina. Gente que não é da malta: o padraço da minha madrinha. Um gajo que tem muito «caroço», onde eu não posso ir mal vestido».

O dono da casa contemporizou, com um fechar de olhos e um encolher de ombros. Mas o Zé, com todas aquelas «gaiolas» no bucho e porque não gosta de facadas na gajada, disse apenas: «Vais se eu quiser».

«Eh pá! Mas não vês que me interessa ir a casa dum tipo que me pode ser útil».

Estabeleceu-se barafunda.

«E por isso abandonas o grupo!»

«Deixas-nos a falar sózinhos!»

«Vais para o fim!»

«Atraíças os companheiros!»

Mas o Zé pôs fim à conversa. E, agarrando o Julio, disse-lhe mesmo ao pé da cara: «Vais se eu quiser».

O vinho azedou, especialmente, quando o rapaz atirou com «esta»: «Tramem-se vocês, que os meus interesses estão primeiro que o Natal com a malta».

Nessa altura, o Zé segurou-o pela racha do casaco e, num pequeno esforço, rasgou-lhe a fatiola até à gola. Depois, virou-o para ele e deitou-lhe as mãos às bandas, deixando-as em farrapos. Por fim, fez-lhe a camisa em tiras.

Em seguida, segurou-o no seu corpo alentado, levou-o até à porta e atirou-o para a valeta, exclamando: «Eu não disse que tu só ias se eu quisesse!»

Os outros acompanharam a facécia. Mas o Zé ainda tinha alguma coisa a dizer e, todo virado para trás lançou, com desdem, este vómito: «E já me esquecia: Feliz Natal!»

TAVARES da SILVA

Nota
do dia

OLHAR A VOLTA E PENSAR

HA UM ARMISTICIO na luta de toda a gente. Mesmo os mais desprotegidos se deixam tocar pela ilusão. Para tudo quanto não seja o imediatamente irremediável. E fica esta sensação de interregno, de intervalo no espectáculo do mundo, o cessar-fogo nos sectores de combate no Vietnam, a festa nos hospitais, os olhos episódicamente felizes dos pobres e doentes que não se curam mais da pobreza ou da doença, as árvores de Natal que esperam o Dia de Reis para ir na carroça do lixo, as mensagens de boas-festas que os carteiros carregam de mistura com cartões de pêsames — o quadro fácil de contraste que os observadores da vida sempre nela surpreenderam e que se pintam no soneto de Olavo Bilac.

Mas há mais. Há o espectáculo novo, que nos maravilha mas já nos não surpreende, do homem passeando-se no espaço, a saltar de planeta em planeta, o mistério poético da Lua pálida a dissolver-se no prosaico das crateras, da lama, das superfícies irregulares e sem encanto. É um sonho que se desfaz para se formar outro sonho, este agora ao nosso alcance, do homem não mais se considerar prisioneiro da Terra, para empreender, agora sim, a grande aventura do Universo.

Tudo isto junto, as pequenas esferas brilhando de cores nos ramos de pinheiro ou o trânsito no grande espaço, a ilusão certa e a realidade admissível, o presente e o futuro aparentemente no mesmo prato, tudo isto junto é maravilhoso e pode levar-nos a uma avaliação diferente da medida dos problemas do nosso dia-a-dia. Valerá a pena dar tamanha importância a tudo isso? Valerá a pena dar tamanha importância ao nosso dia-a-dia? É uma dimensão nova.

É uma dimensão nova e uma dimensão diferente, através da qual se sentem alteradas todas as perspectivas a que nos tinham habituado, as de cada um de nós e as do pequeno submundo de que fazemos parte, as do mundo imediato que nos rodeia e as do grande universo em que nos supomos integrados. Tudo isso obriga a pensar, tudo isso parece para rever. Toda a gente é capaz de assentar rapidamente na mesma conclusão que sim, senhor, que é para rever. Mas saberá toda a gente ser capaz de se dar ao esforço de pensar como?

É isso que se pede. O espectáculo do mundo corre apressado de mais para que seja fácil reter imagens que já não são, que já não têm vida própria e que permanecem na nossa retina, julgamos nós que as mesmas que eram ou que foram, mas que se vão diluindo e apagando nas realidades reais que não são simplesmente as da nossa criação subjectiva: onde está, onde continua a estar a coincidência entre o que é e o que julgamos ser, entre o que queremos e o que podemos?

O mundo das ideias, o pensamento dos homens, pelos séculos fora, tornou possíveis e necessárias as regras e a mecânica da civilização em que vivemos. Que prodigiosos frutos deu a árvore dessa civilização! Mas agora, parece que não é já a civilização que condiciona os prodígios, mas, ao contrário, que são esses prodígios que condicionam a própria civilização. Qual? É esse o drama, o não sabermos. Mas é preciso procurar, pensar, pensar sempre. Não será sonhar? Mesmo que seja: toda a vida houve sonhadores — e quem desdenhasse deles...

MÁRMORES

— DE —

SOUSA BAPTISTA

Casa especializada no preparo de mármore — Oficinas completas para todos os trabalhos — Pedreiras em Pero Pinheiro e Vila Viçosa — Louças sanitárias e materiais de construção

29, Praça do Município, 30 — Largo de S. Julião, 18
Telefone 32 76 43 — LISBOA

OFICINA DE SERRAÇÃO DE MÁRMORES

Pedra Furada — Tel. 297-829

Deseja a todos os seus clientes e amigos BOAS FESTAS.

Festas de Natal

AS BOAS-FESTAS DO MINISTRO DAS COMUNICAÇÕES NO AEROPORTO

O ministro das Comunicações esteve ontem no Aeroporto da Portela para apresentar pessoalmente as suas boas-festas a todos os profissionais ali impedidos em trabalhos de rotina.

Durante a visita, que começou pela torre de «controle» e se estendeu ao Serviço Meteorológico, Centro de «Controle» Regional e outros serviços, o ministro foi acompanhado pelo director-geral da Aeronáutica Civil e seu adjunto, director do aeroporto, director do Serviço Meteorológico e chefe dos Serviços Técnicos.

Da Citroen (em Mangualde)

MANGUALDE, 26 — A Citroen promoveu uma festa para os seus empregados e familiares, que foi, muito apreciada. Artistas da Rádio e da Televisão participaram na festa, animando a assistência que enchia a casa. No decorrer do espectáculo foram distribuídos a todas as crianças filhas dos empregados e operários brinquedos que as puseram radiantes. Por fim procedeu-se à distribuição de consoadas aos empregados e operários.

Dos filhos dos empregados da Messa

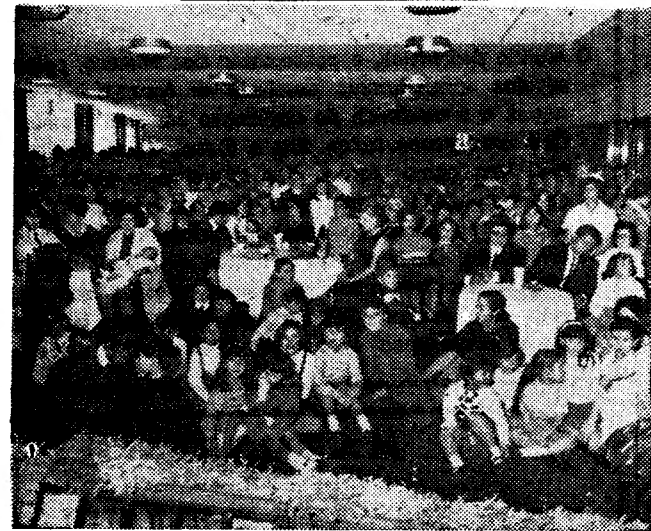
Com o patrocínio da empresa e organização do G. D. P. Messa realizou-se no Cine-Teatro Carlos Manuel, em Sintra, a festa de Natal dedicada aos filhos dos seus colaboradores.

A sessão foi preenchida com a representação de uma peça de teatro infantil por elementos do Grupo Cénico do C. A. T., projecção de filmes de desenhos animados e variedade. No final, houve distribuição de lanches e brinquedos.

Da Junta de Freguesia da Santa Justa

A Junta de Freguesia de Santa Justa distribuiu um bode, em dinheiro, às famílias mais necessitadas da área da sua jurisdição.

Agradecemos o donativo enviado com destino aos pobres protegidos pelo nosso jornal.



Um aspecto da assistência á festa de Natal no Hotel Estoril-Sol

No Hotel Estoril-Sol

Cerca de mil pessoas participaram, alegremente, na festa de Natal dedicada aos filhos dos empregados do Hotel Estoril-Sol. Encheu-se por completo a ampla sala de jogos daquele estabelecimento hoteleiro e todos os presentes seguiram, com agrado, um acto de variedades que esteve a cargo do próprio pessoal do hotel. Foi servido

Dos combatentes dos concelhos de Oeiras e Cascais

A delegação de Oeiras da Liga dos Combatentes contemplou com donativos no total de 6540\$00 oitenta dos seus filiados mais necessitados, antigos combatentes ou expedicionários, e viúvas residentes nos concelhos de Oeiras e Cascais.

No Sport Lisboa Amoreiras

A exemplo dos anos anteriores, o Sport Lisboa Amoreiras distribuiu, ontem, dia de Natal, um bode a pobres da área das Amoreiras.

Foram contemplados setenta necessitados que receberam as dádivas das mãos das senhoras da secção de beneficência daquele clube.

Na Juventud de Galicia

A comissão de festas da Juventud de Galicia — Centro Gallego — mantendo uma tradição que tem 60 anos, promoveu, ontem, dia de Natal, mais uma tarde infantil dedicada aos filhos dos seus associados.

A festa, que principiou às 16 horas e teve a presença de cerca de duzentas pessoas, constou de exibição de filmes de desenhos animados e da grande metragem «Loia Cantadeira Cigana». Nos intervalos foi distribuída uma merenda a cerca de oitenta crianças, às quais o director do Centro, sr. Joaquín Calzadillo Blanco, fez entrega de brinquedos e balões.

No Clube de Futebol Varense

O Clube de Futebol Varense, distribuiu géneros alimentícios e brinquedos a 25 crianças pobres. Assistiram os directores e as senhoras da secção de beneficência.

Do pessoal dos Laboratórios Medicamenta

Nas novas instalações fabris da empresa, em Queluz de Baixo, decorreu a festa de Natal do pessoal dos Laboratórios Medicamenta.

Assistiram os administradores srs. dr. Miguel Cocco, António Diogo Bravo, eng. Chaves Costa e Paulo Miguel Cocco, e numerosos colaboradores de todo o País.

Do programa constou um espectáculo para as crianças distribuição de brinquedos e lembranças aos presentes e lanche. Três pequeninos e um simpático Pai Natal encarregaram-se da distribuição dos brinquedos e leram mensagens de esperança alusivas á época.

A esposa do Chefe do Estado presidiu à distribuição de um bode no Casino Estoril

O tradicional bode natalício, promovido pela Estoril-Sol, beneficiou, este ano, uma centena de famílias necessitadas, da zona onde



A esposa do Chefe do Estado entrega broas a uma das pobres contempladas no bode distribuído pelo Casino Estoril. Junto da sr. D. Gertrudes Thomaz vêem-se as srs. D. Maria Emília Teles e D. Ana Maria Teodoro dos Santos

aquela empresa exerce a sua actividade. A distribuição presidiu, como já vem sendo hábito, a esposa do Chefe do Estado, que se fazia acompanhar de sua filha, D. Natália Thomaz. Entre as senhoras presentes estavam D. Maria da Conceição Azevedo Coutinho, D. Cláudia do Couto, D. Elvira Amaral e D. Maria Emília Teles e D. Ana Maria Teodoro dos Santos, esposas dos administradores da Estoril-Sol, srs. dr. Manuel Teles e Jorge Teodoro dos Santos, que também estavam presentes, acompanhados pelos funcionários superiores srs. António Esteves e tenente-coronel Almeida Andrade.

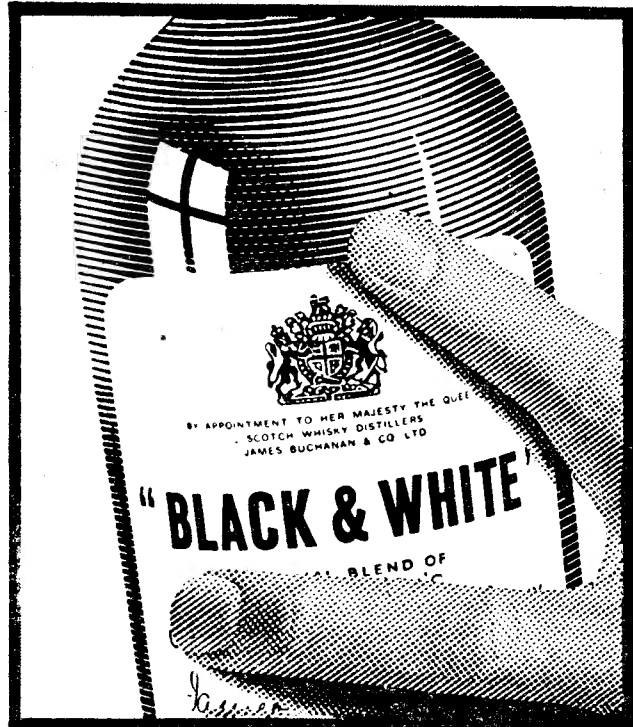
O bode era constituído por variados géneros alimentícios, nomeadamente os que entram habitualmente na confecção da ceia de Natal. Após a distribuição do bode, que decorreu no átrio do Casino Estoril, houve uma festa dedicada aos filhos dos que ali trabalham. Mais de

Da firma «Metalurgica Casal»

No passado dia 22, realizou-se, como fora anunciado, uma festa dedicada aos filhos do pessoal da Metalurgica Casal, S. A. R. L., em Aveiro.

Depois da exibição de um conjunto musical e de um grupo de palhaços a administração da empresa distribuiu brinquedos e guloseimas que fizeram as delícias da petizada.

No dia seguinte, realizou-se um almoço de confraternização do pessoal, sendo, então, apresentado o novo director técnico, sr. eng. Pregitzer. Usaram da palavra o presidente do conselho de administração, sr. João Casal, o novo director e o cessante, sr. Robert Zipprich, que, no final, foi alvo de uma manifestação calorosa. O sr. Zipprich continuará a exercer as suas funções de administrador da empresa e de conselheiro técnico.



AS PESSOAS QUE CONHECEM A DIFERENÇA ESCOLHEM O WHISKY «BLACK & WHITE»

AGENTES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL:

J. CÂNDIDO DA SILVA

LISBOA: Avenida de Berna, 42-A—Telefone 760194 e 776340

PORTO: R. de S. Luís, 12 a 22—Telefs. PPC 28251/2/3/4/5 e 37045

COIMBRA: R. Dr. António José de Almeida, 273 a 277 Telef. 27477

Crianças do concelho de Sintra tiveram a sua festa de Natal no Cine-Teatro Lido (Amadora)

Por iniciativa da empresa do Cine-Teatro Lido, com a colaboração do nosso jornal, realizou-se ontem á tarde, pela primeira vez, em ambiente de muita alegria e grande animação, uma festa de Natal dedicada às crianças pobres do concelho de Sintra.

Após a primeira parte do programa, preenchida com números de «music-hall», para o qual contribuíram os ginastas olímpicos Lourdes, Napoleão e os seus endiabrados chimpanzés amestrados, D. Aguilardo, ilusionista internacional com a sua «Fantasia Mágica», o conjunto típico Cantares de Portugal, gentilmente cedido pelo restaurante «Guizo» e os já consagrados palhaços

internacionais Humberto, Totó Campos & C. foi distribuído, a cada uma das sessenta crianças, um lanche, brinquedos e um sobrescrito contendo uma quantia em dinheiro.

No Asilo de S. João

As 73 educandas do centenário Asilo de S. João tiveram, ontem, á sua volta um ambiente de especial carinho, numa «festa da família» especialmente significativa, para quem se encontra na orfandade.

Houve um almoço, em que participaram também os directores da instituição e, a meio da tarde, as educandas receberam, com suas famílias, prendas evocativas deste Natal.

Educação: O mais importante problema

(Continuação da pág. anterior)

quanto a experiência dos outros nos possa auxiliar no conhecimento das nossas exigências, o fundamental não está em imitar, mas em organizar uma escola que seja eminentemente nossa e que não valha só porque assim se faz neste ou naquele país mais adiantado do que o nosso. O nosso ensino consciente da sua própria infecundidade julgou que tudo se corrigiria com a obrigatoriedade de provas de exame.

Mais uma vez se verificou o que em outros domínios infelizmente se tem verificado: pretendeu-se corrigir o mal com outro mal maior. Pretendeu-se abolir a responsabilidade da escola com a irresponsabilidade de um acto que não significa nada nem tem qualquer valor. Que seja necessário um quarto de hora em condições irregulares de ordem específica para validar ou invalidar o destino de um jovem que durante meses es-

teve prestando provas é o maior desmentido da utilidade, da seriedade e da responsabilidade que deveriam pertencer aos professores que ensinam. E estes nunca deveriam delegar a sua responsabilidade aos professores que examinam quando não são eles próprios que sobre si cometem este acto de desautorização. Não, não é com exames, com muitos exames, com pontos secretos ou com qualquer mecânica administrativa e cuidadosa de grande sigilo que a causa da educação nacional poderá cumprir a missão que lhe compete. A escola deve ser dada a possibilidade de, em qualquer momento, convenientemente informada pelos seus peritos orientadores indicar se tal aluno deve ou não continuar os estudos, ou se deve passar a outra escola compatível com os seus interesses e capacidades averiguadas. De outro modo, as consequências para a sociedade são teríveis. Os escolares procuram fora da escola repetidores que os auxiliem a melhor enganar os mestres nessa far-

sa dos exames que se tornaram nos dias de hoje a única coisa que importa. Não é o próprio desenvolvimento mental, não é a compreensão das matérias do programa, não é a autêntica formação que devia ser o escopo final de cada um, que tem importância, mas sim passar no exame com saber ou sem saber e com nota que some as decimais suficientes. Pode-se admitir ou continuar a admitir tal situação? É-nos lícito continuar a enganar e a sermos enganados com tais processos ilusórios e imorais? Certamente que não. É urgente a reorganização dos nossos estudos especialmente nos sectores que mais influência possuem no esclarecimento da mentalidade nacional. Não são necessárias mais reformas, elas causaram tudo isto que temos apontado; o problema é outro e o momento chegou de acabarmos com improvisações para conservar o que já não tem direito de subsistir.

DELFIN SANTOS

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO MUNDIAL

TÍTULO — «A Condessa de Hong-Kong» («A Countess from Hong-Kong»).

REALIZADOR — Charles Chaplin, 1966.

INTERPRETES — Marlon Brando, Sophia Loren, Sydney Chaplin, Tippi Hedren, Patrick Gargill, Angela Scoular, Margaret Rutherford, etc.

O que há de genial nos homens geniais é precisamente o talento de aparecerem perante o seu público, mostrarem as mãos limpas, olharem de frente os que os olham, e iniciarem o número, sem qualquer tipo de subterfúgio. Tirarem dos chapéus altos coelhos amestrados, dos bolsos pombas, dos decotes grinaldas de flores. Equilibrarem no alto do nariz uma bengala, malabariar garrafas e, de cada vez, reinventar o riso. Encher os olhos de lágrimas ou contorcer de gargalhadas as gargantas. Fazer, como Picasso, de um pequenino pedaço de barro uma pomba que voe em direcção à liberdade, ou esboçar de ternura uma tela branca, como o sabia fazer Modigliani.

Tropear numa caixa, ou envolver-se com fúria nos lençóis são coisas simples que todos podem tentar. Diz-se mesmo que o riso é fácil. É-o na maioria dos casos. Em Chaplin, porém, o humor que daí se extrai é simultaneamente fácil (porque espontâneo) e genial (na medida em que ultrapassa a mediocridade dos outros humores fáceis). Chaplin seria, creio bem, o único realizador vivo capaz de dirigir *A Condessa de Hong-Kong* e fazer dela, não uma comédia medíocre, mas uma película genial. Não que seja um filme perfeito. Não que seja uma obra-prima. Mas uma película simplesmente genial (o que quer dizer que os génios se mantêm geniais, para além de todas as possíveis oscilações dos tempos e das circunstâncias).

Na verdade, há mais ternura e ferocidade em qualquer plano desta *Condessa* do que em muitas outras obras redondinhas de perfeição, onde a emoção se perde, a vida se extravia. Ora

QUE VIVA CHAPLIN!

esta *Condessa de Hong-Kong* tem erros de escrita que seriam erros de palmaria para qualquer aluno do IDHEC. Falhas de *raccord* (ou seja, planos que se intercalam de forma defeituosa), transparências das mais evidentes possíveis (uma sequência numa praia toda filmada em estúdio com fundos pintados), pedaços de outros filmes aqui introduzidos consoante a necessidade do argumento (um dos mais clamorosos é a partida do barco do Hawai), etc., e, no entanto, poucas vezes sentimos tão próxima a presença de um artista como neste filme de Chaplin, este «album de família», onde o autor resolveu meter quase todos os parentes, desde o irmão Sidney, à filha Geraldine, até às outras duas filhas mais novas.

A história de *A Condessa de Hong-Kong* é linear e simples. Marlon Brando, embaixador americano em viagem para Washington, onde vai tomar posse do seu lugar de plenipotenciário na Arábia Saudita, encontra, nos seus aposentos do transatlântico em que viaja, Natacha, uma condessa (Sophia Loren) que pretende fugir de Hong-Kong e emigrar clandestinamente para os Estados Unidos. Natacha saiu da Rússia com um refúgio branco, depois da Revolução de 1917, indo parar a Xangai, donde mais tarde voltará a ser obrigada a sair, depois de nova guerra e nova revolução. Em Hong-Kong, ganhava a vida num *cabaret*, dançando com

marines, «a 1/2 dólar a dança com uma verdadeira condessa».

Por seu lado, Marlon Brando é casado com Tippi Hedren, e prepara-se para o divórcio, quando é nomeado embaixador. O divórcio passa, portanto, para um plano secundário, em virtude das imposições do novo cargo. O aparecimento de Natacha nos seus aposentos, apresenta-se, consequentemente, como uma ameaça latente à sua posição e à carreira futura.

A Condessa de Hong-Kong define-se desde logo, nas suas permissas iniciais. O filme será o que ocorre dentro desses aposentos, entre duas salas, duas portas, um armário, uma casa de banho e duas ou três incursões ao exterior. Será nesse cenário único que Chaplin irá improvisar o seu número. Ai temos o artista num palco quase deserto fazendo sair as pombas das cartolas. É o *mistério* principal. Um toque de campanha será a faísca necessária às explosões que se repetem. E, a cada explosão inventará Chaplin um novo *gag*. Mas, o humor de Chaplin é inimitável. A sua prodigiosa imaginação não se limita a encenar mecânica e friamente o que quer que seja. Chaplin ama os seus personagens e isso nota-se em cada olhar que a câmara lhe deita e capta no celuloide. Ama-os com ternura, afeiçoa-se-lhes com carinho, sem lamentos. E quando é necessário vergastar, Chaplin não é menos brutal. co-



Chaplin — o génio ao serviço do Cinema

mo nessa sequência final em que Marlon Brando e Sophia Loren dançam envolvendo-se com a dignidade que soberam conquistar, enquanto, à sua volta, meia dúzia de pares, enfiados pelas convicções, arrastam os pés e abanam ridículos as abas das casacas. Falando ainda de brutalidade, que dizer do casamento que se arquitecta entre o mordomo de M. Brando e S. Loren, situação que, nas suas múltiplas consequências, é a mais violenta crítica à instituição que nos lembra ter assistido?

Não! Charles Chaplin, aos 79 anos de idade, não abdicou de nada do que o fez famoso. Nele encontramos o mesmo lirismo, a mesma ternura, a mesma virulência, os mesmos temas, o mesmo estilo de cinema. A sua grandeza continua a ser a simplicidade de falar, a facilidade com que chega ao público, contagiando-o. Fugindo às frases feitas, ao experimentalismo moderno (que nele seria simplesmente gratuito), Chaplin tem a coragem de prosseguir um caminho, mantendo-se igual a si próprio.

Na interpretação, deixando de lado Marlon Brando e Sophia Loren (impecáveis), salientamos Patrick Garrill (um mordomo notável), Angela Scoular (que como diz o seu pai, é uma verdadeira revelação) e Margaret Rutherford (numa excelente rábula).

Nos complementos, António Lopes Ribeiro (nos azarões do destino a pelas coincidências da sorte do novo mundo de Chaplin) é o cineasta pouco inspirado de *Terra Santa-Terra Prometida*, documentário (onde tal como Hitchcock, o próprio A. L. R. aparece, misturado num grupo de turistas portugueses) sobre Israel. Lindas vistas.

• NO ROMA

TÍTULO — «O Profeta» («Il Profeta» — 1968).

REALIZADOR — Dino Risi.

INTERPRETES — Vittorio Gassman, Ann Margret, Oreste Lionello, Liana Orfei.

Dino Risi é fundamentalmente *A Ultrapassagem*: filme onde se ultrapassou a si mesmo, como é fácil deduzir da quase totalidade dos restantes filmes que veio a realizar. A fórmula permanece, com Gassman em primeiro plano. Mas degradada se.

Desta vez, havia uma ideia como ponto de partida: um homem que, farto do ruído, da civilização industrial, da sociedade de consumo, dos mecanismos publicitários e dos ócios programados, resolve abandonar o mundo onde vive e passa a habitar a montanha como um eremita. Para esta ideia, Risi precisava duma história: e por muito que procurasse, quando chegou ao fim, ainda não a tinha arranjado. E eis que o profeta desce à cidade trazido pela justiça e deambula ao acaso para sua instrução e nosso tédio. E visita os *hippies*, grotescamente apresentados por Risi para suscitar o riso fácil. Mas o fenómeno *hippie* é demasiado sério para servir de alvo a qualquer autor mais ou menos cabotino e sem imaginação. As sequências alongam-se na mais triste monotonia. Nem é Ann Margret, a representar cada vez pior, que nos consegue sacudir duma tranquila sonolência após um alegre dia de Natal. Anote-se ainda as

tendências de Risi para a piada grosseira, e temos as linhas gerais dum panorama negativo. Alguns apontamentos de certo humor, um ou outro pequeno achado, não salvam este desastrado empreendimento. E na segunda parte (de que apenas vemos alguns extractos, o que torna as coisas ininteligíveis), tudo piora: a domesticação do profeta nos quadros da sociedade que ele rejeitara opera-se lentamente, via Ann Margret primeiro, e depois por intermédio duma jovem, com vocação para dona de casa, que ataca de secador na mão. A irreverência de Risi é um puro artifício. Ou uma nostalgia. Em contrapartida, o conformismo de Risi é tão ostensivo que já nenhuma simpatia nos pode merecer. E. P. C.

• NO OLÍMPIA

TÍTULO — «Guerreiros em Fúria».

REALIZADOR — Michelé Lupo, 1967.

INTERPRETES — Mark Forest, Scilla Gabel, José Greci, etc.

Michelé Lupo, director festejado de um tipo de *peplum* em que se vem tornando *habitué* (dois filmes curiosos: *Sete Contra Todos* e *Sete Contra o Mundo*), realizou, rapidamente, estes *Guerreiros em Fúria*, onde se fala das aventuras heróicas de Mark Forest no reino desenterrado de Mituro. Princesas raptadas, mortes súbitas, rainhas despóticas, o povo em rebelião, batalhas e duelos corpo a corpo, eis o que Lupo oferece. É pouco, concordemos, e sobretudo sem inspiração. — L. A.

FILMOGRAFIA DE CHARLES CHAPLIN

Nascido em Londres a 6 de Abril de 1889.

Artista de «music-hall», parte em 1914 para os E.U.A., integrado na Companhia de Fred Karno, onde assina contrato com a Keystone, dirigida por Mack Sennett.

PERÍODO KEYSTONE (1914) — 35 filmes de uma bobina.

PERÍODO ESSANAY (1915-16) — 16 curtas-metragens.

PERÍODO MUTUAL (1916-17) — 12 filmes curtos, entre os quais «The Vagabond», «The Pawnshop», «Easy Street», «The Immigrant», «The Adventurer».

PERÍODO FIRST NATIONAL (1918-23) — «A Dog's Life» (Uma vida de cão), «Shoulder Arms» (Charlotte nas trincheiras) e «The Bond» (1918); «Sunnyside» e «A Day's Pleasure» (1919); «The Kid» (O garoto de Charlie) (1920); «The Idle Class» (1921); «Pay Day»

(Dia de pagamento) (1922); «The Pilgrim» (O peregrino) (1923).

Em Abril de 1919, Chaplin funda, juntamente com Mary Pickford, Douglas Fairbanks e D. W. Griffith, a «United Artists», que será a produtora dos seus filmes até 1952, ano em que é expulso dos Estados Unidos.

«A Woman of Paris» (1923); «The Gold Rush» (A Quimera do Ouro) (1925); «The Circus» (O circo) (1928); «City Lights» (Luzes da Cidade) (1931); «Modern Times» (Tempos Modernos) (1936); «The Great Dictator» (O Ditador) (1940); «Monsieur Verdoux» ou «Comedy of Murders» (O Barba-Azul) (1947); «Limelight» (Luzes da Ribalta) (1952); «A King in New-York» (Um Rei em Nova Iorque) (1957); «A Countess from Hong-Kong» (1965).

ROMA

(ADULTOS)

HOJE E AMANHÃ
(SÓ NAS SESSÕES DA NOITE)



MAYSA

A MAIOR DO BRASIL

ACOMPANHADA POR

THILO'S COMBO

Na tela: O Profeta c/ Vittorio Gassman e Ann Margret

nas datas mais festivas a amizade é também responsabilidade

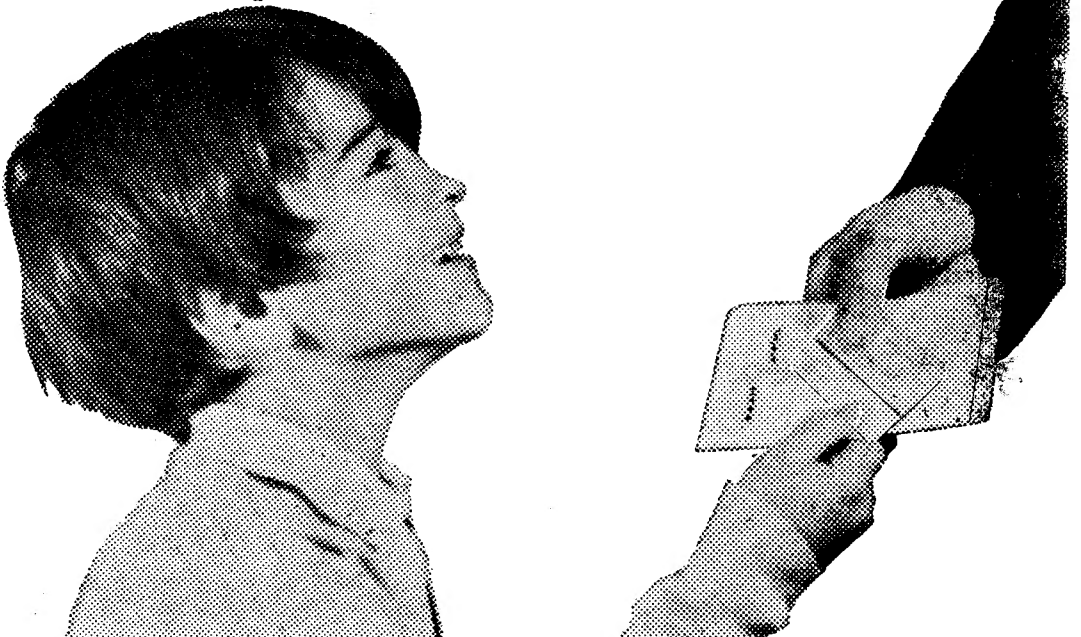
Ofereça ao seu filho,
neto, sobrinho, afilhado, familiar
ou jovem amigo
Uma lembrança que perdure e frutifique:

UMA CONTA NO

BANCO **b** JUVENIL



BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO





PARA O NATAL

NO CINEMA



O MAIOR ÊXITO DE PARIS!



COM

LOUIS DE FUNÈS
ROBERT DHERY

A MAIS HILARIANTE
FANTASIA NA MAIS
DELIRANTE PARÓDIA!

EM:

2.^a

SEMANA

— 12 ANOS —

com COLETTE BROSSET e FRANCO FABRIZI

Produção de
ROBERT DORFMANN



APRESENTADO POR VASCO MORGADO

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

HOJE
2 SESSÕES
AS
21 HORAS
E AS
23 HORAS
(ADULTOS)



FERNANDA BORSHEI ELINA DAZ MARIO JACQUES ANTONIO MORGES DAVID SILDA



Novo CASINO ESTORIL



apresenta



ELLEN DE LIMA

VEGETA DA CANÇÃO BRASILEIRA

LEO BASSI
CARLOS BARRA



BONJOUR PARIS SHOW
de Doriss Haug

JIRINA'S COMBO
OS "SHEIKS"
JORGE COSTA PINTO
E SUA ORQUESTRA

no grande salão restaurante às 23.30h m/12 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

NO CINEMA ÀS 21.30 H
ARIZONA COLT
(M/ 17 anos)

NA PASSAGEM DO ANO

AMÁLIA

(M/ 17 ANOS)

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVINCIA

AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2

TELEF. 369384



Salomé: a T. V. E. escolheu-a para uma difícil jogada comercial

Salomé: A Espanha no Festival da Eurovisão

No último sábado, a cancionista Salomé esteve no Centro de Produção da TV Espanhola (Prado del Rey) a gravar um programa para a próxima emissão. A presença em Madrid da popular intérprete chamou para si as atenções da Imprensa que ocorreu ao Estúdio 4 da TVE para a entrevista. E foi então que se soube: Salomé é a artista escolhida para representar a Espanha no Festival da Eurovisão que se celebrará no Teatro Real de Madrid, no próximo mês de Março.

Ao mesmo tempo os jorna-

tistas foram informados de que a TVE abria um concurso para eleger a canção que Salomé interpretará nessa noite.

A escolha de Salomé foi bem acolhida. Os seus êxitos nos Festivais de Karlovy-Vary, Malta, Sopot e Rio de Janeiro, assim como as presenças nas televisões da Roménia, Hungria, Jugoslávia, Polónia e, muito recentemente, Alemanha, pareciam indicar que Salomé fazia a sua «rodagem» internacional para a importante jogada comercial de 29 de Março de 1969.

RECINTOS DE DIVERSÕES

* Túlio Pereira está a compor músicas para as canções «Lugar Bendito» e «Vestido de noivado», que têm letras de Maria Orisantina.

* A artista Arminda da Conceição passou a fazer parte do elenco do restaurante típico «O Timpas».

* Regressou novamente a Lisboa a fadista Susana Alvim, após espectáculos isolados no Algarve.

* «Perdão te pedi na areia», é o título de uma nova produção do compositor Túlio Pereira, e poesia de Maria Orisantina, que vai ser interpretada pela novel fadista Glória Ma-

ria, presentemente a actuar com êxito na «Vieira».

ÚLTIMA EXIBIÇÃO DE «SALVATORE GIULIANO»

Em sessão clássica do Império, a realizar hoje, às 18 e 30, apresenta-se, pela última vez em Portugal, a obra-prima de Francesco Rosi (premiada nos Festivais de Berlim e de Lisboa) «Salvatore Giuliano», que vai ser des-

Hoje, às 21.45 h.

— 10.ª —

SEMANA



(Adultos)

com

HENRIQUE • IRENE • COSTINHA • SEMEDO • LIA • ANABELA e ADRIANO REYS

Dir. plástica de F. RELOGIO
Encenação de MARIA HELENA

• RIA COM GOSTO •
E NÃO DEIXE DE VER

O AMOR-68

UMA FANTASTICA COMÉDIA
DE HENRIQUE SANTANA
UM ESPECTACULO DE
VASCO MORGADO
NOVO EXITO DA
C.º TEATRO ALEGRE

NO TEATRO T. 32.60.37
VARIEDADES

VASCO MORGADO
LAURA ALVES

UM NOME DO POVO
PARA UM TEATRO
NOVO

BREVEMENTE
INAUGURAÇÃO



**O NOVO
MENTIROSO**

encenação de
JOSÉ RAMOS

GENAS DE
JOÃO VIEIRA

COM
BRUNILDE JÚDICE
RUI DE CARVALHO

MANUELA MARIA
CÉLIA DE SOUSA
FERNANDA FIGUEIREDO
BENJAMIM FALCÃO

1.ª e 2.ª REVISÃO

GUIDA MARIA • VASCO MORGADO JR.

A HISTÓRIA DE UM JOVEM
E O SEU MUNDO DE FANTASIA...

ESTA SEMANA em ESTREIA

NO
TEATRO

MONUMENTAL

(ADULTOS)

A FANTASIA MUSICAL

CLICK! JA ESTÁ

«RÉVEILLON» BILHETES
A VENDA



1969

ESPERANÇA

E

CONFIANÇA

Esperamos e confiamos
que a primeira badalada de 1969 marque
o início dum futuro progressivo cheio de
prosperidades para todos os portugueses.



ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA

PINTO DE MAGALHÃES

COM TODAS AS SUAS AGÊNCIAS, DEPENDÊNCIAS E CORRESPONDENTES

Os prémios do Concurso de Arte Dramática

do Nacional da Informação anunciou os premiados do Concurso de Arte Dramática das Colectividades de Cultura e Recreio e dos Grupos Dramáticos Independentes, confirmando a vitória do excelente grupo do Barreiro, Clube de 22 de Novembro.

Os premiados são os seguintes:

Na categoria A (de características exclusivamente amadoras) foram atribuídos os seguintes prémios:

A — GRUPOS:

1.º PRÉMIO «Augusto Roa», da importância de 15 000\$00, ao Clube 22 de Novembro, do Barreiro, com a peça «João Gabriel Borkman»; 2.º PRÉMIO «Eduardo Brás», da importância de 10 000\$00, ao Grupo Teatral Freamundense de Freamunde, com a peça «Os Gladiadores»; 3.º PRÉMIO «Frederico da Silva», da importância de 7 000\$00, ao Grupo Cénico da Delegação da F. N. A. T. de Coimbra, com a peça «A Carta Anónima»; 4.º PRÉMIO «Francisco Tabor», da importância de 4 000\$00, ao Grupo Amadores de Teatro «Marcelino Mesquita», do Cartaxo, com a peça «Mar».

A — ENSAIADORES:

1.º PRÉMIO «António Pinheiro», da importância de 5 000\$00, ao ensaiador do Clube 22 de Novembro, do Barreiro, Graciano Simões; 2.º PRÉMIO «Araújo Pereira», da importância de 4 000\$00, ao ensaiador do Grupo Teatral Freamundense, de Freamunde, Fernando Santos; 3.º PRÉMIO «Carlos Santos», da importância de 3 000\$00, ao ensaiador do Grupo Cénico da Delegação da F. N. A. T. de Coimbra, José de Almeida; 4.º PRÉMIO «João Villaret», da importância de 2 000\$00, ao ensaiador do Grupo Amadores de Teatro «Marcelino Mesquita», do Cartaxo, Rosário Marques.

A — INTERPRETES FEMININOS:

1.º PRÉMIO «Rosa Damasceno», da importância de 3 000\$00, «ex aequo» a Raquel Maria e Fernanda de Castro, pelas suas actuações nas peças «João Gabriel Borkman» e «A Carta Anónima», respectivamente; 2.º PRÉMIO

«Ângela Pinto», da importância de 2 000\$00, «ex aequo» a Elisabeth Silva e Maria Amélia Heitor, pelas suas actuações nas peças «João Gabriel Borkman» e «Mar», respectivamente.

A — INTERPRETES MASCULINOS:

1.º PRÉMIO «João Rosa», da importância de 3 000\$00, «ex aequo» a Eduardo Galvão e Manuel Correia, pelas suas actuações na peça «João Gabriel Borkman»; 2.º PRÉMIO «José Ricardo», da importância de 2 000\$00, a Cristiano de Almeida pela sua interpretação na peça «A Carta Anónima».

Na categoria B (amadores ensaiados por profissionais):

A — GRUPOS:

2.º PRÉMIO «Joaquim de Almeida», da importância de 10 000\$00, ao Grupo Sporting Clube Candalense, de Candal (Gaia), com a peça «O Assassino de Macário»; 3.º PRÉMIO «Chaby Pinheiro», da importância de 7 000\$00, ao Grupo Desportivo do Pessoal dos Telefones de Lisboa;

A — INTERPRETES MASCULINOS:

1.º PRÉMIO «Nascimento Fernandes», da importância de 3 000\$00, a José Pinto, pela sua interpretação na peça «O Assassino de Macário»; 2.º PRÉMIO «Estêvão Amante», da importância de 2 000\$00, a João Trindade, pela sua actuação na peça «O Assassino de Macário».

O júri deliberou ainda, de harmonia com o respectivo regulamento, atribuir os seguintes *Diplomas de Honra*, em reconhecimento do mérito e qualidades reveladas por grupos, intérpretes e outros colaboradores não premiados:

A Fernanda Esteves, do Grupo Cénico da Delegação da F. N. A. T. de Coimbra, na peça «A Carta Anónima»; a Carlos André, do Grupo de Amadores «Marcelino Mesquita», da Casa do Povo do Cartaxo, na peça «Mar»; a Fernando António Maria Gaspar, do Grupo de Amadores de Teatro «Marcelino Mesquita», da Casa do Povo do Cartaxo, na peça «Mar»; a Maria Manuela, do Clube 22 de Novembro, do Barreiro, na peça «João Gabriel Borkman»; a Arlette Freire, do Clube 22 de Novembro, do

Barreiro, na peça «João Gabriel Borkman»; a Piedade Torres, do Clube de 22 de Novembro, do Barreiro, na peça «João Gabriel Borkman»; a José Manuel, do Clube 22 de Novembro, do Barreiro, na peça «João Gabriel Borkman»; a João Almeida, do Clube 22 de Novembro, do Barreiro, na peça «João Gabriel Borkman»; a Américo Duarte, do Clube 22 de Novembro, do Barreiro, na peça «João Gabriel Borkman»; a Vitor Barreto, do Clube 22 de Novembro, do Barreiro, na peça «João Gabriel Borkman»; a Raul Gonçalves, do Clube 22 de Novembro, do Barreiro, na peça «João Gabriel Borkman»; a Helder Jôia, do Clube 22 de Novembro, do Barreiro, na peça «João Gabriel Borkman»; a António Vieira, do Clube 22 de Novembro, do Barreiro, na peça «João Gabriel Borkman»; a Zélia Santos, do Clube 22 de Novembro, do Barreiro, na peça «João Gabriel Borkman»; a Pires Correia, do Clube 22 de Novembro, do Barreiro, na peça «João Gabriel Borkman»; a Carolina Branco, do Grupo Sporting Clube Candalense, de Candal (Gaia), na peça «O Assassino de Macário»; a Ana da Conceição, do Grupo Sporting Clube Candalense, de Candal (Gaia), na peça «O Assassino de Macário»; a Eduardo Santos, do Grupo Teatral Freamundense, de Freamunde, na peça «Os Gladiadores»; a Carlos Alberto Bicha, do Grupo Desportivo do Pessoal dos Telefones de Lisboa, na peça «O Casamento»; a João Soares Gomes, do Grupo Desportivo do Pessoal dos Telefones, de Lisboa, na peça «O Casamento».

O júri decidiu, por unanimidade, salientar o alto nível do espectáculo apresentado pelo Clube 22 de Novembro, do Barreiro, com a peça «João Gabriel Borkman».

O júri era composto pelos actores Varela Silva e Paulo Renato, artista plástico Álvaro Duarte de Almeida, jornalista e crítico Duília Faria, Humberto de Ataíde, como representante da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio e Raul Santos Braga, representante da F. N. A. T.

PARA MAIORES DE 4 ANOS
HOJE AS
6,30 h.
DA TARDE
E ATÉ DIA 1 DE JANEIRO

BILHETES A VENDA
MARCAÇÕES — 53 85 86



UM ESPECTÁCULO INFANTIL
PARA CRIANÇAS DE TODAS AS IDADES

BONECOS de
SANTO ALEIXO

VENHA E TRAGA O SEU FILHO
OU
PEÇA AO SEU FILHO QUE O TRAGA

COLISEU

HOJE A NOITE

Às 21 e 30 — Para maiores de 6 anos

GRANDE
COMPANHIA
INTERNACIONAL
DE CIRCO

Atracções sensacionais
Alegria — Palhaços!

Amanhã, às 21 e 30
Podem assistir crianças desde os 6 anos

— Bilhetes à venda —

TRINDADE

— F. N. A. T. —

HOJE, às 21.45 h.

O T. N. P. subs. pelo Fundo do Teatro apresenta em

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

A TORRE
E O GALINHEIRO
com RIBEIRINHO
no protagonista
— 12 ANOS —

CAPITÓLIO

Telef. 320379
HOJE ÀS 21.45 H.
M/ 17 anos

TANGO
Pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II
Sábado, às 16 horas—Tarde a preços reduzidos
Domingo — Tarde dedicada a Estudantes
4.ª-Feira, 1 de Janeiro de 1969 — Tarde às 16 horas

TRAV. DA ESPERA, 38
TELEF. 35464

MIL E UM
É FADO!

Atenção

ao «Réveillon»
do Cinema Mundial

Ao organizar o seu primeiro «Réveillon» (destinado a maiores de 17 anos), o Cinema Mundial não se poupou a esforços no sentido de proporcionar um cartaz que pudesse interessar o público selecto que frequenta a sua sala.

Assim, para além de uma decoração própria, onde imperam a sobriedade, o bom gosto e a cor, o Mundial exhibirá nessa noite uma aliciante selecção de desenhos animados, a famosa comédia de Charlie Chaplin «A Condessa de Hong-Kong», com Sophia Loren e Marlon Brando, e ainda o hilariante filme «O Grande Restaurante», com Loui de Funès no protagonista.

Durante toda a noite, no bar do novo «foyer», em cujo tecto se suspendem mais de seis centenas de valões multicoloridos, três conjuntos tocarão musica para dançar: o Thil's Combo, os Chinchilas e ainda Eugénio Pepe e os seus Rapazes.

Todos os espectadores serão presenteados com um saco contendo diversos brindes, como chapéus, gaitas, serpentinas, bombons, etc., e com um serviço especial de pequeno almoço — chocolate quente e bolachas — que será servido a partir das seis da manhã.

E não faltará champanhe a assinalar a meia noite de maneira muito especial...

Salão de Fotografia da Costa do Sol

Aberta a amadores e profissionais, nacionais e estrangeiros, vai realizar-se no Estoril, mais uma vez, o Salão Internacional de Fotografia.

A entrega de trabalhos — sempre acompanhados do respectivo boletim de inscrição que, para o efeito, será fornecido, ou poderá ser solicitado pelo correio — deverá ser feita na Junta de Turismo da Costa do Sol (Arcadas do Parque — Estoril).

O Salão abrangerá vários aspectos relativos à zona compreendida no concelho de Cascais e que se relacionem com o seu interesse turístico, traços populares, praias e desportos, como ténis, golfe, hipismo, vela, esquí aquático, tiro a chumbo, equitação, etc.

Toda a correspondência deve ser endereçada à Junta de Turismo da Costa do Sol — Estoril.



HOTEL
EMBAIXADOR

TRADICIONAL «RÉVEILLON»
COM UM MAGNÍFICO «SHOW»

LIMA KIM

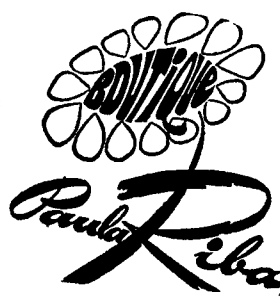
LEO BASSY • CARLOS BARRA

BONJOUR PARIS SHOW

PREÇOS: Restaurante e boite — Ceia, com reserva de mesa, 300\$00. (Taxas e impostos não incluídos). No Rés-do-chão — Entrada 150\$00 (com direito a 50\$00 de bebidas, acrescidos das taxas regulamentares) 17 ANOS

NO DIA DE ANO NOVO

Jantares com ementa especial ao preço de 130\$00. (Taxas e impostos não incluídos)



PRONTO A VESTIR
CONFECCOES
NOVIDADES

RUA DO CARMO, 51-5.º-C ★ Telef. 36 84 56
(tem elevador)

TRAZ A ALEGRIA CONSIGO,
SE FOR VER, MARIA VITÓRIA



• **TODAS AS**
NOITES
Às 20.45 e 23 h.
• **DOMINGO,**
«Matinée» às 16 h.

• **A REVISTA DA ALEGRIA E DA GARGALHADA**

• **GRANDE**

• **POETA É**

• **O ZÉ!**

• **O TRIUNFO DE UMA ALEGRE COMPANHIA, COM:**

SALVADOR • JOSÉ VIANA

• **MARIEMA**

• **MAX • ANITA • DORA**

• **VITOR MENDES**

E A ATRACÇÃO

• **BRIGITTE ST. JOHN**



JOSÉ VIANA

• Um espectáculo de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO
• Uma REVISTA de ANÍBAL NAZARÉ, SALVADOR e JOSÉ VIANA, com MÚSICA de JOÃO NOBRE e CARLOS DIAS

restaurante
arameiro

TRAVESSA DE SANTO ANTÃO, 21 (Restauradores)

Por motivo do seu aniversário e festa de confraternização do pessoal, hoje, dia 26, os jantares terminam às 22 horas, em vez das 3 e 30 horas como é do nosso horário.

Aproveitamos a oportunidade para desejar a todos os Ex.ªs Clientes, Fornecedores e Amigos, Boas-Festas e um Novo Ano muito próspero.

A GERÊNCIA



UM MONUMENTO

A D. MANUEL TRINDADE SALGUEIRO
SERÁ INAUGURADO EM ÍLHAVO
PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

ÍLHAVO, 26 — Por iniciativa do Município local, vai ser inaugurada, no próximo dia 29, a estátua a D. Manuel Trindade Salgueiro, presidindo ao acto o Chefe do Estado, acompanhado de membros do Governo e de altas entidades de diversos sectores da vida portuguesa.

O sr. almirante Américo Thomaz chegará a esta vila pelas 10 e 45, assistindo à missa celebrada às 11 horas, na igreja paroquial, pelo bispo de Aveiro D. Manuel de Almeida Trindade.

A inauguração do monumento far-se-á às 12 horas. Segue-se uma visita ao novo Mercado Municipal, e, às 13

e 30, almoço no Centro Social D. Manuel Trindade Salgueiro, e às 16 horas, visita ao Museu Marítimo e Etnográfico de Ílhavo.

A partida do Chefe do Estado e comitiva está prevista para as 17 horas.

FRATERNAL
DOS ANTIGOS
ESCOTEIROS

No refeitório dos Organismos de Pesca no Cais do Sodré, realiza-se depois de amanhã, às 21 e 30, mais uma reunião da Fraternal dos Antigos Escoteiros.

BEBIDAS ESTRANGEIRAS

J. A. DA COSTA PINA, LDA.

Rua do Alecrim, 73

Tel. P.P.C. 32 00 31/4 — LISBOA

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.

Rua do Bonjardim, 420

Tel. P.P.C. 24943, 26562, 32228 e 35221 — PORTO

B. SUCURSAIS EM:

COIMBRA
FAROORGANIZAÇÃO COM CERCA DE MEIO SÉCULO DE EXPERIÊNCIA
IMPORTA DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AS GRANDES MARCAS INTERNACIONAIS DE BEBIDAS

WHISKIES

WHITE HORSE
LOGAN'S
HIGHLAND QUEEN
GRAND 15
MARTIN'S 20 ANOS
BALLANTINE
BALI ANTINE 12 • 17 ANOS
ANTIQUARY
CANADIAN CLUB
I. W. HARPER BOURBON
JOHN JAMESON, etc.

CHAMPAGNES

HEIDSIECK MONOPOLE
MUMM CORDON ROUGE
e CORDON VERT
PERRIER JOUET,
etc.

COGNACS

COURVOISIER
BISQUIT,
etc.

VINHOS DE MESA

Franceses da CASA CALVET (Bordeus e Borgonha) e JACOBERT (Alsácia).

ARMAGNACS

CHATEAU DE MALLIAC

Alemães da CASA ANHEUSER & FEHRS (Reno e Mosela).

LICORES

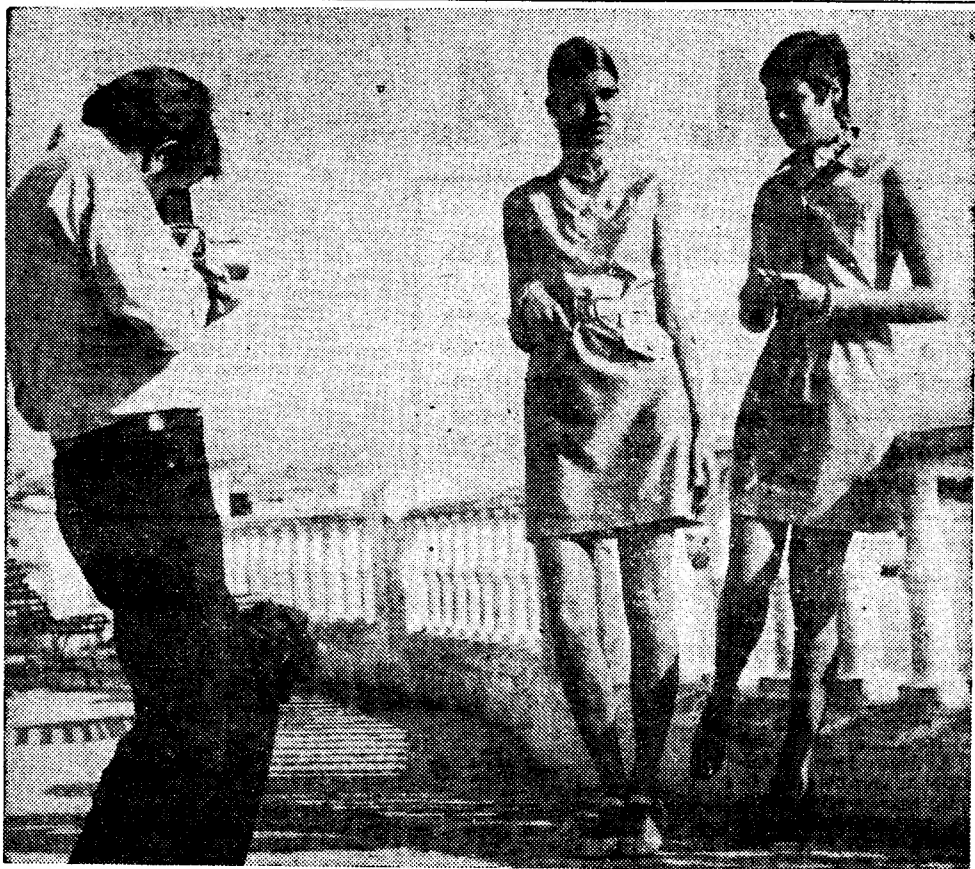
DRAMBUIE
CHERRY HEERING
TIA MARIA,
etc.

GIN

GORDON'S

Espanhóis da C. VINICOLA DEL NORTE DE ESPANHA.

TAMBÉM DISPÕE DE PRODUTOS NACIONAIS DE PRIMEIRA CATEGORIA



Os manequins da «Neve Mole» ao serem fotografados em Albufeira

MODAS ALEMÃS DE VERÃO
EXIBIDAS NO NATAL ALGARVIO

A revista de modas alemã «Neue Mode», que costuma publicar fotos respeitantes ao que vai usar-se meio ano depois, escolheu para isso o Algarve, este ano. Tratava-se de fazer fotografias de dois ma-

nequins em diversos trajes de Verão.

O Inverno algarvio, com a mais elevada média de insolação da Europa, foi o escolhido para o efeito. Os dois modelos germanicos privativos daquela

revista, as belas Suzanne e Beska, deslocaram-se ao nosso País acompanhadas de um dos ases da fotografia da «Neue Mode».

As gravuras documentam exuberantemente a plástica dos modelos, as linhas dos respectivos vestidos e o empenho que o fotógrafo põe no respectivo trabalho.

E foi assim que a vila de Albufeira conheceu, em primeira mão, na quadra natalícia deste ano, as grandes linhas da moda alemã no estio de 1969.

PROFESSORES PRIMÁRIOS DISTINGUIDOS
NA FIGUEIRA DA FOZ

FIGUEIRA DA FOZ, 26 — Em cerimónia solene na sala das sessões da Misericórdia foram distribuídos os prémios às professoras do ensino primário (que o «Diário de Lisboa» indicou) distinguidas pelo legado do visconde de Sousa Prego, benemérito a quem a cidade muito ficou a dever.

Assistiram os srs. dr. Marcos Viana, vereador em representação do presidente da Câmara e do Ciclo Preparatório, seu director; dr. João Regueira, reitor do Liceu Nacional; delegado escolar, sr. professor Lebre; Severo da Silva Biscaia, provedor da Misericórdia; funcionários do hospital e outras entidades.

Antes da entrega dos prémios (em quatro sobrescritos, contendo 7500\$00 cada um) usaram da palavra os srs. dr. Marcos Viana e Severo Biscaia que se referiram ao significado do acto.

Terminada a sessão, foi oferecido às professoras con-

templadas e a entidades diversas um almoço no Grande Hotel da Figueira.

parece feito para si...
e foi !

Especialmente concebido para ambientes modernos, na cozinha dos seus sonhos, GODÉSIA é o conforto que deseja.

Nos seus vários modelos, o esquentador GODÉSIA enquadra-se perfeitamente entre os armários actuais e limpa-se com enorme facilidade.

o esquentador que não esquece • o esquentador que aquece

COINTRA

Godesia

Distribuidores exclusivos para PORTUGAL:

LISBOA — RÁDIO INDÚSTRIAS, LDA.
Rua Pascoal de Melo, 127PORTO — RÁDIO ATLÂNTICA
Rua de Santa Catarina, 615

A G O R A É A S S I M . . .

FRIGORÍFICOS

MÁQUINAS DE LAVAR

TELEVISORES

130 L — 2150\$

SUPERAUTOMÁTICAS

COM U. H. F.

165 L — 2750\$

3.990\$

3.750\$

200 L — 2950\$

E AINDA FAZEMOS TROCAS!!

CASA M. L. FERREIRA — Rua D. Estefânia, 48-1.º andar (ao Largo)

Actualidade internacional

NO PACÍFICO

Navios preparam-se para recolher os astronautas

A BORDO DO «YORKTOWN», 26 — (A. N. I.) — A mil milhas do Hawaii, numa zona sempre deserta do Pacífico, três navios preparam-se para recolher os astronautas da «Apolo 8», que vêm a caminho da Terra.

O porta-aviões «Yorktown» encontra-se na zona exacta em que se prevê a amargem. Nota-se uma modificação no navio: foi aumentado o número de antenas, o que revela ter sido reforçado o seu sistema de comunicações.

O contratorpedeiro «Cochrane» está a umas 450 milhas do porta-aviões e notam-se também os indícios de reforço do seu sistema de rádio.

Finalmente, o navio de comunicações «Arlington», construído para missões semelhantes às do «Pueblo» (apressado pela Coreia do Norte) e do barco que os israelitas atacaram, (por engano), quando da «guerra dos seis dias», dispõe de aparelhagem para emitir, simultaneamente, 7500 mensagens, podendo transmitir por dia três milhões de palavras.

É a primeira vez que um barco deste tipo participa na recolha de naves espaciais.

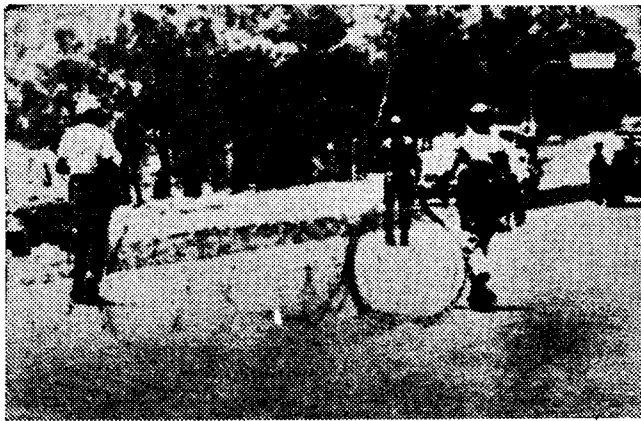
TRANSMISSÃO VIA «INTELSAT 3»

DARMSTADT 26 — (F. P.) — O mais recente satélite de comunicações americano, «Intelsat 3», retransmitirá a amargem da cabina espacial «Apolo 8», prevista para amanhã anunciar ontem a direcção-geral dos correios alemães.

PREVISÕES METEOROLÓGICAS FAVORÁVEIS

HOUSTON (Texas), 26 — (F. P.) — Trinta horas antes da amargem da cápsula «Apolo 8», as previsões me-

teorológicas continuam favoráveis à operação: sempre delicada, do regresso à atmosfera e da recuperação dos três astronautas.



Soldados brasileiros patrulham as ruas de Rio de Janeiro, onde foram colocadas barreiras de arame farpado, nos primeiros dias da actual crise.

A «APOLO 8» REGRESSA

OPTIMISMO DA N. A. S. A.

(Continuação da 1.ª página)

Se a cabina entrasse na atmosfera com um ângulo inferior a estes limites, faria ricochete nas primeiras camadas atmosféricas e entraria numa órbita terrestre de tão grande apogeu, que poderia vir a ser fatal para os cosmonautas. Se o ângulo fosse superior o habitáculo sofreria uma desaceleração que excederia em muito as suas capacidades de resistência térmica. Mas ambas as hipóteses pessimistas são mais que improváveis para os técnicos da N.A.S.A.

«SUSPENSE»

Os cosmonautas começaram a afastar-se da Lua pouco depois das 6 horas T.M.G. de ontem, quando se encontravam do lado da face oculta do satélite e não podiam comunicar com a Terra. O «suspense» durou uma dezena de minutos antes de se saber que o propulsor principal da cabina tinha funcionado per-

feitamente. Borman accionou o propulsor durante 3 minutos e 23 segundos, conseguindo arrancar a «Apolo 8» à sua órbita lunar. A partir daí, o caminho do regresso iniciava-se.

Esta manobra, tal como a que na véspera pusera a cabina em órbita lunar, foi um dos momentos mais críticos de todo o espantoso voo da «Apolo 8». Na terça-feira, tratou-se de reduzir a velocidade de modo a evitar que a cabina se despenhasse na Lua. Ontem, foi preciso imprimir, pelo contrário, um formidável golpe de acelerador para permitir que a cabina escapasse à atracção da Lua.

DORMIR O MAIS POSSÍVEL

Presentemente, Borman e os seus companheiros voam calmamente a caminho da Terra, aproveitando o tempo para descansar das formidáveis fadigas das suas 20 horas de voo circunlunar a baixa altitude. O programa de voo

A 244 869 km da Terra

HOUSTON (Texas), 26 — (F. P.) — Às 4 e 54 T. M. G. (10 e 54, hora de Lisboa) a cápsula «Apolo 8» encontrava-se a 244 869 quilómetros da Terra, deslocando-se à velocidade de 5 508 quilómetros por hora.

foi aliviado de modo a que os cosmonautas possam dormir o mais possível.

Anders, que está no seu primeiro voo espacial, encontra-se muito fatigado e não consegue adormecer, tendo de recorrer aos soporíferos. Ontem, pouco antes de os companheiros iniciarem o seu almoço de Natal, às 21 horas T.M.G., Anders teve finalmente sono, mas antes de ficar inconsciente ainda ouviu de Terra perguntarem se o «petiz» tinha posto o sapatinho na chaminé. E, em vez da resposta de Borman, ouviu-se a voz ensonada de Anders: «Sim, pus o meu sapato ao lado do meu ursinho de peluche».

AMALGAMA DE AREIA

A Lua afasta-se dos três primeiros homens que violaram os seus segredos. Não se pode dizer que tenham ficado entusiasmados com o que lhes foi dado ver. Em todas as suas declarações, os cosmonautas referem a tristeza, a monotonia das paisagens lunares, ericadas de picos e montanhas, separadas por séries de crateras de dimensões variadas. Os mares, oceanos, baías e lagos da Lua são, segundo eles, uma amalgama de areia esbranquiçada, semelhante a uma praia pisada por uma multidão dominical. A Lua, resumiram, não é um sítio agradável para viver ou trabalhar.

Até agora, as únicas dificuldades encontradas pela tripulação da «Apolo 8» foram de pouca importância. Um certo mal-estar, diarreia e vômitos (no caso de Borman), os incómodos de Anders, e as insónias que obrigaram os três homens a tomar soporíferos.

Houve também a ligeira condensação exterior, que obscureceu duas das cinco vigias da cabina e tornou uma completamente opaca. Devido ao gelo que se formou nestas vigias, as últimas observações da Lua foram algo dificultadas.

Finalmente, pouco depois das 18 horas T.M.G. de ontem, a N.A.S.A. indicou que um dos quatro pequenos foguetes tinha aquecido sete graus acima do normal. Como depois se não falou mais nisso, é de crer que tenha arrefecido, sob a acção das baixíssimas temperaturas intersiderais.

O PAPA PAULO VI PEDIU MAIOR JUSTIÇA PARA OS TRABALHADORES

CIDADE DO VATICANO, 26 — (A. N. I. e R.) — Implorando maior justiça para as classes trabalhadoras, o Papa Paulo VI celebrou ontem de madrugada Missa de Natal, perante milhares de operários de uma fábrica de aço em Taranto, no Sul da Itália.

Os operários e as suas famílias receberam triunfalmente Paulo VI, que foi o primeiro Papa na história da Igreja a celebrar missa numa instalação industrial. Dirigindo-se aos operá-

rios, Paulo VI disse: «Sentimos a dificuldade de nos fazermos compreender por vós. Será isso devido, talvez, a não vos compreendermos suficientemente bem? Seja qual for a razão, este discurso é bastante difícil para nós. Ele quase prova que não existe uma linguagem comum entre vós e nós. Viveis num mundo completamente diferente daquele em que vivem os homens da Igreja».

O Papa afirmou que, no mundo moderno, o trabalho e a religião «são duas coisas separadas e, muitas vezes, opostas», e acrescentou: «Não obstante, esta separação e a mútua falta de compreensão não têm razão de existir».

Dizendo aos trabalhadores que não devem pensar que a Igreja não vê as suas necessidades nem ouve as suas vozes, Paulo VI frisou: «A Igreja não compartilha de paixões de classe quando elas explodem em ódio e actos de violência, mas reconhece a necessidade de justiça das pessoas honestas e, tanto quanto lhe é possível, defende e promove a justiça».

O Santo Padre referiu-se também à missão da nave lunar «Apolo-8» e aos astronautas que passaram o Natal em redor da Lua.

«Honra aos pioneiros que alargam o campo da inteligência e da acção do homem» — declarou.

A descida na Lua já é possível

— diz o astronauta Stafford

NORMA (Oklahoma), 26 — (F. P.) — «Este voo abre o caminho. Eles ficaram 20 horas. Nós ficaremos três dias com a «Apolo 10» — declarou o tenente-coronel Thomas Stafford, comandante de bordo do próximo voo habitado à volta da Lua, ao chegar aqui para visitar amigos.

Tendo-lhe sido perguntado se ele e os seus camaradas, os capitães-de-fragata John Young e Eugene Vernan, teriam a possibilidade de serem os primeiros homens a pisar o solo lunar, o coronel Stafford declarou: «Tudo depende do comportamento do módulo lunar quando da próxima missão («Apolo 9»).

FOTOS ESPECTACULARES DA LUA

NOVA YORK, 26 — (F. P.) — Serão espectaculares as fotografias da Lua tiradas pela tripulação da «Apolo 8», bem melhores do que as transmitidas anteriormente pelos veículos de exploração lunar desabitados, segundo se pensa na N. A. S. A.

Mao Tsé Tung — 75 anos de idade

HONG-KONG, 26 — (R.) — O presidente Ho Chi Minh, do Vietnam do Norte, enviou uma carta a Mao Tsé Tung para assinalar o 75.º aniversário natalício do dirigente chinês, que passa hoje. Como habitualmente, o serviço noticioso oficial da China não fez qualquer comentário acerca dos anos. Mao nasceu na província de Hunan, em 26 de Dezembro de 1893 e, pelos cálculos chineses, faz hoje 76 anos.

ford declarou: «Tudo depende do comportamento do módulo lunar quando da próxima missão («Apolo 9»).

Esta missão consistirá numa série de experiências a que será submetido em órbita terrestre o módulo lunar que deve colocar os primeiros astronautas americanos na Lua.

«Temos possibilidade de descer na Lua a partir deste momento. Treinamo-nos para todas as fases desta operação. Teremos a bordo da «Apolo 10» todo o material necessário para essa missão».

Stafford disse que tinha plena confiança nesse material.

Como lhe fizessem notar que existe um perigo: o de os motores não funcionarem no momento exigido para o re-



Thomas Stafford, comandante no próximo voo tripulado à volta da Lua.

gresso da «Apolo 10». Thomas Stafford retorquiu: «Já no encontramos nessa situação anteriormente com o voo «Gemini 6». A única coisa mais dramática é que estaremos infinitamente mais longe».

PILULAS DE ALHO ROGOFF

EXTRACTO CONCENTRADO DE ALHO FORTE

PRODUTO DIETÉTICO, ACTIVO CONTRA AS MANIFESTAÇÕES ARTRÍTICAS, REUMATISMO, E VELHICE PRECOCE.



À VENDA NAS FARMÁCIAS FRASCO COM 180 PILULAS 50\$00
M. WOELM. ESCHWEGE (Alemanha-Occidental)
REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL E ULTRAMAR: CREFAR
RUA DA MADALENA, 171-2.º LISBOA

INSCRIÇÕES PARA A PRIMEIRA VIAGEM COMERCIAL À LUA

NOVA YORK, 26 — (A. N. I.) — Há mais de uma centena de inscrições na primeira viagem comercial para a Lua — anuncia a Pan American Airways.

A viagem da «Apolo 8» — informa a companhia — reacendeu o interesse do público por este voo comercial e houve muitas inscrições desde segunda-feira.

CAPE KENNEDY, 26 — (A. N. I. e R.) — Os milhões de telespectadores interessados na maravilhosa aventura da «Apolo 8» e que têm seguido em todo o mundo a viagem dos astronautas Frank Borman, James Lovell e William Anders, desde que foram lançados de Cape Kennedy na manhã de sábado transacto, poderão assistir hoje a um novo programa de Televisão, transmitido directamente da nave espacial, cujo início está marcado para as 20 e 51 T.M.G.

O programa de hoje, transmitido de uma altitude de cerca de 180 mil quilómetros acima da Terra, será o 6.º e último dos astronautas. Nas transmissões anteriores milhões de telespectadores puderam observar como é o interior de uma nave espacial e viram imagens da Terra e da Lua, nunca exibidas antes, tiradas a dezenas de milhares de quilómetros no espaço.

Entretanto, no programa televisivo de ontem os astronautas repetiram o que já havia feito a tripulação da «Apolo 7» em Outubro: Lovell deixou-se flutuar livremente na atmosfera sem gravidade da cápsula.

Pelo seu lado, Anders preparou uma laranjada, com o concentrado que havia num pequeno saco de plástico e Borman trabalhou com o calculador de bordo.

Como já havia acontecido nas emissões anteriores, a imagem foi de boa qualidade.

O PERU DO NATAL

Por outro lado, os astronautas da «Apolo 8» comeram o seu peru do Natal, previamente embalado em pequenos bocados, e comunicaram que estava «delicioso».

Pouco depois de terem feito a transmissão os astronautas comeram a sua ceia de Natal e fizeram votos para que na Terra os que os ouviam tivessem a comer um peru pelo menos tão saboroso como o deles.

Além do peru, temperado com molho, beberam também café e comeram bolo de frutas.

NATAL COM BOB HOPE NUM PORTA-AVIÕES

A BORDO DO PORTA-AVIÕES «HANCOCK», 26 — (A. N. I.) — Pela vigésima vez, Bob Hope passou a consolar a fazenda rir as tropas norte-americanas. Desta vez, o palco foi o gigantesco porta-aviões «Hancock», com três mil tripulantes.

«Vocês são realmente felizes» — afirmou Bob Hope aos marinheiros. «Jackie Kennedy tem um navio que é apenas um décimo do tamanho deste e teve que casar com o capitão».

Referindo-se aos tripulantes do «Pueblo», libertados, há dois dias, o comediante disse: «É ridículo pretender que andavam a fazer espionagem. Toda a gente sabe que eles estavam a praticar esqui aquático em Honolulu».



O comediante Bob Hope

GREVE DA FOME NO CENTRO DE LONDRES

LONDRES, 26 — (R.) — Dois grupos de pessoas, sem fazerem caso do frio, passaram 24 horas no centro de Londres em greve da fome para chamarem a atenção para a situação em Biafra.

Um grupo de seis pessoas manteve-se em Piccadilly Circus e tencionava permanecer ali por mais dois dias.

Em frente da residência oficial do primeiro-ministro, na Downing Street, um grupo de 14 estudantes iniciou também anteontem uma greve da fome, mantendo-se ali toda a noite de 24 para 25, apesar do frio intenso.

O chefe do grupo, Alex Kirby, disse: «Não se trata de uma manifestação política. Pretendemos apenas chamar a atenção para a situação desesperada em Biafra onde milhares de pessoas morrerão durante os próximos meses se não receberem auxílio».

Chamar-se-á William James Frank Noel

BERGEN OP ZOOM (Holanda), 26 — (R.) — Um casal holandês desta cidade, Jan Hopmans e a mulher, baptizou o seu sexto filho, que nasceu anteontem, à noite, de William James Frank Noel — os nomes dos três astronautas americanos e do Pai Natal.

Reacção israelita ao pedido russo-egípcio

JERUSALÉM, 26 — (A. N. I.) — Os dirigentes israelitas reagiram asperamente anteontem ao comunicado conjunto russo-egípcio que pretende a retirada de Israel dos territórios árabes ocupados durante a curta guerra de Junho de 1967.

O primeiro-ministro Levi Eshkol declarou a um grupo de estudantes que Israel manterá firmemente as linhas de cessar-fogo actuais até que um tratado de paz seja assinado.

Anteriormente, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Abba Eban, acusara os russos de contribuírem para o beco sem saída da situação no Mé-

AGRAVA-SE A CRISE NA IRLANDA DO NORTE

DUBLIN, Dezembro — Continua a agravar-se a crise na Irlanda do Norte. Prolonga-se actualmente ao Partido Unionista e mesmo ao Governo de Belfast, em cujo seio uma rivalidade crescente opõe o presidente do Conselho, Terence O'Neill, ao seu ministro do Interior, Wilson

Por SYDNEY EHLE

Craig. Este diferendo pessoal acrescentou uma nova dimensão a um conflito que em si é já muito complexo. Por um lado, o Movimento de Libertação, descontente com o que lhe foi concedido até agora, multiplica as manifestações em todo o país, e do outro as divergências aprofundam-se entre as forças que apoiam o regime, divididas entre os partidários da tendência reformadora moderada de O'Neill e os do tradicionalismo conservador.

«A guerra civil» — declarou Craig num discurso pronunciado a semana passada, depois duma manifestação dos progressistas na cidade de Armagh — foi-nos poupada, até agora, pela graça de Deus. Mas a temperatura na Irlanda do Norte atingiu o ponto de ebulição. Uma destas manifestações pode desencadear um dia uma resposta em massa por parte da população leal ao Governo. De momento, o apoio de que Craig goza entre os militantes unionistas é difícil de avaliar. A maioria do partido parece alinhar com o presi-

VIETNAM: Houve 133 incidentes durante a trégua do Natal

SAIGÃO, 26 — (F. P.) — Morreram pelo menos dois soldados americanos e 36 ficaram feridos em consequência de 133 incidentes provocados pelo Vietcong durante as 24 horas da trégua decidida pelo Governo sul-vietnamiano — anuncia o comando militar americano. Durante o período da trégua, que terminou ontem às 10 horas T. M. G., foram mortos 34 «vietcongs» e preso um suspeito.

As operações militares começaram mal findou o período desta trégua, tão repleta de incidentes que praticamente se pode dizer que não existiu. Os «vietcongs» que, por seu lado, observam em princípio uma trégua de três dias até amanhã às 17 horas T. M. G., agora inaplicável porque a dos governamentais já acabou, alvejaram

hoje de manhã com cem granadas de morteiro, um posto avançado das forças de Saigão, próximo da fronteira cambodjana, na província de Phuoc Long, 120 km a norte da capital. Ficou ferido um soldado das forças regionais.

Dezanove mortos e um desaparecido na queda de um avião

BRADFORD (Pennsylvania), 26 — (R.) — Vinte e sete pessoas sobreviveram à queda de um avião de passageiros aqui registada, anteontem, à noite, durante uma tempestade de neve.

As brigadas de socorro que conseguiram chegar ao local do desastre encontraram 19 cadáveres nos destroços, havendo uma pessoa dada como desaparecida.

O avião, com 44 passageiros e três tripulantes, despenhou-se apenas a cinco quilómetros do aeroporto local, quando se preparava para aterrar.

Os 27 sobreviventes conseguiram sair dos destroços e fazer uma fogueira, para se manterem aquecidos, pois a temperatura ao ar livre era negativa.

Um informador da companhia disse que o avião ficou destruído e com as duas asas arrancadas, sendo para admirar que tenha havido sobreviventes.

Dois dos sobreviventes, estão porém gravemente feridos e foram hospitalizados em perigo de vida.

A causa do desastre ainda não foi estabelecida.

Uma hora depois de haver terminado a trégua governamental, uma companhia das forças regionais atacou um grupo de «vietcongs» perto da capital do distrito de Phan Ly Cham, na província costeira de Binh Thuan, a 200 km de Saigão. Teriam sido mortos três «vietcongs».

Um aparelho de observação do Exército foi atingido ontem de manhã, durante o período de trégua, pelo fogo de armas automáticas do Vietcong, a 17 km a noroeste de An Loc base da 1.ª divisão de cavalaria aérea. Morreu um tripulante.

Por outro lado, os «vietcongs» teriam assassinado

ontem à tarde um chefe de aldeia em My Son, a 40 km a sul de Da Nang, e ter-se-iam posto em fuga.

Entretanto, os bombardeiros gigantes «B-52» efectuaram três missões sobre o Vietnam do Sul, depois da trégua aliada, quando findava o dia de Natal. Duas incursões tiveram como alvo concentrações de tropas nos altos planaltos. A terceira teve por finalidade destruir as estradas de infiltração, a menos de 60 km de Saigão, na província de Tay Ninh. Hoje de manhã, foi efectuada quarta ataque aéreo na mesma zona de província de Tay Ninh.

A F. N. L. RECUSOU-SE A LIBERTAR OS TRÊS AMERICANOS

SAIGÃO, 26 — (F. P.)

Os representantes da F. N. L. recusaram-se a libertar no Dia de Natal, os três prisioneiros americanos. Aos representantes americanos que foram ao seu encontro, perto de Tay Ninh, os membros da F. N. L. informaram que não tinham autoridade para fixar uma data, um local e uma hora para a libertação dos 82 marinheiros à noite um informador militar dos E. U. A.

Ao ler um texto preparado anteriormente, o informador precisou que os cinco representantes americanos e os cinco da F. N. L. discutiram durante duas horas e vinte minutos questões de protocolo.

O tenente-coronel John Gibney pediu constantemente para lhe indicarem a data, o local e a hora da libertação dos três prisioneiros sem que conseguisse qualquer resposta.

Segundo pensam observadores, esta manhã, parece prender-se com questões de «protocolo» a recusa da Frente Nacional de Libertação em soltar os três prisioneiros.

Um informador americano afirmou ontem à noite à imprensa que tinham tido essencialmente

como motivo questões de protocolo o essencial da discussão de duas horas e vinte minutos travada a este respeito com o Vietcong. Utilizou a propósito a palavra «protocolo» e não «processual», e que faz pensar que os problemas por resolver se prendem directa ou indirectamente com o reconhecimento da F. N. L. pelos Estados Unidos. Muitos observadores tiveram presente na memória o «protocolo» da libertação, declarou onres do «Pueblo» pelo norte-coreanos. Os representantes da F. N. L. que compareceram ao encontro declararam não ter poderes suficientes para fornecer indicações concretas quanto às questões dos prisioneiros. Crê-se que estes representantes vieram unicamente com a finalidade de obter concessões dos americanos. Tê-las-ão conseguido? A este respeito, um informador declarou: «Prefiro não responder». O mesmo informador recusou-se a dizer se haveria ou não outros encontros com a F. N. L., como foi sugerido pela Frente, na emissão de Rádio durante a qual propôs essa reunião.

A B. B. C. É ACUSADA DE PROPAGANDA ANTI-SOVIÉTICA

MOSCOW, Dezembro — A violenta campanha anti-britânica cuja bola de saída foi dada por Gromyko, no passado dia 3, na sua entrevista com «sir» Duncan Wilson, e que se desenvolve há meses na União Soviética, acaba de atingir a B. B. C. A honrosa corporação foi acusada pelas «Izvestias» de ser apenas um instrumento nas mãos dos serviços secretos ingleses e de colocar as suas antenas à disposição destes para tarefas que só longinquamente terão qualquer relação com o jornalismo radiofónico.

É verdade que há muito tempo a B. B. C. se vê acusada na U. R. S. S. de se entregar a uma propaganda anti-soviética, e mesmo de tomar parte em campanhas de intoxicação nas suas emissões em línguas estrangeiras destinadas aos países da Europa de Leste. Retomando desta vez o mesmo tema, as «Izvestias» falam de «trabalho de sapo» de «diversão ideológica», de tentativa para «enfraquecer a unidade política dos povos da comunidade socialista». É mesmo prestada uma espécie de homenagem a este respeito aos especialistas britânicos que, segundo escreve o jornal soviético, «se distinguem, sob este aspecto, pela fineza muito particular do seu gosto».

Mas as acusações vão muito mais longe porquanto, segundo as «Izvestias», o Intelligence Service teria a possibilidade de utilizar emissões da B. B. C. para a trans-

missão de mensagens pessoais sob a forma «duma frase musical ou mesmo dum texto preciso», difundido em determinado momento com destino aos seus agentes. Mas ainda, as cartas recebidas no Correio dos auditores, com os endereços dos respectivos autores, geriam igualmente transmitidas aos serviços de espionagem ingleses.

Tudo se esclarece — escrevem as «Izvestias» — Estamos perante... dois elementos dum mecanismo bem oleado, a que chamam o «Estado democrático», em que os serviços de informações e de polícia determinam por vezes assuntos de polícia interna e externa. As «Izvestias» prometem publicar diversos «documentos curiosos» em apoio das suas afirmações.

De há certo tempo a esta parte as emissões da B. B. C. em línguas estrangeiras e, nomeadamente em russo, são perturbadas mais ou menos regularmente na U. R. S. S. Alguns programas são, no entanto, audíveis em condições favoráveis, assim como os programas em língua inglesa, que podem facilmente ser captados por muitos receptores. Pensa-se que o ataque das «Izvestias», juntamente com as críticas ininterruptas desde há quinze dias contra a política britânica, prepara uma intensificação da perturbação de todas as emissões provenientes de Londres.

(Exclusivo «Le Monde-Diário de Lisboa»)

MÁQUINA DE LAVAR SUPERAUTOMÁTICA

IGNIS

DE CARREGAR PELO TOPO EVITANDO A QUEM A UTILIZA TER QUE SE DOBRAR OU AJULHAR.



PARA O SEU LAR

A MAIOR CAPACIDADE DE LAVAGEM • O MENOR ESPAÇO OCUPADO • A MAIOR COMODIDADE NA UTILIZAÇÃO •

sociedade de representações: SIDA SUECA, LDA.

RUA DE S. NICOLAU 42, 46 LISBOA

ECOS

PASSOU despercebida de quase todos uma pequena notícia que, todavia, tem a sua importância: extinguiu-se, há poucos dias, serenamente, com 84 anos, numa tranquila casa de saúde de Nova York, um homem de bem, radicalmente rebelde e honesto, sempre em conflito consigo próprio, incansável lutador: Norman Thomas, presidente do Partido Socialista Americano. Neto e filho de pastores protestantes e tendo abraçado de início a vocação missionária, que o levou a descobrir a miséria e até a fome, que partilhou com os mais pobres na paróquia de «East Harlem», por volta de 1911, Norman Thomas não tardaria a inscrever-se no Partido Socialista. A sua vida foi depois uma sucessão ininterrupta de actos reivindicativos. Permanentemente na brecha, durante 55 anos, preso diante de fábricas em greve, fundador do Comité de Defesa das Liberdades Cívicas, pacifista obstinado (porventura nem sempre lúcido mas sempre generoso), adversário declarado e agressivo da Ku-Klux-Klan, Norman Thomas criou, na Costa Rica, um Instituto de formação dos sindicalistas latino-americanos. Assumiu, em 1926, a presidência do Partido Socialista, que quatro anos mais tarde registaria o seu «record» em matéria de apoio popular: 884 781 votos. Embora citando constantemente Marx, Norman Thomas tinha afinal uma concepção do socialismo mais próximo do cristianismo progressista. Defendeu sempre os direitos individuais dos militantes da extrema-esquerda nos Estados Unidos, mas recusou-se a aceitar o sistema de democracia directa propugnado pelas repúblicas populares da Europa do Leste.

AS relações do indivíduo e da comunidade, o grau de liberdade e originalidade do primeiro são temas dos mais

apaixonantes e agudos da nossa época. Vale bem a pena meditar na frase de Jung em «Dialéctica do mal e do inconsciente», que expõe esta teoria. «A persona não é senão uma máscara, que ao mesmo tempo denuncia uma parte da psique colectiva, da qual é constituída, e dá a ilusão da individualidade: uma máscara que faz pensar (nos outros e em si mesmo) que o ser em questão é individual, quando no fundo desempenha simplesmente um papel através do qual se exprimem os dados e os imperativos da psique colectiva.

FONTES bem informadas noticiam de Belgrado a entrega pela União Soviética de numerosas vedetas lanço-torpedos à Jugoslávia. O almirante Horácio Rivero, comandante das forças da N. A. T. O. no Sul da Europa, vê nesse facto um sinal iniludível do desanuviamento progressivo das relações soviético-jugoslavas, que os acontecimentos de Praga pareciam ter comprometido. Ao mesmo tempo, são assinados em Moscovo os protocolos culturais e científicos franco-soviéticos, que respeitam essencialmente ao aumento do número de professores franceses na U. R. S. S., intercâmbio no domínio dos espectáculos (visita do Bolchoi a Paris, por exemplo), organização de exposições de arte (dez telas de Matisse existentes nos museus de Moscovo e Leninegrado poderão ser apreciadas pelo público francês). A pesquisa nuclear e as investigações concernentes à televisão a cores são dois dos pontos capitais destes acordos. É com natural satisfação que os intelectuais dos dois países (e decerto os de todo o mundo) assistem a esta abertura a um convívio civilizado e a uma colaboração fecunda entre nações que se regem ainda por sistemas políticos antagónicos.

OS EDITAIS DO RECENSEAMENTO ELEITORAL

As operações do recenseamento eleitoral dos cidadãos portugueses começam em 2 de Janeiro, findando em 16 de Março. Os administradores dos quatro bairros da cidade de Lisboa fizeram já publicar o edital respectivo, chamando para o facto a atenção de todos.

No corrente ano as operações de recenseamento assumem importância particular porque, em Outubro, haverá eleições para deputados à Assembleia Nacional.

As operações do recenseamento eleitoral tornam-se mais complicadas este ano porque houve grande alteração à lei, tirando-se a qualidade de eleitor (continuam a sê-lo os que já o eram) a muitos analfabetos e alargando-se o direito de voto a todas as mulheres, maiores que saibam ler e escrever. Tal como os homens.

O edital dos quatro administradores dos bairros de Lisboa não especifica a forma como vão decorrer as operações de recenseamento já que este, te-

rá de ser profundamente remodelado. Bastava a inscrição de todas as mulheres maiores que saibam ler e escrever para que os actuais cadernos se tornem antiquados.

E naturalmente que o recenseamento se não pode limitar a inscrever aquelas que solicitam aquilo a que têm direito. A própria lei assim o entende, por exemplo, quando inscreve obrigatoriamente, os contribuintes.

De esperar é portanto que as juntas de freguesia realizem essas operações de recenseamento, indo informar-se de todos os eleitores e não apenas esperando que os eleitores venham solicitar a sua inscrição. As comissões de em todas as sedes de juntas de freguesia.

Chama-se a atenção de todos para a conveniência de se inscreverem o mais rapidamente possível, a fim de facilitar os trabalhos e não deixar para as ultimas semanas já que facilmente se poderá verificar sobrecarga de trabalhos, nessa altura.

«O Natal visto pelas crianças»

Como noticiámos, está patente ao público, na Galeria Dinastia, á Rua da Escola Politécnica, 183 (entre o Rato e o Largo de S. Mamede), a exposição dos 320 trabalhos premiados na modalidade plástica do nosso concurso «O Natal visto pelas crianças». A exposição está aberta, todos os dias úteis, das 15 às 19 horas, até ao dia 6 de Janeiro. A entrada é livre.

A GORJETA NOS CAFÉS

A propósito da local «A gorjeta nos cafés», publicada anteontem no nosso jornal, damos a seguir algumas informações que ajudarão o leitor a melhor compreender o problema tratado.

A Convenção do Trabalho negociada entre o Grémio dos Restaurantes e Cafés do Sul e os Sindicatos dos Profissionais na Indústria Hoteleira e Similares estabeleceu que a taxa do serviço incide sobre os preços de todos os consumos efectuados no estabelecimento, não onerando, portanto e apenas, os preços dos produtos vendidos para consumo fora do estabelecimento. Isto significa que os preços dos consumos efectuados ao balcão estarão também sujeitos a taxa de serviço.

Nem se compreenderia outro entendimento em face da evolução verificada no funcionamento de grande parte dos estabelecimentos abrangidos pela nova Convenção de Trabalho, e, ainda, porque a taxa de serviço reverte totalmente a favor dos empregados.



Uma das novas locatárias recebe a chave da sua nova habitação, em Santo António dos Cavaleiros

Foram ontem entregues pelo ministro das Corporações (a vítimas das inundações de 1967) as primeiras 40 habitações de um conjunto de 300

Numa cerimónia que, embora simples, se revestiu de elevado significado social e humano, o ministro das Corporações, sr. prof. Gonçalves de Proença, procedeu, ontem, em Santo António dos Cavaleiros, á entrega das chaves, aos respectivos locatários, das primeiras 40 habitações, de um conjunto de 300, cujo valor global se eleva a cerca de 41 mil contos.

Com esta distribuição, em que se deu preferência a vítimas das inundações de 25 de Novembro de 1967, cumpre-se a primeira fase da execução de um contrato firmado, em 12 de Maio, entre a Federação das Caixas de Previdência — Habitações Económicas e a Icesa (Indústrias de Construção e Empreendimentos S.A.R.L.).

Deu motivo a justificado jubilo para as quarenta famílias beneficiadas o facto desta entrega ter podido ser antecipada de um mês e, portanto integrar-se na quadra festiva que decorre, por motivo da celeridade com que decorreram os trabalhos, graças ao processo de construção industrializada de que a Icesa foi a introdutora no nosso País.

O sr. prof. Gonçalves de Proença, que era acompanhado da esposa e dos srs. dr. Mário Braga, director-geral da Previdência e Habitações Económicas, e eng.º Santos Costa, presidente da Federação das Caixas de Previdência — Habitações Económicas, foi recebido em Santo António dos Cavaleiros, onde chegou pelas 16 horas, pelos administradores da Icesa srs. eng.º Monteiro de Barros e esposa e drs. Quirino Mealha e Agro Ferreira; pelo presidente da Câmara Municipal de Loures e esposa, e por todos os membros da respectiva vereação e, ainda, pelos srs. engs. Jardine Neto, director técnico da Icesa; Ferreira de Almeida, chefe dos Serviços de Produção; Reis Pinto, chefe do Departamento de Estudos e Projectos; e arquitecto Ruy Marchante, director comercial. Muitos outros técnicos da Icesa, que contribuíram para a realização da obra, e numerosos habitantes de Santo António dos Cavaleiros estiveram,

também presentes á cerimónia, a que outras se seguirão regularmente, até á entrega total dos fogos.

Para a atribuição destas habitações que se compõem de três, quatro e cinco casas assinalhadas, com rendas, respectivamente, de 570\$00, 830\$00 e 1050\$00, e se encontram localizadas em terrenos da Câmara Municipal de Loures, e enquadradas no conjunto urbanístico de Santo António dos Cavaleiros, foram já recebidas mais de quinhentas inscrições.

Realizou-se, então, uma singela sessão, em que o primeiro orador foi o sr. presidente do Município de Loures que salientou o significado da cerimónia que, por se realizar naquele dia, ainda se tornava mais transcendente e agradeceu ao sr. ministro das Corporações o não ter querido deixar de estar presente, apesar de se estar no dia dedicado a ficar no seio da família.

Em seguida, o sr. Ezequiel Silva, em nome dos novos locatários exteriorizou o contentamento de todos por terem de novo um lar, que tinham perdido em tão trágicas condições, em Novembro do ano passado e agradeceu a presença do sr. prof. Gonçalves de Proença, bem como das restantes entidades.

Usou, depois, da palavra o sr. eng.º Santos Costa que teve palavras de grande elogio para a empresa construtora e focou o esforço despendido, tanto pelos serviços que dirige, como pelos da Icesa, para se ter chegado ao momento que se vivia; e, finalmente, encerrou a sessão o sr. prof. dr. Gonçalves de Proença que manifestou o seu jubilo por estar ali no dia dedicado á família, contribuindo para o bem-estar de numerosas famílias.

Comparou a cerimónia que estava a decorrer com o Natal e, depois de tecer elogiosos comentários aos serviços da Federação das Caixas de Previdência e ao labor da Icesa, terminou fazendo votos pelas maiores felicidades dos novos habitantes de Santo António dos Cavaleiros, aos quais, por fim, foram entregues as respectivas chaves.

A situação focada pela na sua me

O sr. cardeal-patriarca de Lisboa proferiu, ontem aos microfones da Emissora Nacional e da R. T. P., a sua tradicional mensagem de Natal. A seguir transcrevemos, na íntegra, a referida mensagem, que é a 30.ª que o sr. D. Manuel Gonçalves proferiu, anualmente, por ocasião desta quadra festiva.

«Acaba Sua Santidade o Papa Paulo VI, neste Natal de 1968, de se elevar acima de todas as Nações, para dirigir ao Mundo, logo após o convite á celebração do «Dia da Paz», uma Mensagem de Esperança.

E só Sua Santidade o podia fazer, com autoridade, como Vigário do Salvador do Mundo, cujo nascimento hoje celebramos. Este divino nascimento de Deus que se fez homem, para tornar o homem participante da sua «divindade» (e já na terra, pela graça, num crescimento que só na glória da ressurreição se consumará) — é que funda verdadeiramente a esperança.

A vida do cristão não é, como para aqueles que não têm esperança, uma vida — para-a-morte. Deus é Amor, e o homem existe porque é amado de Deus. Existir, á luz do Natal, é ser amado. Compreendeu-o bem Santa Clara de Assis: bendito sejas, Deus meu, por me terdes criado, disse ela ao morrer. Deus revelou-Se-nos em Cristo nascido em Belém, e declarou-nos o seu nome, que é Pai, e o nosso que é filhos. O cristão caminha, na luz e na alegria e na confiança. E toda a lei se resume nesta palavra: amar, amar a Deus e ao próximo por amor de Deus.

Sem Deus não há lugar para a esperança. Que nos ofereça a filosofia mais lúcida do ateísmo? O absurdo, a vida «paixão inútil», a angústia... Quando muito, o nobre esforço desesperado para salvar os valores humanos. Mas nobre porque, se tudo é vão? E como, se não há valores absolutos?

Vigário de Cristo, pertence ao Papa salvar a história, não só no mistério da peregrinação do Reino de Deus a caminho da transfiguração gloriosa, seu domínio directo e próprio, mas ainda na restauração, elevação e consagração da ordem natural do crescimento histórico do homem, iluminando e animando pela luz e graça do Evangelho o Reino da terra.

O Salvador, Deus incarnado, nosso irmão, sempre vivo e presente entre nós, em quem se recapitula e consuma toda a história humana.

18 MILHÕES CASA DA LOTARIA DC

Associe estas 3 ideias e poder

MULTIMILI

(Os bilhetes são ap

RELÓGIOS

De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

CONFIE NA

Ourivesaria da GUIA

COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)



ão actual da Igreja elo cardeal-patriarca mensagem de Natal

le sua «chave e centro e fim» —
salva o homem todo.

★

O Papa morreu é o título dum livro estrangeiro, saído há meses do prelo. O Papa, que se desdiz já peremptoriamente, não morreu, nem morrerá jamais na fé católica (esta é a promessa do Senhor). O ateu que escrevera o livro, confessava, num estilo todo de relâmpagos na noite tempestuosa, o seu drama e o do ateísmo: «se Deus morreu, tudo de nós, tudo, tudo é órfão. Tudo!».

Poder-se-ia dizer o mesmo, se o Papa morresse, no sentido (por absurdo) de que lhe faltasse a autoridade do próprio Cristo e a assistência do Espírito Santo. A Igreja Católica, quebrar-se-ia, como na Reforma do século XVI, na multiplicidade de confissões e seitas, nascidas do livre-exame: o critério individualista, logo múltiplo, seria o juiz da doutrina. E desapareceria a certeza na fé e a comunhão na caridade. E faltaria o sinal luminoso da esperança aos corações cristãos, caminhando como os judeus no deserto em busca da terra da Promissão, para a plenitude ecuménica da unidade de «um só rebanho e um só pastor».

Morrem os Papas. O Papa, porém, não morre.

★

Que é o Papa? Fale aqui só o Concílio Vaticano II. O Papa é o princípio e o fundamento visível da unidade, (Constit. dogm. sobre a Igreja, n.º 23), «em virtude do seu cargo de Vigário de Cristo e de Pastor de toda a Igreja» (n.º 22), com «poder pleno, supremo e universal sobre a Igreja, o qual pode exercer sempre livremente» (n.º 22), «quer de maneira pessoal, quer de maneira colegial». (Nota explicativa prévia n.º 3). Tal é a fé da Igreja. Ninguém é obrigado a ser católico; mas ser católico é acreditar nisto.

Nesta hora pós conciliar que o bom Papa João XXIII anunciou como primavera de renovação da Igreja ao sopro criador e santificador do Espírito, e o é na autenticidade da sua mensagem de salvação sempre idêntica e sempre nova, a escuta das ansiedades e apelos do homem de hoje, como dos sinais dos tempos; nesta hora em que abrem já flores e frutos da renovação, e se dilata o horizonte de promessas pentecostais: hora de transparência, evangélica, nudez virginal da fé, testemunho autêntico de vida, responsabilidade missionária, comunhão ecuménica; nesta hora, porém, na qual, ao mesmo tempo, «se tornou de moda, da

Igreja, um espírito de crítica corrosiva» (palavras graves do Papa), a qual substituiu ao Espírito de Cristo o espírito do mundo (aquele pelo qual o Senhor não quis orar), chegando já, em louca obra de «autodestruição» da Igreja, não só a acusar a hierarquia católica de ser «uma aristocracia de detentores do Espírito, que se eleva acima da comunidade para a dominar», mas a tomar o próprio Papa «como motivo de controvérsia»; nesta hora, o Papa é, mais visivelmente que nunca, a «pedra» angular, o fundamento inabalável, a garantia suprema da fé, e da esperança e da caridade na Igreja e no mundo.

Que haja sempre na terra Alguém que, em nome de Cristo, e com a Sua autoridade, assistido do Espírito Santo, possa declarar, na confusão das opiniões e nas disputas dos teólogos, os caminhos da verdade, do bem e da paz: — e haverá jubilação na fé e seguridade na esperança e comunhão na caridade; a verdade fazer-se-á na caridade, como diz S. Paulo (Ef. 4. 15), e aí estará Deus.

Viu-se há pouco, no caso da Encíclica Humanae Vitae, a divina graça desta presença. A consciência cristã, no meio da discussão e da perplexidade, achava-se desorientada. O Papa falou e fez-se a luz: na cruz do dever o dom pascal da exultação, Jesus ressuscitado entrou ali, ou, de outra maneira, o Menino Jesus nasceu ali, e quase sou tentado a perguntar se os Anjos não terão aparecido como no Natal e na Ressurreição...

Torre



de Babel

por João Medina

MUDAR DE GRAVATA

A rádio francesa desenvolveu há tempos uma campanha publicitária no sentido de os homens mudarem mais frequentemente de gravata. Insistindo na ideia de que mudar odots os dias de gravata equivale a recriar a personalidade e enriquecer a indumentária, essa campanha visava sobretudo espantar o cinzento quotidiano. De facto, não será deprimente vivermos num mundo que tende cada vez mais a ser uma colecção anónima de mono-engravatados, isto é, de seres bisonhos que, uma vez eleita certa gravata, não mais se arredam dela, envergando-a anos a fio, numa viciosa fidelidade que não passa, no fundo, de pobreza de imaginação e horror ao movimento?

Mudar de gravata, dizem os adeptos da plurigravidade, é precisamente furtar-se à rotina, às ideias, estereótipos e hábitos tirânicos que, esterilizando a imaginação, se comunicam aos ideários mentais e acabam por determinar a «Welstanschauung» de cada um. Os que nunca variam de gravata não se limitam assim a vingar contra o espírito da dialética, ofendem ainda a própria lei da vida que é, como se sabe, surpresa, transiência, mutação, metamorfose, constante novidade, digam o que disserem os anémicos discípulos do Ecclesiastes.

A gravata não é, como ingenuamente se podia supor, uma simples

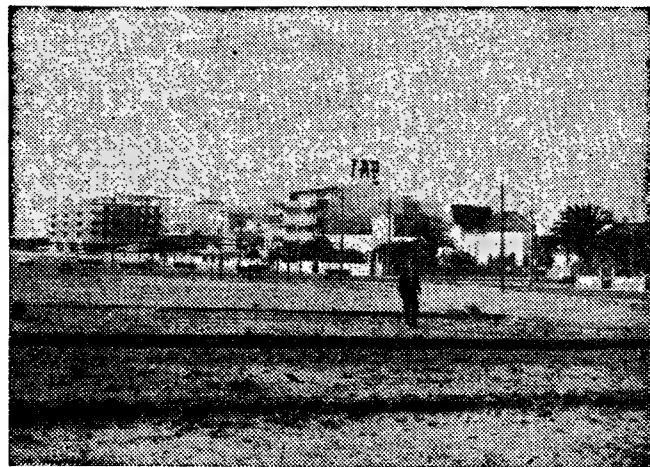
maneira de enrolar um pano ao pescoço; nem tão pouco, como perversamente se podia ainda alegar, um símbolo da universal servidão dos homens. A meio caminho entre a coleira e o distintivo social, a gravata encerra muito mais do que os sonhos duma miópe sociologia: neste absurdo apêndice, que está para o vestuário hodierno como o extravagante e cismático «coelacanto» para a fauna marítima dos nossos dias, oculta-se como que toda uma metafísica ou mesmo uma fenomenologia da existência. Como recelo não ter tempo para expor numa só crónica toda a massa de indicações ideológicas decorrentes da maneira de usar a gravata, limitar-me-ei a averbar aqui, um tanto a esmo, alguns aforismos referentes à gravatologia.

Na sequência da campanha publicitária francesa, convém antes de mais salientar a afinidade entre o uso da gravata e a idiossincrasia dos seus utentes; assim, com efeito, parece notar-se que os mono-engravatados são geralmente seres desprovidos de imaginação, mono-maniacos, inclinados para as generalizações abusivas do género de «os italianos são todos preguiçosos» ou «os alemães bebem sempre cerveja». Inversamente, aqueles que mudam frequentemente de gravatas fogem aos estereótipos simplistas, são mais sensíveis às «nuances», têm um espírito de ob-

servação mais fino, mostram-se menos atreitos ao maniqueísmo político. Transformando em provérbio as cogitações anteriores, teremos: «Gravata fixa, ideia fixa.» Ou, se preferirem: «Gravata parada, espírito parado.»

Conviria também estudar a patologia da gravata, os morbos mentais e as entorses psíquicas dos que, como dizíamos, têm uma fidelidade viciosa pelo mesmo padrão e preferem morrer nas masmorras ou no degredo do que introduzirem um pouco de fantasia na indumentária diária; estes são, por assim dizer, os casos extremos do «mono-engravatamento», isto é, do Não-Ceder-Um-Milímetro na fixidez duma certa gravata que, uma vez posta, só a morte poderá arrancar. Sob a forma de provérbio: «O mono-engravatamento é um homem que se enforcou nos seus próprios hábitos.» Ora, como talvez já tenhamos notado, leitor amigo, o governo do mundo parece estar nas mãos dos que consideram o mudar de gravata como uma infâmia sem perdão. Sim, quem governa o mundo é o Espírito de Gravidade, «meu mortal inimigo» (Nietzsche). E este Espírito, como se sabe, nunca muda de gravata.

Strasbourg, Dezembro de 1968.



A zona de Monte Gordo onde estão em curso as obras que permitam a utilização de parques de estacionamento de automóveis

Parques de estacionamento e outros melhoramentos preparam-se em Monte Gordo

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 26 — Em Monte Gordo está a ser preparado para aproveitamento grande parte do largo espaço vazio existente entre o Hotel Vasco da Gama e o antigo Casino Oceano, cuja aridez será parcialmente quebrada pela instalação de parques de estacionamento para veículos automóveis, tão necessários na época calmosa!

Com efeito, os parques já existentes junto ao Casino, mostram-se insuficientes para o grande número de veículos, muitos dos quais vão, depois, atravessar as ruas da povoação, onde não têm quem por eles olhe convenientemente.

Estão praticamente concluídos os três grandes blocos de quatro pisos, há pouco começados no lado poente de Monte Gordo, enquanto que a nascente prossegue a construção de outros impor-

tantes conjuntos habitacionais.

Na praia continuam abertos os balneários e em funcionamento a zona central de banhos, com sombrinhas, vestiários e a assistência de banheiros e barcos salva-vidas, para os numerosos interessados em utilizar tais serviços.

ANTÓNIO SÉRGIO

Experimentou, ontem, sensíveis melhoras o antigo ministro da República dr. António Sérgio, que há dias se encontra internado na Casa de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa.

Muitas foram as pessoas que, nos últimos dias, têm ido àquela casa de saúde, e muitas outras têm telefonado, para se informar do estado de saúde do grande pensador e democrata.

Portugal esteve representado num seminário de irrigação efectuado em Recife (Brasil)

Na cidade de Recife, capital do Estado de Pernambuco, decorreu de 8 a 14 de Dezembro, uma reunião técnica destinada a debater os problemas relacionados com a introdução e expansão da rega na agricultura do Nordeste brasileiro. A ideia base dos promotores deste encontro era de que, resolvendo finalmente o tão debatido e angustiante problema das secas, com o seu bem conhecido cortejo de sofrimentos e misérias, o regadio permitiria fixar as populações rurais, elevar-lhes o padrão de vida e acelerar o desenvolvimento integrado de toda essa imensa região que é o Nordeste brasileiro.

A reunião, promovida pela Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) intitulou-se «Primeiro Seminário Nacional de Irrigação» mas, apesar do nome, teve carácter internacional, tanto no que diz respeito às nacionalidades dos participantes como no que se refere aos temas apresentados. Na verdade, entre os 225 participantes inscritos, nada menos do que 31 representavam Governos ou organismos privados de países estrangeiros (Portugal, Espanha, Itália, França, Alemanha, Israel, México e Colúmbia) e organizações internacionais (FAO, BID e OEA).

A presença portuguesa foi particularmente importante, distribuindo-se entre uma delegação oficial de cinco membros e um grupo de nove técnicos (engenheiros-

agronomos, engenheiros civis e economistas) ao serviço de uma empresa portuguesa que está incumbida pelo Governo brasileiro de elaborar alguns projectos de regadio no Nordeste brasileiro. A delegação oficial estava assim constituída: eng. Armando da Palma Carlos, director-geral dos Serviços Hidráulicos do Ministério das Obras Públicas, profs. Henrique de Barros e Ario Lobo de Azevedo, catedráticos do Instituto Superior de Agronomia; eng. civil J. Faria Ferreira, da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, e eng. agrónomo C. Dantas Teixeira, da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas. O eng. Palma Carlos, na sessão da manhã do dia 11 de Dezembro, fez uma bem documentada exposição sobre o Plano de Rega do Alentejo.

A sessão de abertura foi presidida pelo general Albuquerque Lima, ministro do Interior do Governo Federal (ao Ministério do Interior do Brasil compete a coordenação dos organismos regionais que actuam no sentido de promover o desenvolvimento sócio-económico do «interior» do país) e a sessão de encerramento, pelo secretário-geral do mesmo Ministério, co-

ronel Dalmo Pragana, em representação do ministro da Agricultura, prof. Ivo Arzua Pereira. Na exposição redigida por este último, e lida naquela oportunidade, figuravam diversas referências às obras portuguesas de hidráulica agrícola, e em particular uma descrição dos trabalhos e realizações do Sorraia, fruto da recente visita do ministro ao nosso País.



**TUDO PARA O HOMEM
ELEGANTE**

Chapéus
**CHRISTY
BORSALINO
HABIG**

•
AS MELHORES
MARCAS NACIONAIS

Uma casa de classe
para uma clientela
de classe

Rua Santa Justa, 46

ÇÕES DA SORTE

IA DO FIM DO ANO

e poderá ser

ILIONÁRIO

são apenas 25.000)

CHOCOLATES TAGIDES

BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

OLIVAS SUL o «DIA-
RIO DE LISBOA» é vendido
pelo nosso agente ANTÓNIO
F. VALENTE,

Necrologia

Ultramarinos		
Apúca de Angola	—	160\$ 170\$
Ag Cassequel	—	58\$ 59\$
Ag Incomat	—	—
Ag Neves	—	85\$ 100\$
Ag Tomé e Príncipe	210\$	200\$ 220\$
Boror	—	20\$ 40\$
Buz	63\$	62\$ 64\$
Capão	—	25\$ 30\$

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	36\$00	38\$50
América.		
Dólar de 1 e 4	28\$20	28\$60
Dólar de 5 e 1000...	28\$40	28\$80
Canadá — Dólar	26\$30	26\$80
Alemanha — Marco	\$10	7\$30
Áustria — Shilling	\$08	\$15
Brasil — Cruzeiro Novo	6\$00	8\$00
Espanha — Peseta	\$39,8	\$4...
Holanda — Florim	7\$80	8\$05
Inglaterra — Libra	67\$00	69\$50
Ítalia — Lira	\$04,5	\$04,5
Marracos — Dirham ...	4\$75	\$325
Bélgica — Franco	\$53,5	\$95,
França — Franco	5\$30	\$380
Suíça — Franco	6\$58	6\$78
Dinamarca — Coroa	3\$65	4\$00
Noruega — Coroa	3\$80	4\$10
Suécia — Coroa	\$54,	\$570
Ouro:		
Inglaterra — Libra ..	315\$00	330\$00
Inglaterra — 72 libra	240\$00	260\$00
Ouro Fino — Barra ...	385\$30	398\$0

Harry Charles Napier Rugeroni, sua mulher, filha genro e neta; Anthony Horace Rugeroni, sua mulher e filha; Bérénice Rugeroni de Saldanha, seu marido, filhos, nora e netos, participam que foi Deus servido de chamar à Sua Divina Presença, no passado dia 21 a sua querida Mãe, Sogra, Avó e Bisavó e que por sua alma será celebrada missa amanhã, dia 27, 6.ª-feira às dez horas e meia, no altar-mor da Igreja de S. Sebastião da Pedreira.

GUARDA DA P. V. T. AGREDIDO À MACHADADA POR UM «MULTADO» DA ESTRADA

SETUBAL, 26 — Por ter sido multado, o condutor de uma motorizada agrediu com um machado um guarda da P. V. T.

O caso é rocambolesco e tem o insólito de se ter passado no dia de Natal.

Tudo começou por volta das 15 e 30, em Nogueira, entre Azeitão e Coina, quando o guarda José Paulo, em serviço no posto 34 de Setúbal, fiscalizou a motorizada em que seguia João Carvalho, de 24 anos, solteiro, trabalhador numa fábrica de manilhas, em Coina, natural de Coruche e morador em Brejos de Azeitão.

O Carvalho seguia sem licença de condução, nem livrete, mas foi autorizado a pe-

lo guarda a ir buscá-los a casa, o que aconteceu, sendo, portanto, perdoado das multas respectivas. Todavia, a motorizada não trazia chapa de identificação e o elemento da P. V. T. viu-se forçado a aplicar a multa respectiva, de 40 escudos.

O Carvalho pagou e ambos seguiram viagem em sentido contrário, o guarda para Setúbal e o condutor da motorizada para Azeitão.

No entanto, no seu serviço de fiscalização o agente José Paulo voltou a passar por Coina, cerca das 17 horas. Na estrada, estava o Carvalho que lhe fez sinal para parar. Sem a menor suspeita do que viria a acontecer o guarda abandonou a marcha da sua moto e parou mesmo junto ao homem. Este, sem mais conversas, tirou detrás das costas um machado corticeiro e, com a parte de martelo (não cortante) desfechou uma pancada violenta no capacete do guarda.

Em seguida, apanhando-o no chão agrediu-o a pontapé. Nessa altura, pelo local do crime, passava o sr. Jorge Lopes do Carmo, da Rua das Amoreiras, em Lisboa, que, parando o carro, obrigou o agressor a entregar-lhe o machado. De um outro carro, onde seguia a família do sr. comissário Lobato, de Setúbal, saíram os seus ocupantes que detiveram o Carvalho, indo entregá-lo a uma das brigadas da P. V. T., que o conduziu à prisão.

O agredido, por cujo estado a população de Setúbal tem mostrado o maior interesse, foi conduzido ao Hospital do Barreiro, no carro particular do sr. padre Graça, que passou, no momento, no local onde se deu a insólita agressão.

FAZ-SE SENTIR EM DEZ PAÍSES A «GRIPE DE HONG-KONG»

ATLANTA (Geórgia), 26 — (A. N. I.) — Além de grassar em quase todos os Estados norte-americanos, a «gripe de Hong-Kong» faz-se sentir pelo menos em mais nove países: Inglaterra, Austrália, Filipinas, Formosa, Tailândia, Pérsia, Índia, Vietnam do Sul e Japão — anuncia a Organização Mundial de Saúde (O. M. S.).

A O. M. S. declara que é possível que o pernicioso vírus, para o qual praticamente não existe remédio, se espalhe ainda por outros países.

Nos Estados Unidos, apenas o Mississippi, a Louisiana e o Hawaii não têm sofrido os efeitos da «Gripe de Hong-Kong», verificando-se somente casos isolados.

POR CAUSA DO NEVOEIRO

Precipitou-se no Tejo um táxi com seis ocupantes

• Afogados o condutor e dois dos cinco marinheiros brasileiros que nele seguiam

Dois marinheiros brasileiros e o motorista do táxi em que se transportavam, juntamente com três outros tripulantes do vaso de guerra «Soares Dutra», morreram afogados no Tejo, na madrugada de Natal, quando o automóvel saiu da muralha da doca do Poço do Bispo, perdido no nevoeiro, e se precipitou nas águas do rio.

Três dos marinheiros conseguiram salvar-se, e foram conduzidos ao Hospital de S. José, em estado de algidez, onde foram reanimados, tendo recolhido ao navio, horas depois. São eles: Aloir Candido Soares, de 21 anos, Luis Bispo de Oliveira, também de 21 anos, e Nestor Estácio do Nascimento Filho, de 27 anos.

Os dois restantes e o motorista, do qual apenas se sabe chamar-se Isidro, morreram afogados, desaparecendo nas águas. Mais tarde apareceu um dos marinheiros, Josemar Silva, de 21 anos, cujo corpo foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

A viatura foi, ontem, localizada por uma brigada do B. S. B., a nove metros de profundidade e dez metros afastada da muralha, não se encontrando nenhum nem quaisquer documentos no seu interior. A viatura, com a matrícula LC-89-91, pertencia ao sr. Manuel Antunes Venâncio, residente na Rua Ilha de S. Tomé, n.º 3, 1.º, dt.º. Como vestígios da tragédia, apenas o rasto deixado à beira do rio, no cais, pelos pneus do carro, forçado a uma travagem de emergência.

Duplo acidente em Queluz

Também na madrugada de Natal, e devido ao nevoeiro, chocaram, junto do Palácio de Queluz, um automóvel e uma camioneta da Junta Autónoma de Estradas, tendo resultado do desastre a mor-

te de uma senhora e ferimentos de diversa gravidade nos restantes ocupantes dos dois veículos. Pouco depois, um carro que passava no local, colheu sete pessoas que se haviam juntado a ver o resultado do choque.

No carro ligeiro seguiam o sr. José Francisco Duarte, de 36 anos, sua esposa, ainda não identificada, e o filho do casal, Joaquim Manuel, de 8 anos, residentes em Sintra, na Avenida José Francisco Ulrich, lote 1, 1.º, esq.

A camioneta era conduzida pelo sr. Pedro Marques Verdugo, de 43 anos, cantoneiro, e nela seguia também seu filho Francisco Viola Verdugo, de 20 anos, sendo ambos residentes no casal dos Afonsos, 3, em Queluz.

No Hospital de S. José, aonde foram conduzidos pelos Bombeiros Voluntários de Queluz, ficaram internados os condutores dos dois veículos e o pequeno Joaquim Manuel. A senhora chegou ali já morta, tendo o corpo recolhido ao Instituto de

Medicina Legal, onde se aguarda que alguém a identifique.

No local do acidente, juntou-se gente e, como o nevoeiro fosse muito cerrado, um automóvel, cujo condutor não conseguiu parar a tempo, colheu os srs. Alfredo Soares Silva, de 39 anos, residente no Bairro Almeida Araújo, 5, em Queluz; Abílio Ribeiro Fernandes, de 35, Rua A, n.º 152, Vila Martinho, a Campolide; Henrique Silvestre Quintas, de 55, Murgueira, Mafra; António José Madeira, de 18, Rua Padre Inácio Antunes, 15, 3.º, esq., Queluz; e Luís Manuel Viçoso Pedroso, de 16, Largo das Baterias, 5, em Queluz. Levados também para o Hospital de S. José, receberam tratamento, tendo ali ficado internados com vários ferimentos os srs. Alfredo Soares da Silva e Luís Manuel Viçoso Pedroso. Houve ainda mais dois homens que ficaram feridos e receberam tratamento no quartel dos bombeiros.

Professores e alunos constituídos em comissão vão debater problemas da Faculdade de Medicina

Com o pedido de publicação, recebemos a seguinte nota:

«Os professores catedráticos que constituem o Conselho da Faculdade de Medicina de Lisboa reuniram-se para apreciar a situação presente dos problemas do ensino, e, na sequência e no mesmo espírito das resoluções do Conselho de 5 do corrente, de muitas outras decisões e estudos anteriores sobre as finalidades da reorganização do plano dos estudos resolveu o seguinte:

1. Expressar o seu interesse pelas aspirações fundamentadas e realistas dos alunos;

2. Continuar os seus esforços para integrar essas e outras aspirações num plano de conjunto, de modo a promover a melhoria da eficiência do ensino e a formação humana e profissional de todos os universitários, em conjugação com os programas

da investigação científica e da saúde.

3. Com este fim, constituíram-se desde já cinco grupos de estudo, de que também farão parte professores extra ordinários, encarregados de curso, assistentes e delegados dos alunos dos diferentes anos, e que tratarão da finalização, planeamento, programação e coordenação: a) das cadeiras básicas; b) das cadeiras pré-clínicas; c) do grupo de Medicina; d) do grupo de Cirurgia; e) das especialidades. Considerando correlativamente os problemas pedagógicos, escolares, hospitalares, científicos e outros, no plano universitário e suas ligações culturais e sociais».

TEATRO SÁ DA BANDEIRA

TELEF. 23593
VASCO MORGADO apresenta todas as noites às 21 e 45; sábados e domingos às 16—20 e 45—e 23 h.

«LISBOA É SEMPRE MULHER»

com Camilo — Florbela — C. Coelho e as atrações Alda Pinto — Paulo Jorge — Vum-Vum
Um «ballet» de 25 figuras (Adultos)

GRANDE CAMPANHA do DISCO

PRESTAÇÕES MENSÁIS DESDE 55,00

SEM Entrada inicial NAS 2 LOJAS

Vapedrone

54-Rua da Vitória, 56-T. 35613
17-R. dos Fanqueiros, T. 35614 LISBOA

+ 1 GIRA-DISCOS A SUA ESCOLHA

O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE TOTALMENTE AUTOMÁTICO



KB nova técnica melhor imagem melhor som

A GRANDE MARCA INGLESA UM TELEVISOR DE PRESTÍGIO INTERNACIONAL A VENDA NAS BOAS LOJAS DE ELECTRODOMÉSTICOS

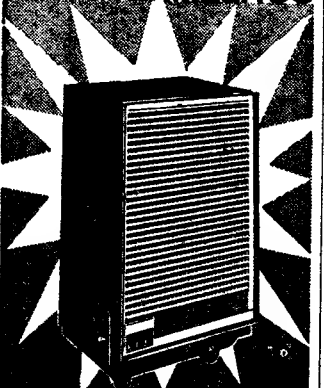
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: RAFAEL BURGUETE, LDA LISBOA—RUA ANTÓNIO ENES, 20-T. 535057 PORTO—RUA FORMOSA, 172—TEL. 26902

ALUGUER SEM CONDUTOR

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B.
Telefs: 72 76 54 72 49 75 LISBOA

ETD CALORÍFEROS A GÁS BUTANO CATALÍTICOS OU A INFRA-VERMELHOS



PARA O SEU LAR O SOL NO INVERNO

• segurança total
• grande rendimento
• baixo consumo
UM PRODUTO FRANCÊS DE ALTA QUALIDADE

A VENDA NAS BOAS LOJAS Representantes Exclusivos: RAFAEL BURGUETE, LDA LISBOA—R. ANTÓNIO ENES 20-T. 535057 PORTO—RUA FORMOSA N.º 172 TEL. 26902

CORCHO

APARELHAGEM ELECTRO-DOMÉSTICA DE ALTA QUALIDADE

- CALORÍFEROS INFRAVERMELHOS A GÁS BUTANO
- FOGÕES e FOGAREIROS A GÁS BUTANO
- ESQUENTADORES
- MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

SEGURANÇA ABSOLUTA — EFICIÊNCIA BAIXO CONSUMO — BAIXO PREÇO

DISTRIBUIDORES: Sociedade Central de Vendas, Ld.ª

Rua dos Fanqueiros, 258-262-3. Telefone 36 61 87 — LISBOA

★ **APTOS A RECEBER
O 2º PROGRAMA**

NORDMENDE

não é uma marca vulgar de aparelhos de Televisão. Jamais igualado ou ultrapassado pela concorrência, sempre que inicia no mercado o lançamento de novos modelos «**NORDMENDE**» é além do nome próprio do seu fabricante, o símbolo de vanguarda na técnica alemã da especialidade

EXPOSIÇÃO E VENDA:

IMPERLUZ



Av. Almirante Reis, 172-A



NORDMENDE



Contato

verdadeira **alta fidelidade** para os verdadeiros apreciadores

Garrard

No mundo do som este nome significa o melhor em beleza e desenho técnico, o melhor em qualidade de execução. O alto nível de profissionalismo de cada peça do seu equipamento é o resultado de aturadas investigações, de experiências e actividades desenvolvidas para conseguir os mais perfeitos métodos de reprodução do som.

REALDO

TUDO PARA ELECTRONICA-ACESSÓRIOS RADIO E TV

Rua S. José, 9-11-13-15 LISBOA-2 Telef. PPC 33725

PROMO

JUNKERS

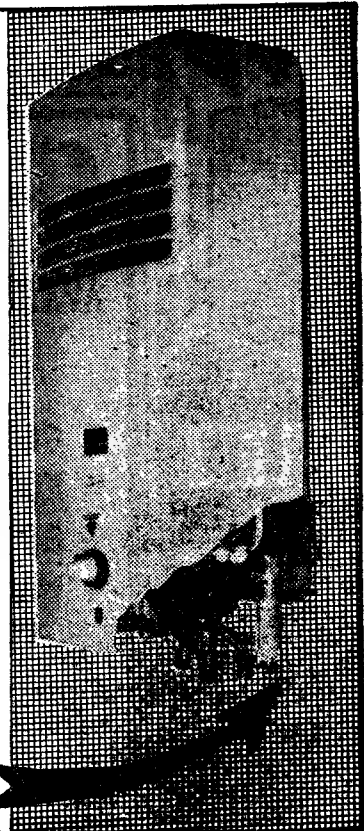


1969

O ESQUENTADOR DE
TECNICA PERFEITA

NÃO PRECISA
DE
FÓSFOROS

CARREGUE NESTE
BOTÃO E... PRONTO



*Calorífero a gás, instantâneo **
Rili



* o mais moderno e perfeito sistema de aquecimento a gás; sem chama sem cheiro e sem fumo

SEGURO-CONFORTÁVEL-ECONÓMICO



**VINHO BRANCO
RESERVA**

VINHOS DA HERDADE DE

Rio Frio

DISTRIBUIDORES

EM LISBOA
E SUL DO PAÍS
MUVIL - Soc. Mundial
de Vinhos, Lda.
Av. 24 de Julho, 124-1.º
Tel. 67 65 04

NO PORTO
E NORTE DO PAÍS
Costa Pinto & Vilaverde,
Lda.
Rua do Bonjardim, 420
Tel. 2 65 62 - 2 49 43

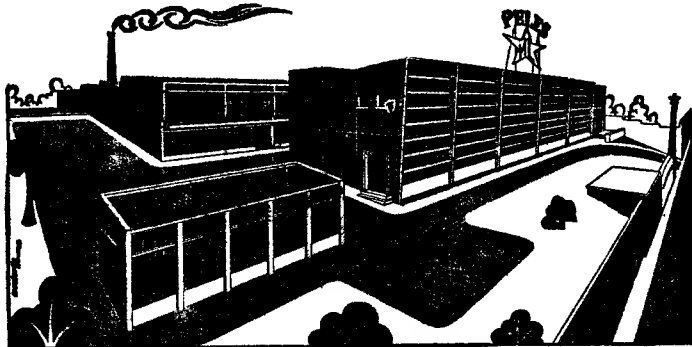
NO DISTRITO
DE SETÚBAL
João Martinho de Sousa
Palmeira
Tel. 235 069

VENDA DIRECTA AO PÚBLICO

EM LISBOA
Rua Tomás Ribeiro, 45 - A - Tel. 471 87
R. Sio. Amaro, 61 (à Estrela) - Tel. 67 6872

NO MONTIJO
Av. João de Deus, 28 - 28 A
Tel. 230 555

**FÁBRICA DE PELES ESTRELA M. L.
MARTINHO, LDA.**



APRESENTA A GRANDE NOVIDADE PARA HOMENS E SENHORAS

**CASACOS DUBLE-FACE
MODELOS INÉDITOS**

Fábrica e escritório: Estrada de Benfica, 382-A — LISBOA



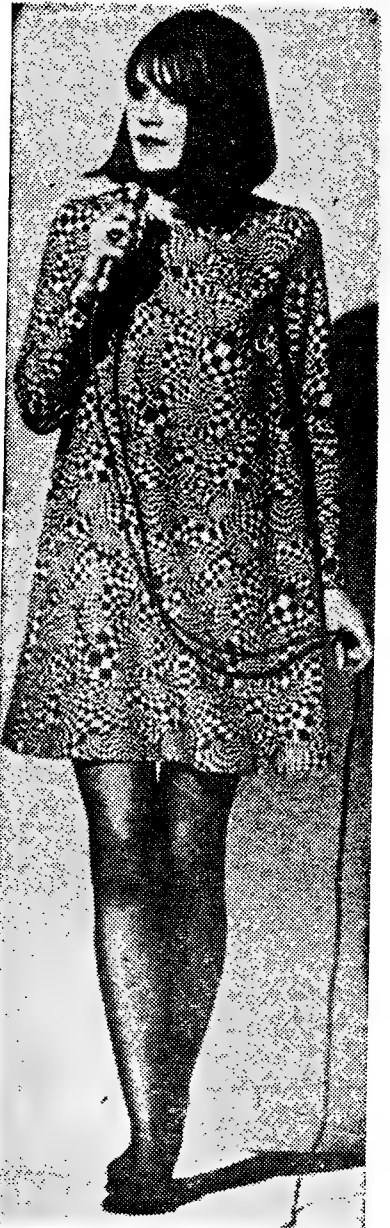
HOJE PODE VER... (1 PROGRAMA)

«DE NÓS PARA NÓS» um programa da TV alemã



São jugosla-
vos e vão
buscar as
raízes das
suas canções
às fontes
mais verda-
deiras: as
que o povo
cria. Na gra-
vura vêm-
-los quando
há meses es-
tiveram en-
tre nós

Um programa de Variedades da ZDF (II cadeia de televisão alemã) para a Eurovisão, transmitido do Deutschland-Hall, em Berlim, com a orquestra de Max Gregor, Kurt Boehme, Sandie Shaw, a orquestra da Ópera de Berlim com Erich Penzel, Roger Whittaker, o coro Regensburger Domsptzen, o «Ballet» da Ópera de Hamburgo, Madeline Bell, Les «Haricots Rouges», Roy Black, «Jacos Sisters», Ingeborg Hallstein e Heinz Hoppe, os Trovadores de Dubrovacki, David e Jonathan e Annabelle Bernard. Realização de Karl Wesseler. Este programa de Variedades de quase duas horas de duração começa a ser transmitido cerca das 22 horas. O seu título original é «Von uns für Sie» (ou seja «De nós para vós», para os senhores).



Sandie Shaw, a can-
cetista descalça da
Grã-Bretanha que a
TV universalizou
através da Eurovi-
são, actua hoje no
programa «De Nós
para Vós»

Desenhos animados com «Porki Pig»

Durante cerca de
meia hora, a partir das
19 e 50, os mais peque-
nos (e não só para
eles...) terão desenhos
animados.

Muitas aventuras,
historietas engraçadas
da conhecida série
«Porki Pig».

Rádio

EMISSORA — 451 m — 665
kc/s. — As 16: Notícias; 16
e 05: Luz no horizonte; 16 e 30:
Que quer ouvir?; 17: Mensagem
de militares em serviço na pro-
víncia de Angola; 18 e 05: Su-
cessos franceses; 18 e 20: Pro-
grama da mulher, por Maria Emí-
lia Canela de Abreu e Judite
Navarro; 18 e 40: Música e so-
nho; 19 e 10: Rádio Universidade;
19 e 50: Música só música; 20:
Diário sonoro; 20 e 20: O pia-
nista Neter Nero; 20 e 37: 3.

episódio do folhetim «A história
da Rainha Santa»; 21: Jornal de
actualidades; 21 e 30: Melodias
pelo quarteto de Sven Ingvars;
21 e 40: Variedades; 22 e 30:
Espectáculo, magazine de teatro,
cinema e bailado; 22 e 50: Mu-
sica ligeira; 23 e 05: Programa
da noite; 23 e 40: Serenata de
Combra; 1: Fecho.

2.º Período — Programa Cultu-
ral — As 15:10: Novos discos —
Abertura da Ópera Lucio Silla,
K. 135 (Mozart) — Duas marchas
em ré maior, K. 335 (Mozart) —

Alegro em ré maior, K. 121 (Mo-
zart) — Marcha em ré maior,
K. 249 (Mozart) — Menuetto em
dó maior, K. 409 (Mozart) — Três
danças alemãs, K. 605 (Mozart)
— Orquestra de câmara; 16 e 30:
2.º e 3.º actos da ópera «Der
Freischütz» (O Franco Atirador)
(Weber); 18: Música do século XX,
In Terra Pax, oratório (Frank Mar-
tin); solistas, União Coral e Coro
Feminino de Lausanne; Orquestra
da Suíça Romanda, sob a direc-
ção de Ernest Ansermet; 18 e 47:
Helios; Abertura op. 17 (Carl Niel-
sen); Orquestra Sinfónica da Rá-
dio Dinamarquesa, dirigida por
Erik Tuten; 19: Horizonte, sema-
nário de Letras e Artes; 19 e 30:
Folclore português, cantos tradi-
cionais portugueses da Natividade
em versões «acapella» de Lopes
Graça; 20 e 20: Música de Grieg,
Duas Melodias Elegiacas, Orque-
stra Filarmónica de Haia, dirigida
por Willem van Otterloo; 20 e 30:
Canções de Kodaly, Coro Mas-
culino do Conjunto do Estado Hun-
garo dirigido por Lajos Vass; 20
e 45: História de Portugal, pelo
prof. dr. Damião Peres; 21: Con-
certo pela Academia de Instru-
mentistas de Câmara, sob a di-
recção do maestro Silva Pereira;
21 e 30: Panoramas da História,
pelo dr. João Ameal; 21 e 50:
Grande sonata em lá maior (Wag-
ner); 23: A Voz do Ocidente;
1 e 15: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m —
1034 kc/s. — As 16: Programa
C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo;
18 e 15: Canções ao acaso; 18
e 30: Lisboa à tarde; 19: Noti-
ciário; 19 e 15: No Mundo acon-
teceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20
e 05: Conjuntos vocais; 20 e 30:
Jornal dos espectáculos; 20 e 45:
Tempo de ritmo; 21 e 03: Dia-
pensão; 21 e 32: Impacto; 22 e
30: Quando o telefone toca; 23:
Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»;
2: Contacto; 3 e 02: A noite é
nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e
03: Talismã.



I PROGRAMA — As 19 e 15: Telejornal;
19 e 30: Transmissão directa de Madrid, do
jogo do Torneio de Basquetebol de Natal
entre o Real Madrid e o Medall de Ma-
nila; 21: Ao Serviço da Nação; 21 e 55:
Programa de Variedades da ZDF (II Cadeia
de Televisão Alemã) para a Eurovisão; 23 e
45: Telejornal; Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 2 e 28: Abertura
Telejornal; 21 e 50: Teatro — «Moeda de
Ouro»; (apresentado no I programa no dia 6
de Janeiro de 1965); 23 e 25: Telejornal
e fecho.

I PROGRAMA — AMANHÃ — As 9 e 30: ...
Quarto dos Brinquedos; 20 e 20: Filme Infantil; 20 e 30: Contos TV;
21: Ao Serviço da Nação; 21 e 55: Noite de Cinema; 23 e 45: Tele-
jornal. NOTA — Haverá um período especial de emissão das 16 e 35
às 18 horas ou das 17 e 35 às 19 horas com a reportagem directa
da recolha da cápsula Apolo 8 e dos astronautas.

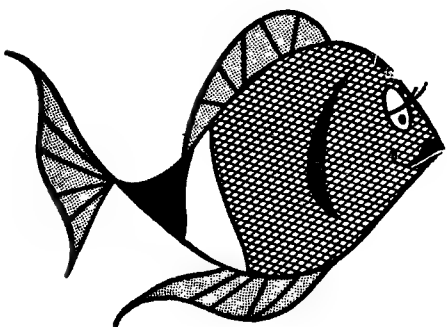
II PROGRAMA — As 21 e 50: Circo de Natal (repetição); 21
e 55: Canções de Natal (repetição); 23 e 20: «Uma véspera de Natal»;
(história filmada); 23 e 45: Telejornal e fecho.



TV NO DIA 28 VEJA NA TELEVISÃO

O SORTEIO DA MENINA PESCADINHA

SÃO DEZ AUTOMÓVEIS
NO DIA 29 VEJA OS JORNAIS
COM A LISTA COMPLETA DOS 21.210 PRÉMIOS



canal da crítica

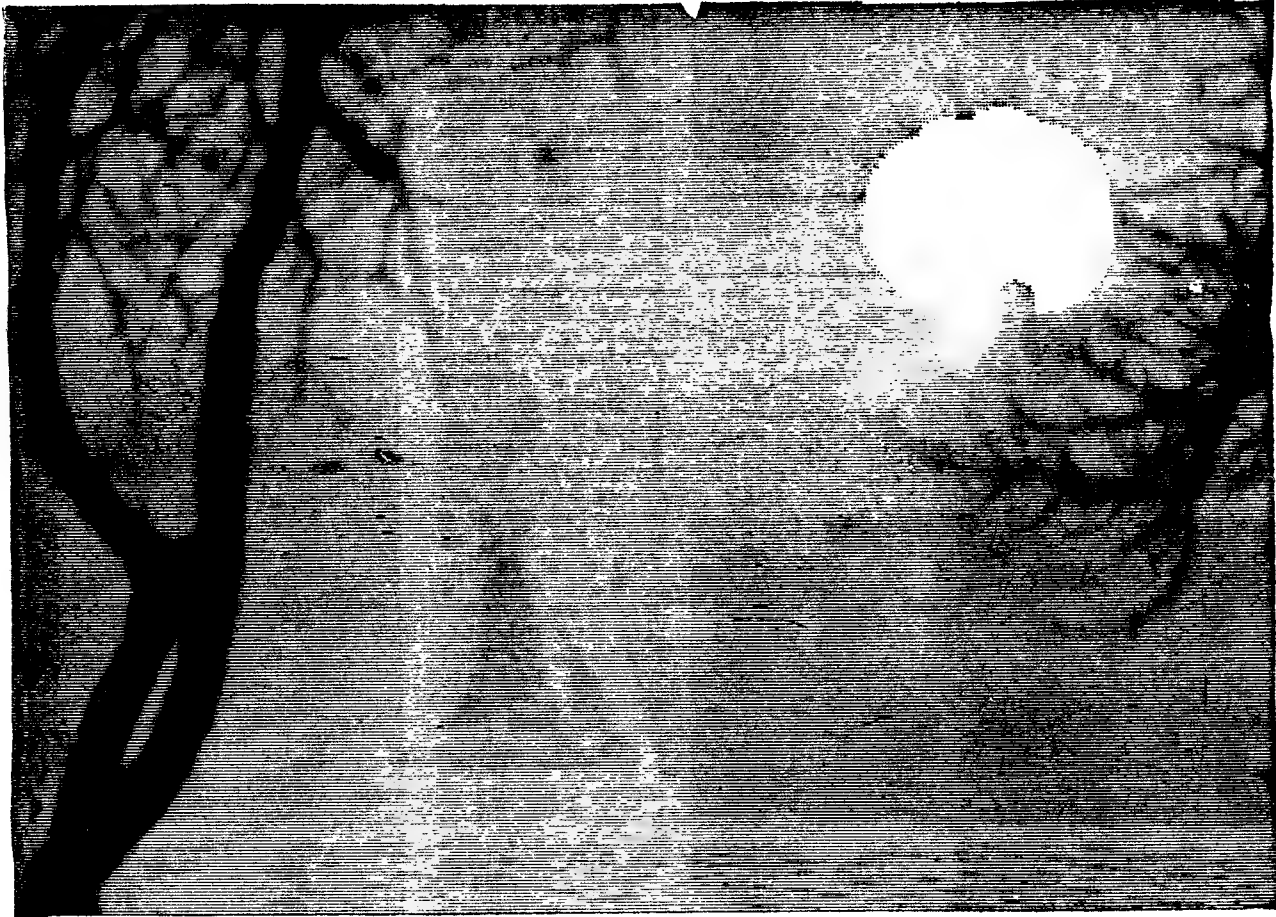
NOITE DE TEATRO: MAIS UMA «CHAVE» FALSA...

Odete de Saint-Maurice escreveu a «Noite
de Teatro». Fartei-me de rir. Quanto mais lá
se chorava, mais eu ria. Sou um sádico. De
maneira que nem pensem em mudar as coisas
no sector de teatro da televisão. Se cortarem
as vasas a todos e a todas Odetes de Saint-
-Maurices comecagente há-de rir...

Não pensem que estou a
fazer uma crítica. Tenho su-
ficiente respeito por mim
próprio para considerar ta-
manha droga digna de qual-
quer coisa que se aproxime
de um olhar atento. Miséria
de pensamento; miséria de
literatura; miséria de teatro.
Só me dá pena ver um actor
como Rui de Carvalho e um
homem como Curado Ribeiro
a boiar na enxurrada, como
folhas velhas, inúteis, títe-
res que podem ser maneja-

(Continua na pág. seguinte)

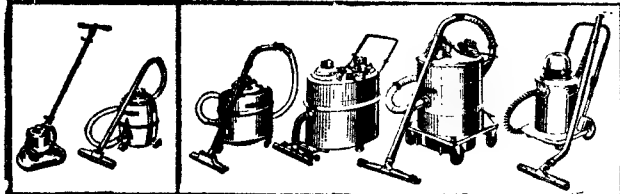
FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV



no dia que
começa
NILFISK
recomeça!

recomeça a limpeza de cada dia
no lar ou na fábrica

NILFISK



**ASPIRADORES
INDUSTRIAIS
E DOMÉSTICOS**

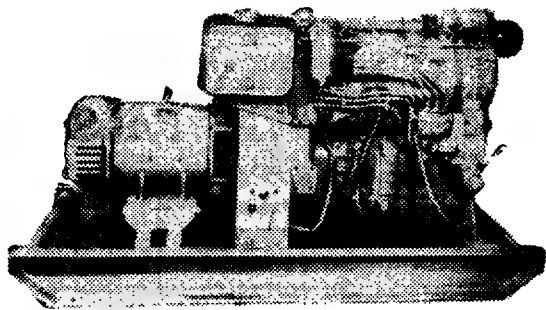
Fornecedores da Indústria,
Grandes Companhias,
Hospitais, Hotéis, Escolas,
Estado e Forças Armadas

VALENTIM DE CARVALHO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.
RUA NOVA DO ALMADA, 95-97 LISBOA
No norte: VADECA — R. de S. to António, 218 — PORTO



- Máquinas-Ferramentas
- Motores Diesel e fora de borda
- Grupos Electrogéneos, etc.



GÜLDNER

METALÚRGICA ALENTEJANA

CARLOS ROEDER, LDA.

STAND — RUÁ DO ARSENAL, 126
ESCRITÓRIO — RUA DO ARSENAL, 148, 1.º E 3.º • LISBOA
TELEFONES 36 18 32/3/4 TELEGRAMAS: «HERDER»



**HOSPITAIS CIVIS
DE LISBOA**

SERVIÇO
DE AQUISIÇÕES

CONCURSOS PARA:

- Leilão de Gorduras e Sebos
- Venda de sucatas

Recebem-se propostas até às 10 horas do dia 3 de Janeiro próximo para os mencionados concursos.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições do H. de S. José, em qualquer dia útil das 9 às 11:30 e das 14 às 16 horas, as respectivas condições, excepto aos sábados que é das 9 às 12 horas.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 23 de Dezembro de 1968.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Alexandre Pinheiro

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

dos (podem ficar provados agora) por uma indigência lacrimante, só possível ao nível do compadrio, onde todas as exigências de qualidade são esquecidas.

A história era muito edificante. Luísa, costureira, fugiu de casa. Era casada com o senhor engenheiro. Ao fim de 12 dias estava arropendiada, mas só regressou ao fim de 20 anos, compreende-se, com a morosidade dos meios de transporte... Regressou na noite de Natal. Deixou filhos, encontra netos. Foi um comovedor regresso de mãe pródigo. A história estava encapada em lágrimas. A Carmen Dolores não era uma actriz: era a fonte das sete bicas.

A grandíssima história foi desencadeada pelo Luís Cerqueira, que apanhou uma destas perucas! Dois membros do elegantíssimo clube jogam xadrez e discutem filosofias tristes. E durante a peça ouvimos coisas muito profundas. Assim: as pessoas são sempre desilusões; há horas que redimem vidas; a tristeza da Luísa era da época; quando a Luísa se zangava com o marido engenheiro, ele exercia represálias; não há pessoas felizes sem falibilidade; — O que existe dentro de si? — O meu eu, o meu Deus.

Pormenor significativo: ao homem céptico, frustrado, incréu que não vai em grupos, a esse, D. Odele augura o belo futuro de crítico de Televisão.

Pois é. Uma maçada. Isto se não houvesse crítica era um paraíso. O negócio das celulas prosperava que era uma beleza.

A sério, impõe-se uma revisão urgente dos processos de trabalho na Televisão Portuguesa. A inclusão de trabalhos como este de D. Odele é sintoma de doença grave: precisa de bisturi bem afiado numa operação aliás de pequena cirurgia.

PROGRAMA INFANTIL

Ester de Lemos contou uma história aos meninos, história intitulada «Ramão e outros».

História moralista, muito para uso dos adultos, quase nada, ou mesmo nada para as crianças. Muitas e convencionais palavras. Quase nenhum jogo, quase nenhuma invenção. Brincar é o transporte que deve ser — e que Ester de Lemos não utilizou. Foi pena, porque na arquitectura a peça teve a marca de quem não é totalmente estranho ao serviço da secretaria literária.

Ora bem: a qualquer telespectador adulto não passou despercebida a tese reacconária defendida na peça: ser pobre é que é bom, o que é bom é viver na miséria, o ideal cristão consiste em a tudo preferir a fome, o frio, a incomodidade... vocês, pobrezinhos, deixem-se estar onde estão, assim é que é bom, isso é que é Natal, meus amados irmãos comam vocês essas batatas, que eu gosto muito desta carne!

Ester de Lemos poderá dizer que pretendeu significar o predomínio da riqueza do espírito, da fraternidade, sobre o poder do dinheiro e do bem-estar. O problema não está bem colocado. Legítimo, sim, é defender que a libertação dos homens das preo-

cupações materiais aperfeiçoará o homem moral e aumentará o seu poder.

E depois, que mau gosto, que pedagogia condenável esta de apresentar Deus como alguém «que nos castiga pelos nossos pecados...». Quando deixarão os escritores barba-tuchos e os «erentes» de faca e alguidar, de apresentar Deus como um qualquer xerife cuja função consistisse em manter a ordem neste Far-West turbulento que é o Mundo?

BBC, BEETHOVEN, LOPES-GRAÇA

Um dia de Natal pleno de televisão cheio como um ovo. E nele, três rubricas de grande qualidade: o circo, a «Nona» de Beethoven e as canções do Natal, de Fernando Lopes-Graça.

O circo foi a prenda da B B C aos meninos da Europa: circo com todos os matadores, risco, brincadeira, habilidades de pessoas e animais. As crianças portuguesas há muito tempo não se divertiam tanto.

Talvez tenhamos de recuar até à grande noite de gala do disco clássico para encontrarmos algo de tão belo como a transmissão da Nona Sinfonia, pela orquestra dirigida por Von Karajan. Duas obras de arte: a sinfonia e a realização. Câmaras com sabedoria e com asas. Um assombro de organização, de conhecimento, de experiência.

O dia de Natal é dia de milagres. Prova-se com a presença do maestro Lopes-Graça nos estúdios da televisão portuguesa. Bem, eu acredito que fosse ele, embora lhe notasse apenas o vulto, não o vi uma única vez de fronte.

Quando anunciaram essa presença julguei tratar-se de uma gravação do coro da Academia de Amadores de Música, feita para a televisão há séculos, várias vezes anunciada, várias vezes negada.

Não era. Eram canções novas. A beleza musical ali era tudo. Suspendo aqui a nota, para terminar também em beleza. Se falasse na realização famosa sobre um assunto desagradável — e não vale a pena. Ou é Natal ou não é.

ESTÚDIO C

Gigliola veio a Portugal para se exhibir nos estúdios da televisão portuguesa. Proporcionou-nos uma série de bilhetes postais, em cenário que se calhar, como na pastiche das Terras da Maia, também era muito shakespeariano...

As canções estamos fartinhos de as ouvir pela Rádio. Nada de novo. Gigliola é das cançonetistas que podem consumir-se no Ramadão. Seu cabelo comprido é inofensivo. O seu «charleston» tem beneplácito. Os seus longos braços abertos não crucificam ninguém. Gigliola nasceu para nossa irmãzinha, é que não nos dá sorte nenhuma com mil diabos!

Ela não veio trazer guerra nem promessas a ninguém. Cantar, para Gigliola não é uma aventura, nem um compromisso. Não grita, não explode, não clama, não protesta. Gigliola canta como quem namora à janela, num sexto andar, em noite luarenta.

Mas que perfeição de «play-back»! Ao menos nisso, Gigliola tem a escola toda.

M. C.

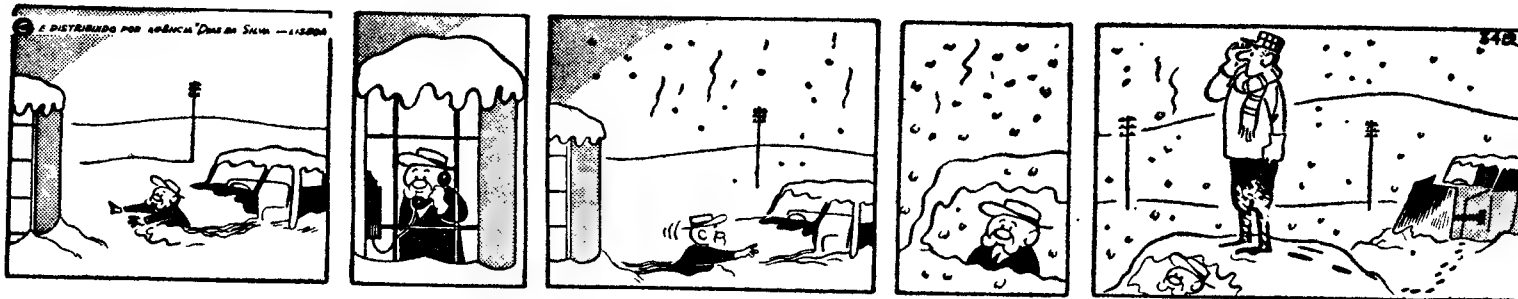
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

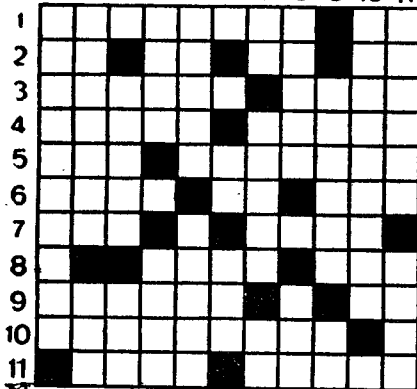
COM PROVERBO
PROBLEMA N. 504

HORIZONTAIS: — Cérebro alçácor dos reis
mouros, em Granada, Utensílio de padaria 2 —
Impertineta Preposições idem (abrev.) Aspecto
3 — Óleo de azeitona Significa 4 — Ilha do
mar Tirreno, no golfo de Nápoles Bebida pro-
veniente da fermentação do sumo das uvas
5 — Anel: Estreitos 6 — Chapéu de copa en-
juncada Prefixo de negação Alga 7 — Argola
de cesto Beca 8 — Simples Poesia 9 — Des-
montado Preto de privação 0 — Rainha
endêmica da Assíria de Babilónia, a quem é
atribuída a fundação dos célebres jardins sus-
pensos 1 — Rasteira Afeção

VERTICAIS: — Com modos de macaco 4 — Leprosos Preposição 3 — Era Ave pernata 4 — Acrescentar Em maior quantidade 5 — Encaixava Cresce 6 — Nome de letra grega Rate, 7 — Grajeira Ar agitado Imperfeita 8 — Sobrevir Consentimento 9 — Velho, Nota de musica, 10 — Cena burlesca 11 — Localidade do concelho de Viana do Castelo De cobre ou de bronze.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o
PROVÉRBO nele inscrito.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5039

HORizontais: — N A I A L Anelo 2 —
Ineptos 3 — Aprovar Ca. 4 — Más Alapado
5 — Uso Rã Rs 6 — AC Tentasse 7 — Ri-
cação. 8 — Dak. Alasse 9 — Ibo Ar 0 — In-
saciáveis 11 — NO LAR Euro

VERTICAIS: 1 — Amua Drin 2 — PASCOA
No. 3 — Tirso. Lis 4 — Ano Tribal 5 — Le-
varei Oca 6 — Palanca. Ir 7 — Atra Talha.
8 — NA. PRAÇA Vê 9 — Escassos Eu. 10 —
Ad Sar. 11 — Oslo Emerso

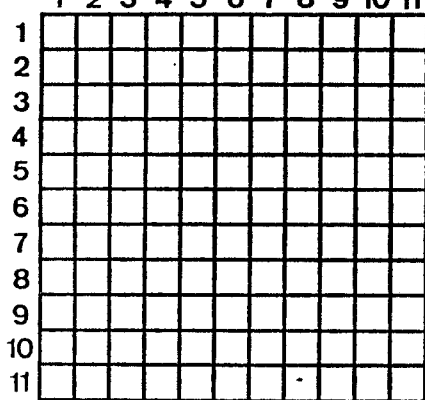
(Provérbio: NATAL NO LAR PASCOA NA PRACA).

PROBLEMA N.º 8884

HORIZONTAIS: — Figura arquitectónica formada por dois arcos iguais que se cortam superiormente Mapa 2 — Nome de frutos Prendes 3 — Arremessa Tempo do verbo «4» — Moradas fortificadas de um chefe negro, em certas regiões da África Tavez 5 — Amônio is q, Nesse lugar 6 — Viração Corda de rebocho Apellido 7 — Noventaes em romano Sepulchra Res. 8 — Porção de alimento, para a refeição de uma pessoa Guegnês de oromes 9 — Caminharás Estavam. 0 — Forma apocópada e proclítica de vaiz Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e me de abelhas Nome de mulher 1 — Lavrais Carmor

VERTICAIS: — Louco Fura em muitos pontos 2 — Lágrima Poisar no mar (o avião) 3 — Falsificar, Guarda segredo 4 — Atravessar Cabelos brancos 5 — Pegos. Tanto. Campêdo. 6 — Ruído Preposição latina que designa movimento. 7 — Fosso. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia Artigo definido. 8 — Acomete Medida de superfície 9 — Linhas secundárias de caminho de ferro. Terra nova e arroteada de fresco. 10 — Inimões da pai Exército de mar 11 — Esmona Adiciona.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

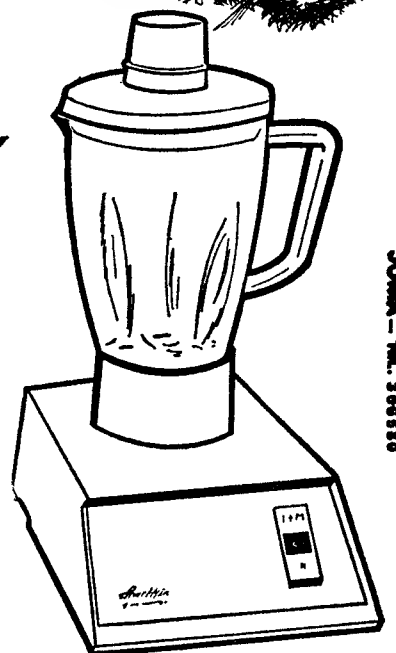
**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8883**

HORIZONTAIS: 1 — Reportagem 2 — Arame Marta 3 — Mr Ur 4 — Pa Agá Are 5 — Arremetadas 6 — Ama Oca 7 — Sarar Leon 8 Am Sacam Ar 9 — Mu Mor Eta 10 — Baco Arad 11 — Aramo Abala

VERTICAIS: 1 — Rampa Samba 2 — Enrr.
Amuar 3 — Pã. Irar. Iça 4 — Amo Emas.
Om. 5 — Re. Amoram. 6 — Uga Com. 7 —
Im Atolar. 8 — Ras. Acém. Ab. 9 — Ir. Adão.
Era. 10 — Atura Natal 11 — Marés. Irada.

**O
seu
melhor
presente
de NATAL!**

Star Mix
a máquina
de cozinha
mais completa
do mundo



FORM NO. 000

VENDAS SÓ ATRAVÉS • **PEDIDOS DE** **A OLAVO CRUZ, L.^{DA}**
DOS AGENTES OFICIAIS • **CATÁLOGOS** **RUA DAS FLORES, 59 - LISBOA**

A MELHOR APLICAÇÃO DOS SEUS CAPITAIS É EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

RENDIMENTOS EM PROPRIEDADES, DE 7,5 A 9% COM GARANTIA POR 12 ANOS

Durante 12 anos V. Ex.ª pode receber directamente em casa, no n.º escritório, ou no banco, o rendimento da propriedade que nos compra

em rendimento certo estabelecido, sem mais qualquer preocupação ou encargo pode ainda habitar ou explorar por aluguer, directamente a mesma propriedade

Preço dos apartamentos mobilados	PREÇO DOS ANDARES
130 000\$00 — 230 000\$00	3 ASSOALH. 220 000\$00
155 000\$00 — 240 000\$00	4 » 230 000\$00
170 000\$00 — 250 000\$00	5 » 380 000\$00
180 000\$00 — 270 000\$00	6 » 440 000\$00
185 000\$00 — 280 000\$00	7 » 600 000\$00
200 000\$00 — 300 000\$00	
210 000\$00 — 320 000\$00	
220 000\$00 — 340 000\$00	

Locais das nossas propriedades:

Centro da Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço d'Arcos, Parede e Alapraia — S. João do Estoril

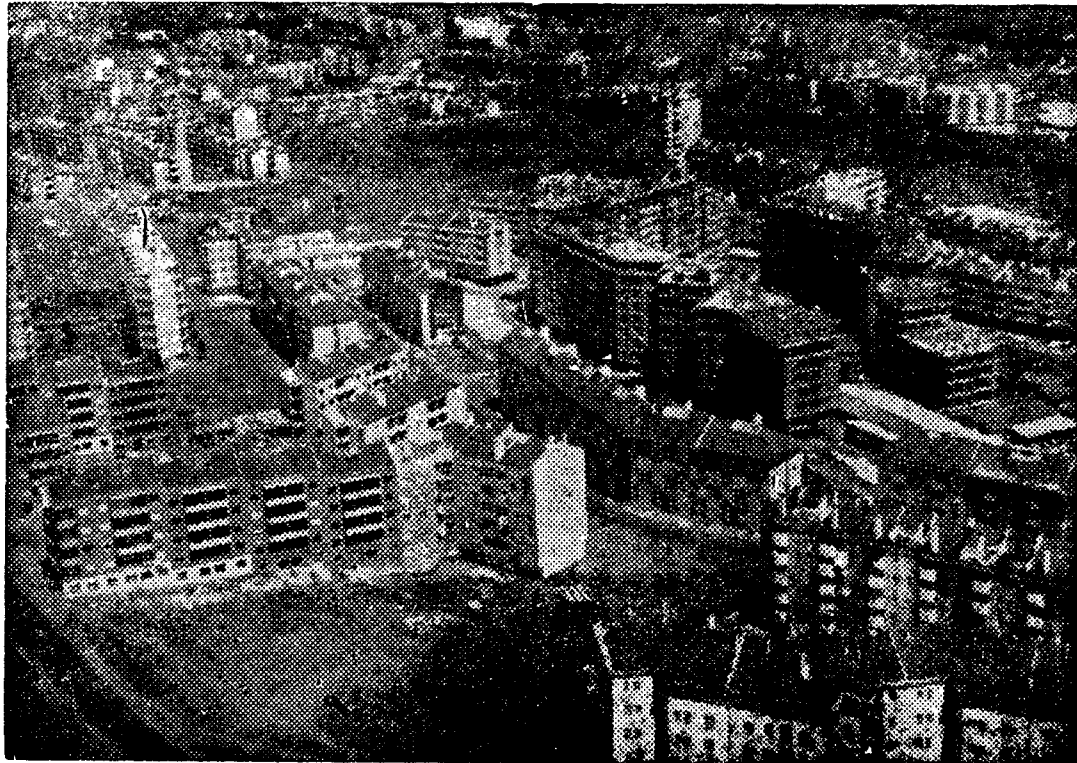
ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

VENDA E ALUGUER

Azulejos — Nacionais e Estrangeiros desde \$60

INFORMAÇÕES: Lisboa - Rua Conde Redondo, 53, 4.º Esq. - Telefones 47843 - 45843 • Queluz - R. D. Maria I, 30 Telefones 95201 - 95202 • Amadora - Reboleira - Telefone 933670

NOTA: — AS PROPRIEDADES QUE VENDEMOS SÃO NOSSAS E DE NOSSA CONSTRUÇÃO



REBOLEIRA — VISTA PARCIAL (AÉREA)

NITRATOS DE PORTUGAL

S. A. R. L.

Capital Esc. 200 000 000\$00

Rua dos Navegantes, 53 e 48

LISBOA-2

AVISO

Obrigações de 5 % — 1959

PAGAMENTO DE JUROS

Informam-se os Senhores Obrigacionistas de que o pagamento de juros referentes ao cupão n.º 18 se efectua, a partir do dia 2 de Janeiro, nos seguintes estabelecimentos de crédito:

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Lisboa & Açores
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Crédit Franco-Português
Crédito Predial Português

O valor do referido juro, depois de deduzidos os impostos aplicáveis, é o seguinte:

Esc. 21\$30.25 por cada obrigação nominativa
Esc. 16\$95.80 por cada obrigação ao portador (cupão n.º 18)
Esc. 21\$51 por cada obrigação ao portador registada (cupão n.º 18).

Lisboa, 18 de Dezembro de 1968.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

FERNANDO CARDOSO

Fabricante e criador de modelos de Malas de Senhora e Sócio-Gerente da

CASA CARDOSO

RUA DA PALMA, 3 e 3-A — LISBOA

Deseja á sua Ex.ª Clientela e Amigos, Colegas e Fornecedores Festas Felizes e o futuro Ano Novo cheio de prosperidades.



BRANDY
Imperial
CAVES
IMPÉRIO

premiado com medalha de ouro no concurso internacional de vinhos de Bucareste, por um júri internacional constituído por especialistas dos principais países vitícolas

FILIAL NO PORTO:

Rua da Picaria, 71

DEPOSITARIO EM LISBOA:

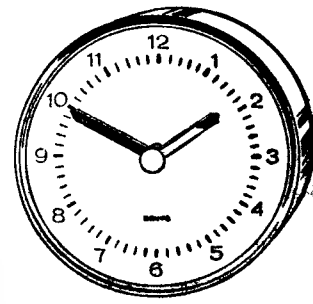
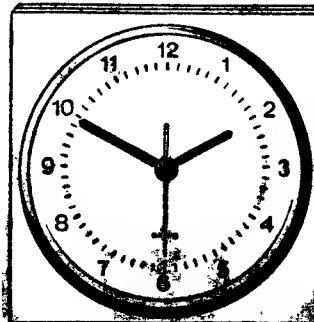
Vinalda, Ltd.ª — Rua Sousa Martins, 9-B



DE HA MUITO
KRUPS DÁ MUITO!

- * Dá a origem: a experiência e o prestígio de uma indústria
- * Dá 120 anos de aperfeiçoamento constante
- * Dá um mundo de coisas a todo o mundo

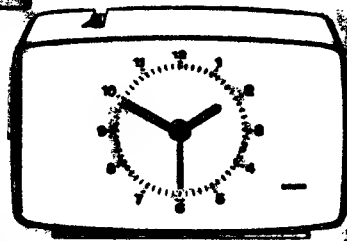
QUE HORAS SÃO?



É A HORA KRUPS!

CORES: azul, cinzento e antracite

CHRON ELECTRIC:
relógio eléctrico de pilhas que lhe dá todas as horas do ano em trocas de alguns minutos do seu tempo. UMA VEZ POR ANO: mudar a pilha



RELÓGIO DE MESA com despertador de repetição (besouros)

KRUPS DÁ-LHE
TODO O TEMPO, SEMPRE A TEMPO E PARA MUITO TEMPO!



Representante e distribuidor

Lusomax

TRAZ ALEGRIA AO LAR!

SOCIEDADE DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LDA

RUA DOS CORREIROS 106-2.º DTO - LISBOA

Em OLIVAIS SUL o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo nosso agente ANTÓNIO VALENTE

DES POR TO

Os três melhores em cada categoria

POPULARES

- 1.º J. M. Rodrigues (U. S. C.), 10 m. 0.2 s
- 2.º, E. Duarte (M. M.), 10 m. 28,8 s.
- 3.º, J. Lopes (Águias), 10 m. 32,6 s

JUNIORES

- 1.º, Leonardo Caetano (Bf.), 19 m. 58 s.
- 2.º, José Faceira (Sp.), 20 m. 9,4 s.
- 3.º, José Diogo (Sp.), 20 m. 22,2 s

SENIORES

- 1.º, Anacleto Pinto (Bf.), 18 m. 5,2 s.
- 2.º, Carlos Tavares (Bf.), 18 m. 12,8 s.
- 3.º, José Lourenço (Sp.), 1 m. 29,2 s

«GRANDE PRÉMIO DO NATAL»

ANACLETO PINTO (BENFICA)

E A EQUIPA DO SPORTING

— OS GRANDES VENCEDORES

— José Rodrigues e o G. D. Mem Martins triunfaram em «populares»

Algumas das principais artérias da capital — Campo Grande, Campo Pequeno, Av. da República, Av. Fontes Pereira de Melo, P. Marquês de Pombal, Av. da Liberdade e Restauradores — estiveram, ontem, bastante movimentadas com a passagem dos pedestrianistas participantes no «Grande Prémio do Natal», organizado pela Federação Portuguesa de Atletismo, a manter uma tradição que lhe é grata.

Interrompido em 1963 e 1964 por incompreensão das entidades oficiais de então, o «Grande Prémio do Natal», teve o condão de nos anos seguintes despertar entusiasmos adormecidos. E esta época aquele entusiasmo atingiu o auge com milhares de pessoas a assistirem à já tradicional competição ao longo de todo o percurso.

Foi, na verdade, uma corrida excepcional e a atestação está o novo «recorde» obtido por Anacleto Pinto, do Benfica, com 18 m. 5,2 s. O anterior máximo que já lhe pertencia, com 18 m. 14 s., foi obtido em 1967 contra 18 m. e 31,8 s. de 1965.

Para além do aspecto técnico da corrida, que serviu de pedra de toque para avaliar o grau de preparação dos nossos representantes às várias provas de S. Silvestre (S. Paulo, Brasil; Luanda e Madrid), que teve a presença respectivamente de Anacleto Pinto; Carlos Tavares e José Lourenço; e Armando Aldegalega e Morujo Júlio, está, sem dúvida, a espectacularidade e o vínculo da corrida de Natal.

Com uma manhã excepcional, excelente temperatura, este «Grande Prémio do Natal», teve beleza e notas expressivas, principalmente nos desfiles travados entre os

mais aptos. Na prova maior (seniores e juniores) lutou-se, apesar de se saber de antemão que a classe de Anacleto Pinto, imperava fortemente e já que Manuel de Oliveira, ausente e em baixa de forma, não podia acorrer em auxílio dos companheiros de clube para formar um bloco que pudesse fazer frente àquele expoente benfiquista.

A classificação final não trouxe surpresas e pode até dizer-se que exprimiu a verdade e o valor actual dos corredores. Queremos dizer nos seis primeiros lugares que deram-se, os seis melhores pedestrianistas da actualidade e pela sua nota de valor.

Na luta por equipas a maior homogeneidade «leoni» ditou leis. Os sportingistas não tiveram problemas de maior com a classificação dos seus cinco homens. A sua vitória é mais um atestado do seu extraordinário trabalho em profundidade. Os «leões» possuem, na verdade, um lote de muito valor, e em conjunto é difícil batê-los.

Eis as classificações:

Individual — 1.º, Anacleto Pinto (Bf.), 18 m. 5,2 s.; 2.º, Carlos Tavares (Bf.), 18 m. 12,8 s.; 3.º, José Lourenço (Sp.), 18 m. 29,2 s.; 4.º, Armando Aldegalega (Sp.) 18 m. 50 s.; 5.º, Maximino Pinheiro (Gin 1.º de Maio), 19 m. 13,2 s.; 6.º, Morujo Júlio (Sp.) 19 m. 47,6 s.; 7.º, Leonardo Caetano (Bf.), 19 m. 58 s.; 8.º, Eduardo Simões (Sp.), 20 m. 9,4 s.; 9.º, Carlos Lopes (Sp.), 20 m. 9,4 s.; 10.º, José Ferreira (Bf.), 20 m. 16,4 s.; 11.º, José Diogo (Sp.), 20 m. 22,2 s. e 12.º, Francisco Pires (Sp.), 20 m. 25 s.

Classificaram-se, ainda mais 25 corredores. A partida alinharam 38 atletas, em representação do Sporting, Benfica e Sporting das Caldas.

Por equipas — 1.º, Sporting (3-4-6-8-9), 30; 2.º, Benfica (1-2-7-10-14), 34 pontos

A prova de populares

A anteceder o «Grande Prémio do Natal», efectuou-se uma prova para «populares», na qual participaram cerca de uma trintena de corredores, divididos pelos seguintes clubes: Mem Martins, Águias F. C.; Beira-Mar, Rio de Janeiro e União Sport Clube.

A competição que foi organizada pelo G. D. da Mouraria, despertou também interesse, dado que o valor muito igual entre os participantes tornou o desfilé cercado.

O vencedor — José Maria Rodrigues — chegou há pouco do Ultramar, onde esteve a prestar serviço militar não é, por assim dizer, um desconhecido. Já há anos representou um clube federado e daí naturalmente, ter mais experiência, factor que lhe veio a ser muito útil para

Imagens do «Grande Prémio de Natal», que ontem se correu no percurso Avenida Marechal Carmona-Campo Grande-Restauradores, em plena cidade de Lisboa. Para além do friso de concorrentes (focados à partida) nota-se a equipa do Sporting que venceu colectivamente e o benfiquista Anacleto Pinto que triunfou, destacado dos mais opositores.

conquistar o primeiro lugar.

No desfilé de equipas o caso esteve sério, e só no final é que se pôde ter uma ideia do vencedor. Veio a vencer o conjunto do G. D. de Mem Martins, clube que tem sempre aparecido nestas corridas para «populares».

Eis a ordem de chegada: **Individual** — 1.º José Maria Rodrigues (U. S. C.) 10 m. 0,2 s.; 2.º, Edmundo Duarte (M. M.), 10 m. 28,8 s.; 3.º, José Lopes (Águias F. C.), 10 m. 32,6 s.; 4.º, Custódio Chamusca (M. M.), 10 m. 34,2 s.; 5.º, António Pinheiro (M. M.), 10 m. 37,8 s.; 6.º, Carlos Tavares (B. M.), 10 m. 40 s.; 7.º, José Luís Ramos (M. M.), 10 m. 54,4 s.; 8.º, Valdemar Damão (Ind.), 10 m. 58,4 s.; 9.º, Carlos Vieira (M. M.), 10 m. 59,4 s.; 10.º, Carlos Guerra (B. M.), 11 m. 6,6 s.; 11.º, José Casanova (Águias F. C.), 11 m. 7,2 s.; e 12.º, Manuel Pereira (Ind.), 11 m. 9,6 s.

Classificaram-se, ainda mais 14 atletas.

Por equipas: 1.º, G. D. de Mem Martins (2-4-5) 11 pontos; 2.º, Águias F. C. (3-12-15) 30; 3.º, Beira-Mar (6-11-17), 34; 4.º, Rio de Janeiro (21-23-24), 63.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa de Reservas: Madredeus-Benfica, às 20 e 30; Belenenses-Técnico, às 21 e 45; Oriental-Campo de Ourique, às 23 horas.

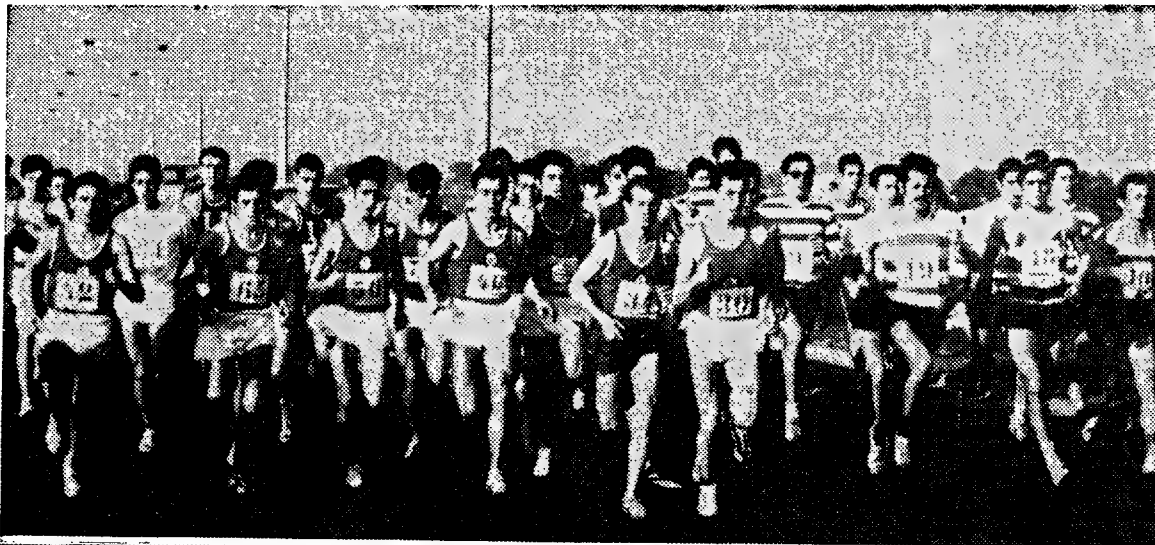
Carnide no Ateneu, às 21 e 30.

— Sorteio da fase final do Campeonato Metropolitano

Feminino na Federação, às 21 e 30.

BILHAR — Campeonato de Lisboa, de 3.ª categoria, a uma tabela, na Associação dos Amadores de Lisboa, às 21 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa da I Divisão (2.ª categoria): Ateneu-



VOTADOS PELA U. P. I.

BEAMON E CASLAVSKA: OS MELHORES DO ANO

LONDRES, 26 — (A. N. I.) — Bob Beamon, o negro norte-americano que venceu a prova de salto nos Jogos Olímpicos do México, foi considerado o «Desportista do Ano», na votação promovida pela United Press International. Por outro lado, entre as senhoras a «Atleta do Ano» foi Vera Caslavská, gineasta da Checoslováquia.

Participaram na votação trinta jornalistas desportivos europeus e nas listas que apresentaram o primeiro nome tinha dez pontos e o décimo nome um ponto.



Depressa, tome Rennie!

O SEU «EXTINTOR DE BOLSO»

A tensão do dia-a-dia abate-se sobre nós. Atinge-nos por dentro, no estômago, pela indigestão, azia, excesso de ácidos...

Digestif Rennie apaga esse ardor como se fosse um extintor de bolso. Sem água, sem um minuto de espera! Uma Digestif Rennie elimina imediatamente a sensação de ardor. Uma segunda Rennie, dissolvida lentamente na boca, assegura-lhe um alívio mais duradouro.

Rennie
Força digestiva!



Giannini?

BREVEMENTE À VENDA EM PORTUGAL

CICLISMO

JORGE LARA

DIRECTOR DE CORRIDA

NO «2.º GRANDE PRÉMIO PHILIPS»

A semelhança da temporada finda será a Associação de Ciclismo do Norte que organizará o «2.º Grande Prémio Philips», competição incluída no calendário de provas da Federação Portuguesa de Ciclismo como noticiámos.

Para início dos trabalhos

Armando Campos continua no andebol do F. C. do Porto

Encarada a hipótese da saída do Técnico das equipas de andebol do F. C. do Porto, Armando Campos, devido à pouca assiduidade dos jogadores da categoria principal às sessões preparatórias, o treinador em reunião com os dirigentes do clube dispôs-se a continuar no clube retirando o pedido de demissão anteriormente apresentado.

preliminares efectuou-se na passada semana no Porto uma reunião a que assistiram dirigentes do ciclismo nortenho e um representante da firma patrocinadora.

Podemos acrescentar que a direcção da corrida será confiada a Jorge Lara, que também foi o director da 1.ª edição da prova.

Embora o traçado da competição ainda não esteja escolhido, foi decidido, no entanto, que o mesmo será consideravelmente diferente do da última época. Também a direcção da corrida será mais prolongada prevendo-se que a mesma seja disputada em quatro dias.

Dia do Atlético

A direcção do Atlético decidiu considerar dia do clube, o encontro que a sua equipa de futebol disputa no próximo domingo contra o União de Tomar, a contar para o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão.



Wilson no seu primeiro treino ao serviço do futebol belenense

Jornadas automobilísticas do Fim do Ano

HOJE: FECHO DAS INSCRIÇÕES

O Clube Arte e Sport leva a efeito, mais uma vez, o extenso programa das Jornadas Automobilísticas de Fim de Ano na Figueira da Foz, que como de costume, se compõem de um Concurso de Elegância e Conforto Auto-

móvel, em 29 do corrente, na Figueira da Foz, e do «Rallye» do Fim de Ano, cuja prova de estrada se realiza no dia 31, com oito diferentes pontos de partida (Coimbra, Figueira da Foz, Leiria, Lisboa, Montijo, Porto, Santarém e Torres Vedras).

As inscrições são recebidas no Clube Arte e Sport até hoje, à noite, iniciando-se, às 21 e 30, o sorteio para atribuição de números aos concorrentes.

BELENENSES-BENFICA:

«DIA DO CLUBE»

Para o jogo Belenenses-Benfica, a realizar no próximo domingo 29 do corrente, às 15 horas, no Estádio do Restelo, a junta directiva do Clube de Futebol «Os Belenenses», deliberou que fosse considerado «Dia do Clube».

Assim, todos os associados, além da apresentação do cartão e quota de Dezembro, terão de adquirir o bilhete especial de Esc.: 15\$00.

TOTOBOLA

O NOSSO

PALPITE

Belenenses-Benfica	X
Braga-Porto	2
Setúbal-Académica	1
Sanjoanense-C. U. F. ...	1
Leixões-Guimarães	X
Varzim-Sporting	2
Atlético-U. Tomar	1
Famalicão-Tirsense	X
T. Novas-Boavieta	X
Peniche-Portimonense ..	X
Alhandra-Sintrense	1
Montijo-Torriense	1
Oriental-«Os Leões» ...	1

DEBBIE MEYER

«A melhor do ano» para Cuba



MIAMI, 25 — (F. P.) — Segundo Rádio Havana, captada em Miami, a nadadora americana Debbie Meyer, que conquistou três medalhas de ouro no México, foi eleita «a melhor desportista do ano» em Cuba.

NA ARGENTINA

SIVORI REGRESSA

BUENOS AIRES, 26 — (A. N. I.) — Não voltarei a jogar na Itália — declarou ao chegar a Buenos Aires o futebolista Omar Sivori, que foi o jogador mais vezes castigado do futebol italiano, como jogador do Nápoles.

«Os meus sarilhos começaram quando reagi a uma falta de Tabalá (do Juventus). O árbitro Pierone expulsou-me, como já de outra vez acontecera, e percebi que eu não lhe agradava. Depois veio a suspensão por seis jogos, que era uma completa injustiça».

Por isso decidiu voltar à Argentina, onde estão os seus três filhos, para com eles passar o Natal. Não sabe se regressará ao River Plate, equipa de que saiu quando foi para a Itália.

be se regressará ao River Plate, equipa de que saiu quando foi para a Itália.



O Futebol ganha novo campo de acção, conquistando as raparigas portuguesas. Em Alcochete, esta turma (dirigida por Reis Borges) exibiu-se perante largas centenas de espectadores

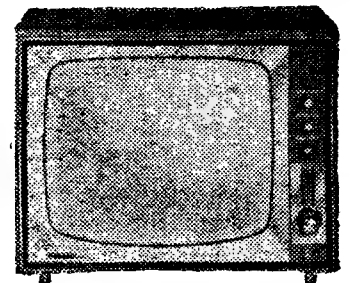
Dia do Casa Pia A. C.

Será considerado «Dia do Clube» o encontro que o Casa Pia disputa no próximo domingo contra o União de Leiria, a contar para o Campeonato Nacional da 3.ª Divisão.

RADIOS TELEVISORES GRAVADORES DITAFONES RADIOS TELEVISORES GRAVADORES

Grande Campanha de Vendas

GRUNDIG



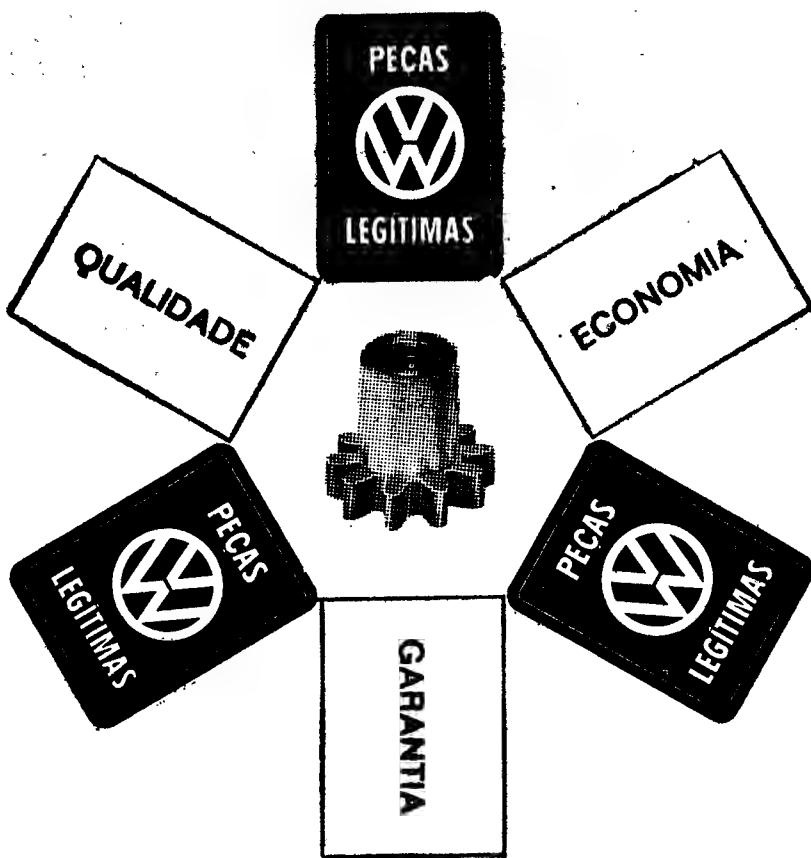
Desde 100\$00 mensais

A. OLIVEIRA

Av. Almirante Reis, 91-A

sem entrada * sem fiador

Telefones: 53 08 38-53 63 08-53 83 23-32 69 31



A Volkswagenwerk A. G. dispõe de milhares de técnicos e dos mais modernos laboratórios, equipados com a melhor aparelhagem de teste e verificação. Apenas a peça que resiste a um inferno de testes obtém o símbolo de qualidade — PEÇAS LEGÍTIMAS VW — seja um parafuso ou um carreto, uma anilha ou uma válvula, um rolamento ou um dinamo; seja em aço, borracha, plástico ou em outros materiais.

PEÇAS LEGÍTIMAS VW

garantidas contra defeitos de fabrico durante 6 meses ou durante o percurso de 10000 km, a partir da data da sua montagem.

MANTENHA O SEU VW SEMPRE JOVEM, UTILIZANDO PEÇAS LEGÍTIMAS VW



SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.

FILIAIS, AGENTES E OFICINAS AUTORIZADAS EM: AMADORA, ANORA DO HEROISMO, ARRIFANA, AVEIRO, BEJA, BOMBARRAL, BRAGA, CALDAS DA RAINHA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVA DA RÍPIDE, GOVILHA, ELVAS, ESTREMOZ, EVORA, FARO, FUNCHAL, GUARDA, GUIMARÃES, HORTA, LEIRIA, LISBOA (AVE-NIDA PADRE MANUEL DA NOBREGA—RUA ESCOLA POLITÉCNICA), MIRANDELA, MOURA, PONTA DELGADA, PONTE DE SOR, PORTALEGRE, PORTIMÃO, PORTO, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACÉM, SANTO TIRO, SÃO TOMÉ, SETÚBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA REAL, VISEU.

CARTAZ DOS CINEMAS

MONUMENTAL

(M 12 anos) Tel. 55 51 31
As 15.00 e 21.30
70 m/m no écran gigante
AS SANDALIAS DO PESCADOR
com Anthony Quinn — Oskar Werner — «Sra» Laurence Oliver

QUINZENA INFANTIL

(M. 6 anos) — Hoje — As 18.30 h.
3.º FESTIVAL BUG'S BUNNY
(Coyote, Bip-Bip e Speedy Gonzales) e ainda PAMPLINAS CICCERONE
Dia 27: Mary Poppins

LUMIAR

(M. 12 anos) Tel. 791574
As 21.30 h.

GRANDE PRÉMIO

c/ James Garner, Eva Marie Saint, Yves Montand, Teshiro Mifune, Brian Bedford, Jessica Walter, Antonio Sabato, Françoise Hardy

ATENÇÃO AO GRANDE «REVEILLON» DESTE CINEMA — Bilhetes à venda
PARQUE PRIVATIVO AR CONDICIONADO

TIVOLI

(M 12 anos) Tel. 5 05 95
As 3 e 6.15 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite

JULIE ANDREWS a inesquecível vedeta de «Música no Coração» noutra maravilha grandiosa em 70 mm
A ESTRELA

RESTELO

(M. 12 anos) Tel. 61 03 75
As 21.30

Lee Marvi — mais extraordinário que nunca
O SARGENTO RIVER
c/ Bradford Hluzan, Vera Miles

IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas
QUEM BRINCA COM O FOGO... QUEIMA-SE O TROVADOR DO FAR-WEST

LIZ

(M. 12 anos) Tel. 48560
MILLIE, RAPARIGA MODERNA
O SOLITARIO PASSA AO ATAQUE

POLITEAMA

(M 12 anos) Tel. 32 63 05
HOJE, A NOITE, AS 21.30
UM EXITO
EXTRAORDINARIO
com o idolo dos idolos
MONTGOMERY WOOD
QUEM DISPARA PRIMEIRO
Um filme de tremenda acção sempre explosiva!

HOTEL DA MALANDRICE

HOJE, AS 18.30 (M. 17 anos)

SÃO LUIZ

Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
Os mais fabulosos desenhos animados
PARA TODOS Technicolor
2.ª SEMANA
O novo filme de Walt Disney
O LIVRO DA SELVA
No programa o filme:
CORRE, CORRE, CAVALINHO

ALVALADE

Tel. 763080
As 15.45 e 21.45
Os mais fabulosos desenhos animados — PARA TODOS Technicolor
O novo filme de Walt Disney
O LIVRO DA SELVA
No programa o filme:
CORRE, CORRE, CAVALINHO

LIDO

Tel. 93 75 93 AMADORA
(M. 12 anos) As 21.30 h.

Despedida do êxito Mundial mais visto e cada vez mais aclamado!!
MÚSICA NO CORAÇÃO

ODEON

Tel. 32 62 83
As 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
2.ª SEMANA SENSACIONAL
A comédia musical com arrebatadoras corridas de touros
MARISOL E O TOUREIRO
com o famoso «espada» PALOMO LINARES
(Col.) (M 12 anos)

IDEAL

(M. 12 anos) Tel. 324194
O PROCESSO QUILLER
AGUIAS DO PACÍFICO

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
As 21.45
SENSACIONAL COMÉDIA
O PROFETA
TECNICOLOR
Vittorio Gassman — Ann Margret
Realização de Dino Risi

Hoje e amanhã (só a noite)
MAYSA e THILO'S COMBO
VER ANUNCIO ESPECIAL

IMPÉRIO

(M. 12 anos) Tel. 5551134
As 15.15 e 21.30
Technicolor — Panavision 70 mm
3.ª SEMANA
OLIVER!
Real: Carol Reed
c/ Ron Moody — Oliver Reed — Mark Lester e Shani Wallis

ESTÚDIO 444

(M. 12 anos) Tel. 77 90 97
As 15.30, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
O ELOGIO DA PREGUIÇA
com Philippe Moure e Françoise Brian

SÃO JORGE

(M. 12 anos) Tel. 5 41 54
As 15.15, 18.15 e 21.15
EM 2.ª SEMANA
O maior êxito de Paris
O PEQUENO BANHISTA
com Louis de Funès e Robert Dhery

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
MARISOL E O TOUREIRO
Uma alegre comédia musical com o famoso «espada» Palomo Linares

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.15
CANTINFLAS no mais «explosivo» dos seus filmes
AS MINHAS PISTOLAS

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
As 15.15 e 21 horas
CANTINFLAS
no seu mais «explosivo» filme
AS MINHAS PISTOLAS

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
As 18.30 e 21.45
Sophia Loren e Marlon Brando
no sensacional filme colorido de Charlie Chaplin

A CONDESSA DE HONG-KONG

O mais aliciante dos brindes de Fim de Ano!
Metro — Estação Picoas

ESTÚDIO

As 15.30, 18.30 e 21.45
Para todos — Canemacolor — Color.
O NOVO SUPER FESTIVAL — TOM & JERRY

CONDES

Telefs. 32 25 23 — 32 67 10
As 15.15, 18.15 e 21.30
(Para todos)
Este é o vosso grande amigo!
ASTÉRIX, O Gaulês
E na primeira parte — Fabulosas viagens e desenhos
TOM & JERRY
O maior brinde das férias

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 320917
As 21 horas
DOS FRACOS NÃO REZA A HISTÓRIA
OS ROINAS VERDES

CASINO ESTORIL

(M/ 17 anos) Tel. 260729
«PARTY» EM PIJAMA
com Tommy Kirk, Annette Punicello

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno L

ALAMEDA — Esperança, R. Carlos Mardel, 01-B (722858)
ALCANTARA — Nogueira, R. da Creche, 2º (63 635)
ALTO S. JOÃO — Oriente, R. Lopes, 20 (84338) * Teles, R. João de Barros, 2 (638249)

ALVALADE — Paris, R. Reinado Ferreira, 5-A (7 013) * Brésille, Av. Rio de Janeiro, 66 (72368) * Cartaxo, Av. da Igreja, 2-C (776358)
AMOREIRAS — D. João V, R. D. João V, 6-C (682772)
ANJOS — Matos, R. Alvaro Coutinho, 0 (4047)

AREIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B-C (7 5370) * João XXI, Av. João XXI, 6-A (726462) * Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 2 (72772)
ARROIOS — Fonseca, R. Carvalho Araújo, 46-C (84708)

AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. 5 de Outubro, 47-A (163 07) * Avenidas, Av. da República, 27-A (533688) * Império, Rua Filipe Folque, 40-A-B (49002) * Palma, Av. Duque de Avila, 25 (47088)

BAIRRO AZUL — Bairro Azul, Av. Ressaio Garcia, 1-A (5 45)
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascensão, R. 21 n. 4 (3 12 6)
BAIXA — Americana, Calç. de Santana, 3 (863984)

BELEM — Remísio, R. dos Jerónimos, 4-C (63 699) * Sepal, Calçada da Boa Hora, 94-A (63 958)
BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, Lote 2 (703393) * Sousa, Est. de Benfca, 429-43 (780027)

CAMÕES — Cembro, Calç. do Cembro, 18 (326059) * Azevedo Irmão & Velga, R. do Mucencórdia, 24 (323540)
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, R. 4 de Infância, 28-A (688857) * Ourique, Rua Freitas Gazu, 32-F (67 667)

CAMPOLIDE — Lab. R. Rodrigo da Fonseca, 01-01-A (682333) * Pátia, Calçada dos Mestres, 30-A (680627)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (780 8)

CONDE REDONDO — Capuchos, Rua Luciano Condeiro, 2-A (52076)
ENTRECAMPAS — Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (774920)

ESTEFANIA — Estefânia, R. Passoa de Melo, 90 (44438)
ESTRELA E LAPA — Central da Lapa, R. das Navegantes, 0 66 7341

GRACA — Monte, R. Senhores do Monte, 30-A-B (867842) * Ro-

sa & Viegas, R. de S. Vicente, 3 (86435) * Bastos Andrade, Calç. de St. André, 01-1 (860450) * Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (862333)

LUMIAR — Alameda, Av. das Linhas de Torres, 201-B (790942) * S. Tomé, Est. do Desvio, Lote 2-C (790704)

MADRAGAÇA — Lealdade, R. do Olival, 226 (66344)

OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 9 (3 237)

PALHAVA — Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764629)

PATRIARCAL — São Marçal, R. de S. Marçal, 00 (3253 8)

PENHA DE FRANÇA — Carrondo, R. Padre Sene Freitas, 0-A (8425 8)

PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, 6-A Barro de St. Engrácia (728395) e 720703

SE — Nacional, R. de S. João do Praça, 26 (863632)

DE ST. APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R. de Xabregas, 63-65 (38 85)

MOSCAVIDE — Império, Rua de Olivença, 48-A (25 1234)

COLARES — Colares, Abreja (299088)

Linha de Cascais

ALGES — Branco — Av. Comb. G. Guerra, 29 — Tel. 2 208 1

CAXIAS — Nova, Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (242839)

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)

OEIRAS — Central, Rua João Teixeira Simões, 8 (2430058)

PARADE — Alzila — Av. Gago Coutinho — Barro das Coxas (2472949)

ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira, A 5 (2601 6)

CASCAIS — Misericórdia, R. Regimento 9, 4º (Tel. 280141)

Linha de Sintra

AMADORA — Cavaca — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama — R. Elias Garcia, 18-B (Tel. 932485); Conflança — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-A (Tel. 938 49)

DAMAIA — Contança, Est. Militar, Lote D (97 023)

QUELUZ — André, Av. Elias Garcia, 5 (950043) * Queluz, Av. Miguel Bombarda, 23-A (95 84 1)

CACÉM — Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS — Química, Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012)

ALGES — STADIUM — As 21 e 30 «Este é o meu mundo» (12 anos)

OEIRAS — OEIRAS-CINE — As 21: «O tesouro oculto» e «A morte espera em Atenas» (17 anos); PARADE — ROYAL-CINE — As 21: «Matrimónio à italiana» (17 anos); ESTORIL — CASINO — As 17 e 21 e 30: «Party em pijama» (17 anos)

Jutra Banda

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «Todos os noites às nove» (17 anos); TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — As 21 e 15: «O monstro do espaço» e «A grande revista» (2 anos); COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — As 21 e 15: «Não provoquem a Rita» (12 anos)

Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Homens marcados» e «Casamento a propósito» (17 anos); QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15: «Uma mulher americana» e «O lenço fatal» (17 anos); SINTRA — CARLOS MANUEL — As 21 e 30: «Desordem na terra dos Gringos» (12 anos)

NO VARIEDADES

CONTINUA O ÊXITO DE «O AMOR-68»

Dez semanas de encontros consecutivos consagram o êxito do primeiro original português da temporada, da autoria de Henrique Santana.

São intérpretes desta deliciosa comédia, Henrique Santana, Irene Isidro, Costinha, Artur Semedo, Lia Gama, Anabela e Adriano Reis. A encenação é de Maria Helena Matos e a direcção plástica pertence a Francisco Relógio. Hoje uma única sessão às 20 e 45. Amanhã matiné às 16 horas e duas sessões nocturnas às 20 e 45 e 23 horas.

Removidas que foram algumas dificuldades que impediram a pronta realização do espectáculo para atribuição dos prémios ao I Concurso de Originais de Teatro — Prémio Raul Brandão — promovido pelo Grupo de Teatro da Sociedade Central de Cervejas, deverá realizar-se aquele, conjuntamente com o encerramento do III Ciclo de Teatro Amador na Empresa, em 17 de Janeiro próximo.

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA

E. da Torre — Lumiar
REVEILLON
Informações:
Telef. 790168 - 790507

PASTELARIA FÓIA

RESTAURANTE
C. Mártires da Pátria, 59-A
Telef. 54549
ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA
PASTELARIA / FABRICO PRÓPRIO

MINABELA

Restaurante Churrasqueira Pastelaria
ESPECIALIDADE EM BOLO-REI
AMADORA — Telef. 939191/2
QUELUZ — Telef. 951611

XANGAI

Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 573 78
(frente)
Embaixada Americana
AMANHÃ EXPERIMENTE GALINHA C/ ANANÁS E FICARÁ CLIENTE

Tamborim

Restaurante — Snack-Bar — Cervejaria
Especialidades diárias
AGORDA DE LAGOSTA
COZINHA GÓES
Rua Gomes Freire, 14
Telefone: 4 62 47
(Ao Campo Santanal)

RESTAURANTE QUINTA S. VICENTE

TELHEIRAS DE CIMA, 144 (ao Campo Grande)

REVEILLON 1968/69 VARIEDADES

INFORMAÇÕES PELO TELEF. 79 02 11
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Parque para automóveis (Maiores de 15 anos)

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa



Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-23 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA; Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

Vamos andar de comboio a 180 quilómetros/hora?

De bordo do navio de carga «Ida Jacoba» desembarcou, esta tarde, a primeira das dez locomotivas encomendadas pela C. P. em Inglaterra.

O barco entrara ontem ao princípio da tarde na doca de Alcântara — Entrepósito — Norte, onde atracara e passou hoje de manhã para o lado Sul.

Funcionários da C. P., dirigidos pelo contramestre sr. Deolindo Aires Rodrigues, começaram desde logo a cuidar da sua nova e elegante «menina», pintada de azul-escuro, com uma faixa cinzenta a todo o comprimento e com o seu tejadilho prateado. A meio de ambos os lados e no cabeçote figura a sua «identidade» n.º 1801.

A locomotiva foi construída pela The English Electric Company Ltd., em Inglaterra. O seu peso total é de 111 toneladas.

Dispõe de 2750 cavalos e destina-se a «passear» por longos cursos: Beira Alta e Norte.

Foi com o auxílio de uma potente cábea do Porto de Lisboa, que a locomotiva foi retirada. Antes, porém, foram colocadas em carris as «bogies» sobre as quais foi deposita a locomotiva, que seguiu para o depósito de máquinas em Campolide, mas rebocada. Ali será então devidamente montada por técnicos portugueses com a presença do engenheiro inglês que a acompanhou e fez a sua entrega à C. P.

A locomotiva é uma Diesel-Eléctrica e pode atingir a velocidade de 180 quilómetros por hora.



Esta é a pequenita Palmira de Oliveira Barroso, residente em Cabeceiras de Basto, freguesia de Riódouro (Cabeceiras de Basto), á qual, como noticiámos, foi atribuído o «Prémio Valle-Flor-1968», por ter salvo cinco crianças de morrerem queimadas.

Salvou cinco crianças de morrerem queimadas

CABECEIRAS DE BASTO. 26 — Foi premiado com o «Prémio Valle-Flor-1968» o acto de coragem de uma pequenita de oito anos, residente no lugar de Cabeceiras, freguesia de Riódouro, deste concelho, que permitiu salvar de morte horrível cinco crianças suas vizinhas, em cuja casa se havia declarado fogo.

A pequenita, de olhos vivos e espertos, chama-se Palmira de Oliveira Barroso, filha de Francisco Barroso, e de Cândida de Oliveira.

O sinistro verificou-se às 17 horas de 8 de Dezembro de 1967, na humilde residência coberta de colmo, pertença de Francisco da Silva, e onde se encontravam os seus filhos António Gonçalves da Silva, de 7 anos, Maria Júlia Gonçalves da Silva, de 4 anos, Maria Rosalina Gonçalves da Silva, de 2 anos e meio, António Francisco Gonçalves da Silva, de 4 meses, e um sobrinho, Manuel Gonçalves, de 2 anos e meio. Como fazia frio, as crianças haviam acendido o lume para se aquecerem. Manejado por mãos inexperientes, o fogo chegou ao telhado — e seria uma tragédia não fora a atitude pronta da Palmira, que tirou as crianças do brasileiro, queimando os cabelos na acção.

LEITE ARTIFICIAL A PARTIR DE... PEIXE

SANTIAGO DO CHILE, 26 — (R.) — Os técnicos chilenos estão a produzir leite artificial a partir de peixe, para tentar evitar a morte de 351 mil vitelos por ano devido à falta de leite.

Segundo esperam, este leite, que já se usa nalgumas herdades, poderá vir a ser utilizado na alimentação humana.

«WHISKY» DE PALMELA: MAIS UMA «FÁBRICA» POR ÁGUA ABAIXO...

Uma nova «fábrica» de falsificação de «whisky» acaba de ser descoberta pela Guarda Fiscal de Lisboa, no prosseguimento de investigações há muito tempo iniciadas. Desta feita o local escolhido fora o pacato sítio de Pinheiro, perto de Palmela. O produto falsificado era depois vendido ao publico, como se fora autêntico.

Em parte de uma residência pertencente ao sr. Manuel Vieira, a qual teve de ser arrombada, por o filho do proprietário, ali presente, não possuir as chaves, e que estava cedida a um indivíduo que não foi possível localizar até agora, foram encontrados: três garrafas de vinte litros, um deles cheio de «whisky» falsificado; duas

centenas de cápsulas e rolas de garrafas de várias marcas; 220 garrafas vazias; dois frascos de corante; funis; um capsulador e sete garrafas cheias.

O assunto foi entregue às autoridades competentes.

«Réveillon» campista

O Clube de Campismo de Lisboa, no desejo de proporcionar á grande família campista mais uma noite de convívio e amizade, realiza a passagem de ano nas instalações da Casa do Pessoal das Edições Europa-América, em Mem Martins, que para o efeito foram postas á disposição do clube pelo respectivo proprietário.

Será um «réveillon» diferente dos outros — cada um come aquilo de que for munido, o que no fim se traduz numa mesa farta.

MÚSICA NA «APOLO 8»

HOUSTON, 26 — (F. P.) — Hoje, um pouco antes das 12 e 45 (em Lisboa), o astronauta William Anders, sózinho nos comandos da «Apolo-8», ouvia música (rock), transmitida do centro de «controle» de Houston. Momentos antes de ouvir «Tijuana Brass», pediu para terra para não «docarem tão alto», a fim de não acordar Frank Borman e Jim Lovell, deitados na exigua «camarata» da cabina.

As trocas de informações entre a «Apolo-8» e a Terra são reduzidas ao mínimo, tanto para não

perturbar o sono dos dois astronautas, como para que o próprio Anders usufrua do maior sossego possível antes do regresso crucial à Terra, prevista para amanhã às 16 e 54 (em Lisboa).

Poderá haver, esta tarde, uma manobra de correcção de trajectória, correcção muito ligeira, em todo o caso, da trajectória excelente que deverá permitir que a cabina pouse amanhã no Pacífico, a sudoeste das Hawaii.

As 19 e 04 de hoje, a «Apolo-8» estará a meio caminho entre a Lua e a

Terra, a 190 759 quilómetros de uma e outra. Então, a velocidade será de 6457 quilómetros por hora.

A situação é tal — neste regresso à Terra surpreendentemente tranquilo — que as únicas preocupações da N. A. S. A. dizem respeito às condições meteorológicas na zona de pouso, onde já se encontra o porta-aviões «Yorktown», com diversos helicópteros especializados na repescagem no mar alto.

Haveria probabilidades de trovoadas locais que não suscitam cuidados.

CONVERSAS ESPACIAIS

CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON (TEXAS), 26 — (A. N. I.) — As vozes lançadas para o espaço contam resumidamente a história da «Apolo 8».

Mike Collins, controlador do Centro Espacial, no dia de Natal: «Parece que nos atrasámos na nossa promessa de enviarmos música. Ainda querem?»

O astronauta William Anders, depois de terem começado as canções de Natal: «Deve estar numa velocidade errada. Talvez você pudesse cantar um bocalinho».

Collins: «Boa ideia, vou buscar a minha harmonica».

O astronauta James Lovell: «Há duas grandes tempestades lá em baixo, a cerca de meio caminho entre a Austrália e a América do Sul».

Anders: «Alguém aí na terra viu a nave a olho nu?»

Lovell: «A nave manobra ao mínimo impulso. O regresso torna-se mais difícil».

porque nos falta o peso do combustível que se foi gastando».

Anders: «Vamos tentar retomar o ciclo normal de sono. Posso tomar um comprimido de «Soconol», para dormir?»

Mattingly: «Okay. Parece ser uma boa ideia».

Borman: «Há alguma notícia importante, hoje?»

Mattingly: «Tudo o que pode haver de importante é o fim da vossa viagem. Aqui, em baixo, toda a gente está contente. O Pai Natal trouxe muitos presentes. Nós entramos num período de vigília mais frouxa».

Borman: «Nós também vamos descansar. Conservem-se alertas».

Borman: «A cabina está a tornar-se um pouco mais quente do que até agora. Parece que esta posição deixa entrar mais sol. Resolvemos correr as persianas, para haver mais fresco».

Borman, depois de lhe ter sido comunicado como deve estar o tempo na região de recuperação da nave, na sexta-feira: «Muito bem, nós lá estaremos... Façam com que as ondas não estejam muito altas».

Mattingly: «Combinado, vamos preparar tudo para as naves pequeninas».

Anders: «Aqui tudo parece que está a correr bem. Qual é a opinião aí em baixo?»

Milton Windler: «Não podia estar a correr melhor».

Anders: «Vocês rapazes fizeram realmente um bom trabalho. E nós apreciámo-lo bastante».

Anders, quando a estação de «controle» terrestre começou a emitir música: «Não consigo ouvir claramente, mas soa como algo que não agrada ouvir».

Anders: «É minha imaginação, ou continuam a transmitir música?»

Mattingly: «Penso que é a tua imaginação».

Anders: «Cuidado. Não deixes os médicos ouvirem isso».

Mattingly: «Demasiado tarde — ele já te ouviu».

Anders: «Se calhar apañei a mania da música».

ANULADA NOVA CORRECÇÃO DA TRAJECTÓRIA

HOUSTON, 26 — (F. P.) — A manobra de correcção de trajectória que a N. A. S. A. tinha previsto para as 13.09 (em Lisboa) foi anulada, porque a cabina «Apolo-8» está a dirigir-se exactamente para a sua zona de poiso no Pacífico central.

Tudo continua a decorrer o melhor possível no habi-

taculo dos três maiores viajantes do Mundo.

A MELHOR NAVE

CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON (TEXAS), 26 — (A. N. I.) — «Que linda vista daqui» — exclamou pela rádio o astronauta Anders para os controladores de Terra quando a «Apolo-8» se encontrava á volta de 240 mil quilómetros da Terra.

Antes, o comandante Borman havia declarado: Se a cápsula continuar a cumprir a sua missão tão bem como até aqui temos não só a nave necessária, mas a melhor das naves».

HOUSTON, 26 — (F. P.) — As 12.45 (em Lisboa), a cabina «Apolo-8» encontrava-se a 233,955 km da Terra, e progredia á velocidade de 5674 km por hora.

Uma mensagem de estudantes do Porto ao Presidente do Conselho

PORTO, 26. — Assinada por 400 alunos da Faculdade de Medicina, foi enviada aos srs. Presidente do Conselho e ministro da Educação, a seguinte mensagem:

«Excelência: os alunos da Faculdade de Medicina do Porto, abaixo assinados, em face do momento actual, exprimem a V. Ex.º o seu voto de confiança na

Nacional da II Divisão

Gouveia, 1-Famalicão, 0

Para o Campeonato Nacional da segunda divisão, defrontaram-se, esta tarde, em Gouveia, as equipas do Desportivo local e do Futebol Clube de Famalicão.

O jogo, que se realizou no Campo do Farvão, sob a arbitragem de Alvaro Rodrigues (de Coimbra) terminou com o resultado de 1-0, favorável ao Gouveia. O tento, obtido por Amaral, registou-se aos 11 minutos.

Formação das duas turmas: **GOUEIA** — Dias; Nogueira, Carlos Franco, Amílcar e Macário; Amaral e Pestana; Diamantino, Julio, Nartanga e Cardoso.

FAMALICÃO — Arnaldo; Vítor, Filipe, Indício e Iria; Ventura e Vasco; Ferreirinha, Miranda, Osvaldo e Leonardo.

ALTERAÇÕES NA PRÓXIMA CABINA

CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON (TEXAS), 26 — (A. N. I.) — Na próxima nave espacial, serão efectuadas alterações no sistema utilizado para evitar o mbaciamento das vigias — anunciou um informador da N. A. S. A.º no Centro Espacial de Houston (Texas).

Quase desde o início da viagem da «Apolo 8» uma das cinco vigias tem estado completamente embaciada e duas parcialmente.

As outras duas, que foram tratadas por um processo diferente, têm-se mantido limpas.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 12,6; na água do mar: 5,2.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 21,5; mínima: Montalegre, 1,7.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo. Vento fraco ou calmo. Nebulha ou nevoeiro matinal em grande parte das regiões.

Amanhã
Nascer às 8 e 54
Ocoso às 18 e 32



Hoje Dia 3 Dia 11 Dia 18

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 26 — 9 e 22 (3,6 m); 22 (3,3 m). Dia 27 — 10 e 42 (3,5 m). 23 — 03 (3,3 m). Dia 28 — 11 e 30 (3,4 m). BAIXA-MAR: Dia 26 — 2 e 40 (1,6 m). 5 e 33 (1,5 m). Dia 27 — 3 e 52 (1,7 m). 14 e 40 (1,6 m). Dia 28 — 5 e 03 (1,7 m). 6 e 40 (1,6 m).

Antevisão das condições meteorológicas médias no Continente até 5 de Janeiro — De 25 a 29 de Dezembro: céu frequentemente muito nublado, com períodos de chuvisco, de chuva e de aguaceiros. Possibilidade de trovoadas, principalmente a partir do dia 27 nas regiões do Norte. Vento fraco a moderado, por vezes com rajadas, predominando inicialmente do quadrante sudoeste e rondando depois para o quadrante noroeste. Pequena descida de temperatura. De 30 de Dezembro a 5 de Janeiro: períodos frequentes com céu pouco nublado. Vento moderado do quadrante noroeste. Para os últimos dias do período formação, durante a madrugada, de nevoeiro nas regiões litorais do Norte e Centro e de geada fraca nas regiões do interior para norte da serra da Estrela. Pequena subida de temperatura.

O «Alentejo» safou-se e não houve quaisquer desastres

O «Alentejo» (barco da carreira Lisboa-Barreiro) que anteontem, cercas das 20 horas, encalhara, devido ao nevoeiro, em frente do mexilhoeiro, safou-se ontem por volta das cinco horas da madrugada, depois de se ter efectuado o transbordo de todos os passageiros para o «Évora». Não houve quaisquer destracões a lamentar.



Gasset — Robbe Grillet: dois exemplos em causa

A desumanização do romance moderno

por João Gaspar Simões

JÁ AÍ POR 1927 Ortega y Gasset previa que a arte se estava a desumanizar. Assim o explicou no seu ensaio, então muito discutido, *La Deshumanization del Arte*. Por então, contudo, essa ameaça pesava mais sobre as artes plásticas que propriamente sobre a literatura. Através do futurismo, do cubismo, do expressionismo, do dadaísmo e até do surrealismo, cujas manifestações na pintura eram nessa altura mais evidentes que em qualquer outra das belas artes, particularmente na literatura, se ia acentuando essa tendência. Por pouco importante ainda uma outra manifestação artística passava despercebida aos que se alarmavam com a progressiva desumanização da arte: o cinema. E eis que, com o correr do tempo, se verifica que, graças à técnica cinematográfica, se introduz nas belas letras o morbo que então corroida em especial a pintura e a escultura.

Creio que esta observação, desprovida de originalidade, ainda não foi, todavia, devidamente ponderada. E é sobretudo agora, que o próprio cinema, numa espécie de movimento de ricochete, principia a acusar influências do romance, que em larga medida se deixou contagiar pela sua técnica, que a contribuição da cinematografia para a desumanização da literatura, particularmente da literatura de ficção, se torna flagrante. Começam a associar-se ficcionistas e cineastas num mesmo objectivo. Tanto o romance como o filme visam, nos últimos tempos, a uma aplicação, em certa medida descompassada, das técnicas visuais que o cinema pôs à prova. Durante muito tempo tal coisa não sobressaía porque a maior parte dos filmes, mesmo de técnica arrojada, se estribavam em argumentos aproveitados ou extraídos da novelística clássica. Foi, precisamente, quando os realizadores começaram a introduzir-se na arte cinematográfica pela porta da ficção moderníssima, especialmente pela do chamado «nouveau roman», que se verificou quão poderosa era a fibra desumanizadora do cinema. Desumanizado o romance, foram, inclusivamente, alguns dos campeões da técnica novelística de vanguarda — desumanizando por natureza — que vieram mostrar como o cinema era o ponto nodal da desumanização da literatura mo-

derna. Haja em vista, por exemplo, esse *morceau de bravure* que se chama *L'Année dernière à Marienbad*.

Em que proporção concorreu, portanto, o cinema para o acentuado feitiço desumanizante da literatura de ficção dos nossos dias? Creio não ser difícil de verificar, sobretudo nos filmes mais avançados dos últimos tempos, como a técnica visual da narrativa, digamos, permite aos realizadores utilizar argumentos lineares para produzir filmes com a aparência da mais complicada, complexa e transcendente significação. Desde que foram postos de lado como material de filmagem os romances de técnica clássica, descobriram os cineastas que o melhor partido a tirar do cinema seria ir na esteira da ficção. E esta, que em grande parte se inspirara na técnica cinematográfica para revolucionar a arte de contar ou de narrar, surpreendeu-se a dar cartas no cinema.

Voltei-se, pode dizer-se, o feitiço contra o feitiço. Contudo, o cinema, pela sua própria natureza visual, aproveitou mais das técnicas introduzidas na ficção de vanguarda que a própria ficção. Esta, diminuída nos seus recursos, muito mais vastos e complexos que os do cinema, uma vez por ricochete, repetimos, projectada no «écran», pôde obter êxitos que aquela só muito moderadamente obtivera. Com efeito, enquanto os leitores do *nouveau roman* da chamada ficção de vanguarda são cada vez em menor número, dada a dificuldade de leitura das obras produzidas pelos cultores dessa forma de expressão novelística, aumentam em número incalculável os espectadores do cinema vanguardista. Um filme como *Petulia*, por exemplo, de uma visualidade intrincada graças à técnica narrativa posta em prática, não encontra oposição entre o grande público dos cinemas. As imagens entram pelos olhos, as figuras são fisicamente belas, o argumento é praticamente banal. Tudo reside na forma desconexa como se associam os episódios e se encadeiam as imagens. A mesma técnica aplicada na literatura não encontraria o eco que o filme encontrou. Inclusivamente o lado desumano dessa técnica, não avulta no «écran». Para contrabalan-

(Continua na pág. seguinte)

A proximidade de SADE

por Ana Hatherly

SE QUISERMOS SABER com precisão o que numa determinada época faz o homem sofrer, conheçamos os seus prazeres. Porque o prazer é uma per-
versão, uma evolução do sofrimento, a transformação que permite aceitá-lo tornando-o desejável.

Esta convicção tem orientado a minha reflexão nos últimos anos e a todo o instante, como que a provar a sua pertinência, encontra aplicação.

Por exemplo: quando me é proposta a tradução do livro de Pierre Klossowski *«Sade, meu Próximo»* (1).

Este ensaio, publicado em 1942 e reeditado em 1967 pelas Edições du Seuil (edição a partir da qual fiz a minha tradução para português), aparece precedido de um outro ensaio, originalmente uma conferência, intitulado *«O Filósofo Celerado»*, em que Pierre Klossowski aborda «experiência de Sade tal como ela se traduziu através da escrita». Começa por definir a posição filosófica que Sade «tomou ou fingiu tomar em seus romances». Estabelece o confronto entre o conceito de filósofo «honesto» e o de

filósofo «celerado», que remonta a Platão: «O filósofo honesto tira partido do facto de pensar como da única actividade válida do seu ser. O celerado, sendo filósofo, não atribui ao pensamento outro valor além do de favorecer a actividade da paixão mais forte, a qual, aos olhos do homem honesto, nunca é mais que uma falta de ser. Mas se a maior perfídia consiste em disfarçar a paixão em pensamento, o celerado nunca vê no pensamento do homem honesto senão o disfarce duma paixão impotente.»

E acrescenta: «Se se quiser ser justo para Sade, é necessário levar a sério essa «filosofia celerada». Porque ela, tal como é prodigalizada numa obra imensa, traça um sinistro ponto de interrogação sobre a aposta de pensar e escrever, e particularmente, de pensar e descrever um acto, em vez de o cometer.»

Pierre Klossowski analisa depois os vários aspectos da obra de Sade, nomeadamente a crítica do ateísmo, a descrição da experiência sadiana, detendo-se longamente neste aspecto realmente funda-

mental: o aspecto da transgressão. De facto, a formulação conceptual da perversão, a necessidade do ultraje, a monstruosidade integral, a ascese da apatia, todos estes aspectos se resumem numa intenção básica e talvez única, que torna a obra de Sade, para lá das suas receitas eróticas ou políticas, uma verdadeira obra de contestação «avant-la-lettre».

O ensaio *«Sade, meu próximo»* situa Sade historicamente no seu tempo, estuda as relações cronológicas e psicológicas entre a obra de Sade e a Revolução Francesa. Pierre Klossowski considera um factor determinante na evolução psicológica de Sade e, consequentemente, da sua actividade filosófica, a relação histórica que existe entre a queda (autêntica) do Rei e a queda (simbólica) de Deus: analisa com a maior minúcia este aspecto da obra de Sade, fundamento da sua *«Utopia do Mal»*. Demonstra como Sade alia a ideia de regicídio a de simulacro da execução de Deus; como ele considera que uma sociedade que executa o seu Rei vive no estado máximo do crime e que portanto só pode sobreviver, justificar-se ou explicar-se a si própria, praticando o crime, levando o crime às suas últimas consequências. Segundo Pierre Klossowski *«Sade fez da criminalidade virtual dos seus contemporâneos o seu destino pessoal, quis expi-la sozinho, na proporção da culpabilidade colectiva que a sua consciência assumiu»*.

Como é que se apresenta e justifica a *«Utopia do Mal»*? «Esta utopia paradoxal corresponde ao estado virtual da nossa sociedade moderna: enquanto que a consciência utópica das possibilidades humanas elabora as antecipações de um progresso virtual, a consciência sadista elabora as antecipações de uma regressão virtual. Essas antecipações são tanto mais alucinantes quanto o método, é posto ao serviço da regressão.»

Sade, ao mesmo tempo que denuncia o *«statu quo»* contemporâneo, pela sua obra, pela sua actividade, funciona como uma espécie de corroborador dessa situação: que, todavia, deseja combater, pra-



Sade, visto por Man Ray

(Continua na pág. seguinte)

A proximidade de SADE

(Continuação da pág. anterior)

ticando uma espécie de «método esotérico», infinitamente complexo «que consiste em envergar a máscara do ateísmo para combater o teísmo; em falar a linguagem do cepticismo moral para combater o cepticismo moral, com o fim exclusivo de restituir a razão tudo o que ela é capaz de dar, para demonstrar o nada.»

Vista deste ângulo, toda a obra de Sade é um grito imenso e dilacerante do homem para quem a ideia de Deus, com todas as suas implicações, é insustentável, indefensável. E assim que, na ausência total do BEM possível, surge a omissão da MAL onipresente, a que tudo se reduz, inclusive a ideia de Deus. Escreve Sade: «O mal, que é um ser moral e não um ser criado: um ser eterno e não perecível que existia já antes do mundo». «...e se eu recebo o mal dos outros, tenho o direito de lho devolver, tenho mesmo a facilidade de ser o primeiro; eis como o mal se torna um bem para mim, como ele o é para o autor dos meus dias quanto à minha existência: sou feliz pelo mal que faço aos outros como Deus é feliz pelo mal que me faz...» «Nenhum homem, qualquer que seja o seu comportamento neste mundo, pode escapar a esse destino horrível, porque é preciso que tudo o que é animado no seio do Mal a ele regresse. Tal é a lei do Universo.»

A ideia da pureza persegue, obceca, Sade, na medida em que, historicamente, pureza e destruição es-

tão associadas; na medida em que a pureza é uma qualidade absoluta que a consciência de Sade dissociou da ideia de Deus criador; na medida em que, assim, destruição e pureza se confundem e se tornam uma «única exigência absoluta» a que Sade não pode subtrair-se. Para Sade a imagem da virgem, pela reacção suscitada, é já uma imagem da sua própria crueldade, que ela anuncia e provoca: «Na experiência sadista, a imagem da virgem, sentida como criatura paradoxal, leva a virilidade à exasperação e volta a virilidade exasperada contra o instinto de procriação em lugar de a exaltar para além desse instinto: aí, essa imagem tem como consequência associar estreitamente a virilidade ao exercício da crueldade. Assim, a imagem paradoxal da virgem, sinal proibitivo da posse viril aos olhos de Sade, tem o valor de assimilar a pureza celeste à destruição e a impossibilidade carne virginal à maldição.» «Tal é a experiência básica do temperamento de Sade e da sua criação literária mais profunda: a história de Justine, história de uma virgem submetida aos rigores do ressentimento da virilidade exasperada.»

Segundo Pierre Klossowski, «Toda a obra de Sade parece não ser mais que um grito desesperado lançado à imagem da virgindade inacessível, grito envolvido e como que incrustado de blasfêmias.» Escreve Sade: «Estou excluído da pureza porque quero possuir aquela que é pura. Não posso deixar de dese-

jar a pureza, mas, simultaneamente, sou impuro porque quero usufruir da inacessível pureza.»

Pierre Klossowski pergunta: «Por que é que estas narrativas que pretendem ser morais nos parecem tão equivocadas?» e responde: «Porque a moral racionalista que serve de critério ao narrador pressupõe uma consciência e uma liberdade humanas que a todo o instante excedem as forças obscuras em jogo. Essas forças tendem, simultaneamente, para uma luz e para umas trevas que a moral racional do interesse e a consciência, reduzida à sua proporção social, não podem senão ignorar.»

Ao traduzir este livro, ele impôs-se-me a reflexão na medida em que, na minha opinião, ele faz incidir uma certa luz sobre a estrutura histórico-filosófica da obra e das próprias interpretações da obra de Sade. Revela como Sade é um puro fenómeno da civilização cristã, um pensador maniqueísta, um moralista perseguido pela ideia do pecado; como é produto duma conjuntura histórica; como só era possível que ele surgisse numa conjuntura como essa. Revela ainda como numa evolução possível da conjuntura dada, da sua estrutura subjacente, esta filosofia pode surgir como primitiva, irrisória ou obsoleta.

Não é aqui questão nem de minorizar a importância do erotismo na nossa cultura, na nossa formação, em suma na nossa vida total; assim como não é questão de propor que novamente nos debruçemos sobre o estudo do «sexo dos anjos». Na verdade se alguma questão aqui se põe ela é apenas a questão do conhecimento, a atitude de não recuo diante do conhecimento seja sob que forma for.

Na minha opinião o MAL, se existir, existirá sob a forma da ignorância. É por isso que, se esta premissa não está errada, precisamos urgentemente de conhecer. Tudo, Sade, como todo o resto. Porque o perigo, se existir, estará sempre no desconhecimento.

Eis como Sade se exprime:

«Que não me taxem de ser um inovador perigoso; que não digam que é arriscado embotar, como o farão, talvez, estes escritos, o remorso na alma dos malfeitores; que há grande mal em aumentar pela doçura das minhas palavras a inclinação que esses malfeitores têm para os crimes; atesto aqui formalmente não ter nenhum desses propósitos perversos: exponho as ideias que, desde a idade da razão, e em mim se identificaram e a cujo livre curso o infame despotismo dos tiranos se opôs tantos séculos; tanto pior para aqueles a quem estas grandes ideias corrompessem; tanto pior para aqueles que não sabem apreender senão o mal nas opiniões filosóficas susceptíveis de em tudo se corromperem. Quem sabe se não gangrenariam a leitura de Sade e de Charon? Não é a esses que eu falo. DIRIJO-ME APENAS AS PESSOAS CAPAZES DE ME ENTENDEREM E ESSAS HÃO-DE LER-ME SEM PERIGO.»

ANA HATHERLY

(1), Moraes Editores, 1968

A desumanização do romance moderno

(Continuação da pág. anterior)

car a sua desumanidade lá estão as imagens visuais das próprias personagens.

Onde pretendemos chegar, no fim de contas? A esta observação quanto a nós muito importante: que o cinema, depois de ter concorrido para a desumanização da novelística moderna, aceita a técnica que ajudou a amadurecer, tirando dela um partido que a ficção não pode tirar. Mas não é tudo: onde está a palavra desumanização pode agora estar a palavra banalização. Aquilo que, por exemplo, parece transcendente no filme de Robbe-Grillet só é transcendente porque a concatenação das imagens não produz resultado algum no campo da inteligibilidade novelística. Digamos que o tal *Mariénbad* é uma *Petulia* camuflada. Nesta a banalidade é transparente, porque existe um rudimento de narrativa; naquela a banalidade é opaca, porque a narrativa não existe. Sempre que, graças à técnica visual aplicada com requintes narrativos subtilíssimos, é possível rastrear o fio da anedota, a banalidade desta torna-se evidente, quando de facto é banal. Outro tanto não sucede desde que esse fio não possa restrear-se. Então tudo parece significar o que realmente não significa. A estranheza da técnica narrativa perturba de tal sorte o espectador que este supõe encontrar-se perante profundos pensamentos quando apenas se lhe deparam águas turvas. A ressonância de um tonel vazio é sempre muito maior que a de um tonel cheio.

Ora que isto suceda no cinema pouco ou nada afecta a literatura. Grave, muito grave, é quando a literatura, vítima da visualidade especiosa da técnica cinematográfica, lança igual perturbação no leitor. E é o que está sucedendo. Romances de uma banalidade evidente tornam-se, graças ao uso de uma técnica narrativa invulgar, aos olhos do leitor comum, e até aos do leitor predisposto a admirar que é novo só porque é novo, obras de transcendente significado. Não estamos a usar de subterfúgios nem a fugir às dificuldades. Podemos ler duas vezes, quatro vezes *Os Irmãos Karamazov*, obra de uma técnica banalíssima, que nunca esgotaremos por completo o seu significado. A profundidade de tal obra não está na técnica, está no fundo, na portee dos seus valores humanos e re-

ligiosos. Haverá quem precise de ler duas vezes uma obra como o *Moderato Cantabile*, da Marguerite Duras? Se há é apenas para apreender melhor a técnica utilizada na narrativa, a qual, em si, é de uma banalidade pungente. Quantas vezes lemos já *La Chartreuse de Parme*? Quantas *A la Recherche du Temps Perdu* quantas *The Egoist*? Podemos ficar a ler até ao fim da vida semelhantes romances que nunca esgotaremos por completo o seu conteúdo, o seu significado, a sua humanidade. A sua técnica, mesmo quando complicada, é o resultado de uma visão nova do homem, visão essa não puramente técnica, e de uma técnica visual, mas visão em profundidade dos problemas humanos. A desumanidade da arte prevista por Ortega y Gasset atinge neste momento, com a técnica esquipática da ficção moldada pela óptica cinematográfica, proporções assustadoras. E porquê? Porque onde a técnica visual impera perdem-se os fios do mecanismo humano propriamente dito, que esse não é apenas visual.

Para se analisar o homem não basta contar o que dele se sabe de trás para diante ou de diante para trás, mas, sim, iluminar-lhe as reacções, interceptar-lhe as ideias, aprofundar-lhe os sentimentos, decompor-lhe as sensações, cristalizar-lhe os problemas. A técnica visual não chega para trabalho tão complexo: há que descer primeiro ao torvelinho das paixões e das reacções humanas para encontrar o fio condutor que servirá para trazer à superfície o que está oculto no homem. Para tão alto designio todas as técnicas se justificam, por mais complicadas, especiosas, subtils, intrincadas que sejam. Afiguram-se-nos pueris, todavia, em literatura de ficção as técnicas que não visem este propósito. O que hoje se verifica largamente no romance é a utilização de técnicas cada vez mais complicadas com o único objectivo de fazer sobressair as próprias técnicas. Largo sector da ficção dos nossos dias inverteu o papel do romance, por muito tempo uma técnica ao serviço do romancista, isto é, do homem, e agora, em larga escala, ao serviço da própria técnica. Cumpriu-se o vaticínio de Gasset: o romance, pelo menos, está a atingir no nosso tempo o paroxismo da desumanização.

JOÃO GASPAR SIMÕES

Poesia, discurso em progressão

A FULMINADA IMAGEM

Carlos Eurico da Costa
Poemas

DENTRO DE DIAS aí teremos mais um livro de poesia de Carlos Eurico da Costa. Mais um: atenção. O autor de «A Fulminada Imagem» não é muito prodigo. Entre 1952, ano em que publicou «Sete Poemas da Solenidade e um Requiem», e esta nova obra, Carlos Eurico da Costa, imprimiu apenas um livro em 1965, editado na colecção Circulo de Poesia pela Livraria Moraes Editora: «Aventuras da Razão». Esta quase retracção, ou inapetência, para o contacto amadurecido com o público constitui porventura um dado mais geral, afectando a situação do Poeta na cidade desatenta, embaraçada e adormecida nas suas contradições. Dentro deste contexto, porém, o caso de Carlos Eurico da Costa agrava o ensombrado quadro: a comunicação nele refracta-se, condensa-se, adia-se até se tornar urgente e quase dramática. A fidelidade à experiência surrealista, grupo a que esteve ligado desde 1949, instilou-lhe a necessidade de depuração imagética, a busca de uma nova linguagem. Uma tal atitude implica progresso e regresso, e pausa e exercício vigilante. Nesta nova obra acentua-se a tendência em mer-



gulhar a sua experiência pessoal, a sua visão particular do mundo do homem desintegrado das suas mais vivas raízes, na difi-

cil, dura e desesperada ascensão de uma humanidade futurante. Preencher o espaço privilegiado da escrita de uma significação capaz de fazer regressar o imaginário à realidade de onde partiu, parece ser a rota de Carlos Eurico da Costa, ou a «aventura», para nos deslocarmos na sua própria linguagem. E em «A Fulminada Imagem» tal esforço é patente e notavelmente conseguido.

Anuncia-se também a reedição no próximo ano do seu primeiro livro há muito esgotado: «Sete Poemas da Solenidade e um Requiem» que, provavelmente, incluirá poesias inéditas desse período mais cingido à linguagem renovadora e experimental do surrealismo. Cesariny disse dele: «A poesia de Carlos Eurico da Costa, voz insolente de uma nova espécie agressora, radiosa de espanto e de desprezo».

A. F.

NOVIDADE LITERÁRIA

HORAS CURTAS

poemas de ANITA DE PADUA
Distribuição DILSAR — Rua S. Filipe Nery, 37-A
Nos livrarias

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalho, Carvalho, Rotunda da Boavista, Praça Marques de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

SUPLEMENTO Diário de Lisboa LITERÁRIO

CRÓNICA:

O Sapatinho na Chaminé, por Alexandre O'Neill

LITERATURA:

A Desumanização do Romance Moderno, por João Gaspar Simões.

A Proximidade de Sade, por Ana Hatherly
Tolentino, 1968

Queneau na Pele de Sally Mara
Perrault vai contar

CINEMA:

A Crueldade da Indiferença, por José Vaz Pereira

ARTES PLÁSTICAS:

Sete Esculturas Inesperadas, por Rocha de Sousa

As Máquinas de Yara, por Julio Moreira

Resposta a Nikias Skapinakis, por Francisco Bronze

Inquérito: O Ensino das Belas-Artes

Empresas & Prémios, por R. S.

DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS

Empresta-se em boas condições. Transacções rápidas. Silêncio absoluto.

SONIPAL

R. CONDE REDONDO, 14-29
TELEFNS. 52248-556580

T.V.

SCHAUB
LORENZ

RÁDIO

Sete esculturas inesperadas

por Rocha de Sousa

HELDER BATISTA

Galeria Interforma

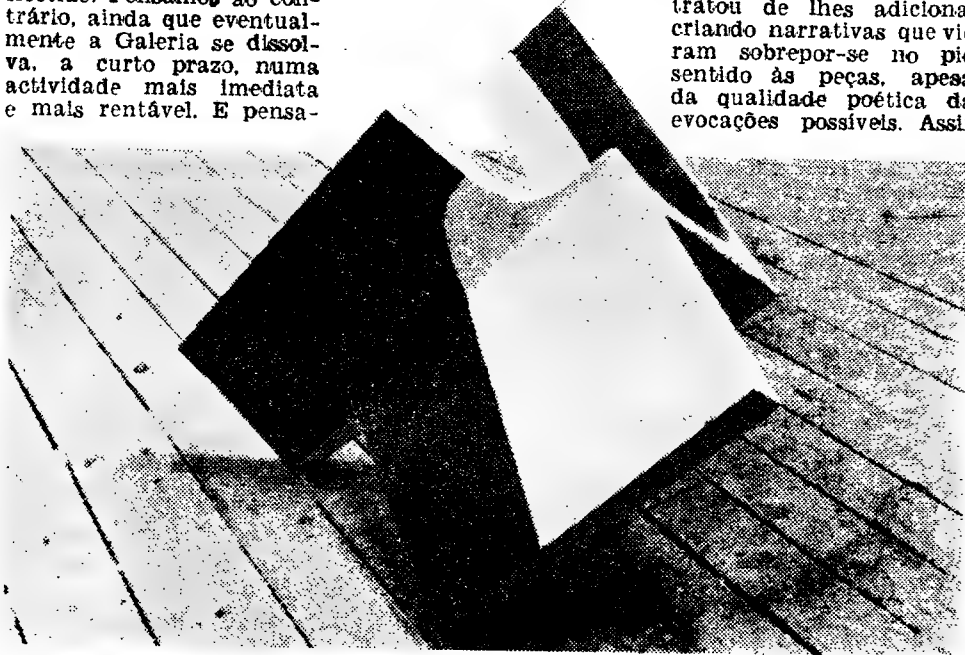
DA GALERIA: O aparecimento de uma nova galeria em Lisboa, se atendermos ao esquema de relações que tem sustentado a produção artística, não é caso que se reduza ao simples inventário dos factos quotidianos. Acontecimento mundano, crise inaugural sem história particular, da hora improvisada é irremediável passar ao regime das definições: e aqui se introduz ainda um conceito de utilidade das galerias no domínio dos factos artísticos, enquanto o movimento das acções tiver o sinal da interdependência cultural e a boa-vontade do esclarecimento colectivo. Mais: no plano concreto da Galeria Interforma, e se esta não for tomada de assalto pelos grupos organizados, o seu papel pode exactamente corresponder a uma necessária descentralização da oferta de espaço, da cobertura cultural já instituída pelas outras salas de exposição. Se a Interforma cumprir, como se espera, um programa de modernidade, se contornar a injustificada (para o nosso caso) acção parcelar no juízo e na escolha, teremos desse lado um subsídio importante para um melhor estatuto dos acontecimentos de arte ao nível destes organismos. A descentralização operada pelas galerias em geral, numa referência ao polo de atracção que a Sociedade Nacional de Belas Artes constituía, teve o mérito de revelar comportamentos específicos, ajudando até a promover a chamada e reivindicada profissão do crítico de arte. Mas esta última actividade, a da crítica, na medida em que os seus responsáveis têm procurado obsessivamente fugir ao cerco das suas próprias dependências, muitas vezes recorrendo à ironia paternalista para encerrar o artista num esquema breve de trabalho e de profissão, teve por seu turno tendência para solidificar na posição de comando, para dispor em bloco dos meios mais significativos de acção. Contra isso, e no próprio interesse do desenvolvimento positivo destes fenómenos, outras propostas de espaço disponível para os artistas vêm por enquanto contribuir para uma abertura das experiências, desvendando a propriedade ou impropriedade de certo rigor até aqui considerado perfeitamente legal. Um pouco à maneira dos artistas, que conservam intacta a sua capacidade de intervenção pela recusa a um profissionalismo precário, as novas galerias ainda amadoristicamente se põem como salas que se realizam na extensão de outras actividades. E é isso que as tem defendido das concessões e dos desvios, mantendo-lhes com alguma clareza a isenção, a praticabilidade dos programas, a eficácia do governo estético.

Para o início da sua actividade, a Galeria Inter-

forma apresentou uma exposição de sete esculturas de Helder Batista. Um artista demasiado ausente, um nome de certa maneira gasto pela presença avassaladora das novidades, a falta dos críticos à frente dos superiores destinos da casa, tudo isso terá levado algumas pessoas de muito boa fé a pensar num começo de carreira desastrosamente pouco reflectido. Pensamos ao contrário, ainda que eventualmente a Galeria se dissolva, a curto prazo, numa actividade mais imediata e mais rentável. E pensa-

Num esforço de leitura, colocando as peças isoladamente no lugar imaginário que podem por si mesmas sugerir, acabamos por vê-las reafirmadas nas suas superfícies bem definidas, no hábil jogo de planos, na concordância das ligações vagamente esféricas, das reentrâncias ou das saliências que, por seu turno, fazem e desfazem os recor-

ses elementos no que é caracterização essencial das sete esculturas expostas, tão naturalmente inesperadas no seu aparecer, Helder Batista não soube travar a emoção epidérmica, o gosto fácil de comunicar espectáculo às formas já suficientemente ricas, já devidamente explicitadas na sua aparência e na sua estrutura. Daí as aproximações por excesso que tratou de lhes adicionar, criando narrativas que vieram sobrepor-se no pior sentido às peças, apesar da qualidade poética das evocações possíveis. Assim



Helder Batista: um espaço multidefinido

mos ao contrário por pensarmos que o escultor proposto no tempo inaugural é muito justamente, não só pelo mérito das obras, a figura que bem ocupa o critério de descentralização atrás defendido.

DO ARTISTA: Helder Batista, escultor ainda jovem, personalidade já marcada por consagrações fugidias e nunca estabilizadas, temperamento muitas vezes sublinhado pelo exercício esplendoroso e enganador das mãos, é agora a afirmação de uma nova vontade que não deixará de surpreender, pelas suas mais recentes resoluções escultóricas, os que o definem (ou limitam) de um modo simplista. A sua voz, que trai constantemente o sinal da terra, adquiriu quase de súbito a contenção da eficácia. E as suas mãos, que realizam por vezes o puro jogo de uma indomitável capacidade artesanal vieram de repente impessoalizar-se na síntese, decidir-se na observação do rigor. Prescindindo de confrontar Helder Batista com a quase ausência de escultores arriscadamente dedicados a este tipo de investigações, é preciso dizer que a natureza das suas peças, na definição tão clara dos espaços, o situam numa perspectiva singular em ordem aos valores instituídos.

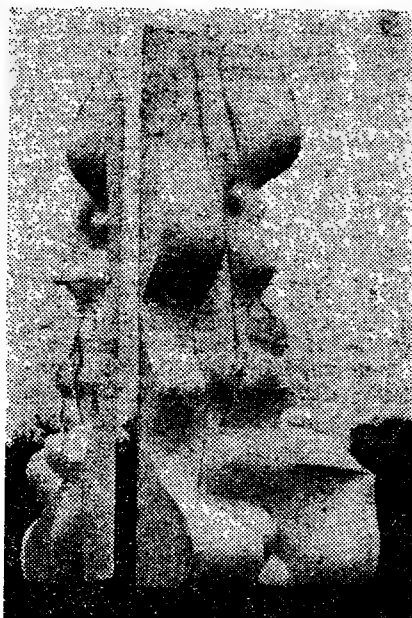
Nesta atmosfera de clareza que logo nos propõem, ante projectos de uma sedutora monumentalidade, as sete esculturas em referência tanto parecem integrar-se como integrar o espaço da Interforma. Desta ambiguidade não se salva a sua linha mais genérica, já que o espectador não se divorcia por completo dessa luxuosa encaenação. Para a qual, desde o início, o escultor parece ter estado comprometido.

tes de um espaço multidefinido. Nem todas, porém, seguem a mesma organização de estruturas e a mesma relação de espaços: as obras de menor escala ligam-se, nesse aspecto e no campo morfológico, a experiências anteriores do artista. Apesar de claramente superarem essas experiências, apenas se ligam às propostas mais recentes por intermédio da concordância cromática e ao nível da composição ambiental.

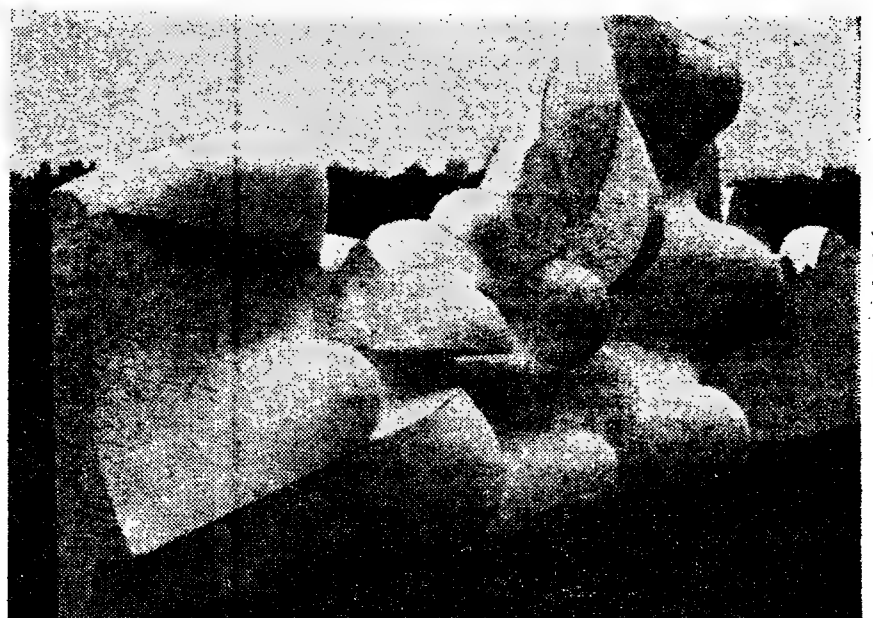
Do ponto de vista dos resultados positivos, é portanto conveniente assinalar-se a definição sintética dos espaços, a modulação rítmica dos planos, o movimento original das linhas estruturais, a continuidade plástica das formas e a sequência global dos conteúdos. Apesar da expressa condensação des-

é natural encontrar-se ali um confronto sugerido com o sol e a arquitectura de certas regiões do nosso país, evocativamente do Alentejo e das barras coloridas que as casas brancas costumam apresentar nessa região. Também neste sentido se pode entender o tratamento da matéria nas superfícies planas, opção que contraria, apesar do seu natural esplendor ou do seu clima, a estrutura e a exigência de que decorrem tais superfícies. As rugosidades propostas, depois de em paralelo com as barras de cores típicas (azul e ocre, nomeadamente), conferem assim às superfícies referidas o carácter de paredes, contradizendo a sua perfeita integração na arquitectura geral da peça e ca-

(Continua na 7.ª página)



MIGUEL ARRUDA: Jovem escultor recentemente diplomado pela E. S. B. A. L., artista cuja produção já se afirmou em algumas exposições colectivas e individuais, no Porto e em Lisboa. Na escultura aqui reproduzida, ainda prova escolar, o autor concentra os seus meios de acção numa síntese que decorre de anteriores análises do corpo humano ou de formas naturais, agora sujeitas à metamorfose e à monumentalidade de certas coordenadas estritamente plásticas



Resposta a uma carta de Nikias Skapinakis



por Francisco Bronze

Caro Nikias

Quero dizer-lhe que a sua carta me deu uma grande alegria: a de verificar que em Portugal ainda se pode discordar de alguém e discutir ideias sem que se tenha forçosamente de descer ao insulto público, como é mais frequente entre nós.

Oxalá as artes plásticas possam sempre deste modo revelar-se como uma disciplina de educação global, que é afinal o que a Arte deve ser.

Apraz-me reconhecer que Nikias não ignora alguns dos mais prementes problemas que hoje se põem a um crítico de arte — mas sobretudo áqueles que começam. Tem V. razão quando diz que mais tarde ou mais cedo terei de optar por um sistema puritano ou por uma geometria mental onde «chavará lugar para um pouco de loucura e de contradição». O problema põe-se-me de facto — e quem sabe se já não terei optado?

Acerca da escolaridade em que permaneço, talvez concorde com V. — mas não decerto pelas mesmas razões que aponta. Não me parece que seja impossível a uma crítica transcender qualquer espécie de escolaridade fundamentando-se em ciências como a Estética, a Psicologia ou a Sociologia da Arte. Se reputo fundamental que um crítico hoje apoie a sua prática num método ou métodos científicos não vejo nenhuma razão para que os métodos de qualquer das disciplinas citadas não possam de facto revelar-se operantes no exercício da sua actividade. Ao contrário do que pensa o Nikias, suponho que não

interessará a nenhum orfício da minha geração encerrar-se nos limites intuiçãoistas para que a empatia — esse «entendimento íntimo e amoroso» de que nos falam os livros — nos remete. Julgo mais: — que a ninguém (público ou investigadores) poderá ser útil, hoje, um tipo de crítica intuiçãoista ou *impressionista*. (Refiro-me evidentemente às gerações mais novas, às que não poderão facilmente escapar ao apelo de uma cientificidade que cada vez mais me parece caracterizar o espaço cultural em que nos movemos).

Esse contacto «íntimo e amoroso» com a obra de arte sem dúvida que é necessário, imprescindível mesmo. Mas será sempre um dado inicial do Conhecimento. A partir daí temos a obrigação de conscientizar o nosso sentir, de objectivar as razões subjectivas, ou ir mais além na procura de um método mais rigorosamente científico. Sei bem que me encontro muito longe de conseguir tais intentos — e precisamente por isso muito haverá de lamentavelmente escolar nos meus juízos críticos. Ou não fosse a «escola» crítica portuguesa de formação eminentemente *impressionista* e *intuiçãoista*! Mas, como lhe repito, estas são, entre outras que não refiro, razões que me parecem absolutamente diversas daquelas que o Nikias me aponta.

Devo dizer-lhe também que não tenho perante a civilização dos computadores qualquer atitude pessimista. Será sempre tarefa do homem o domínio e

(Continua na 6.ª página)



O sapatinho na chaminé

por Alexandre O'Neill

REM, o sapatinho é um chanato 45... Mas a quadra, propensa a ternurinhas, aguenta o diminutivo. (Já ouvi alguém dizer, desiludido com o chamado teste do nariz, «Narizinho enganador!» para uma penca dessas que dobram a esquina meia-hora antes do proprietário).

...Um chanato 45, preto, de homem — um sapatinho na chaminé. Está certo! Se eu, que já vou na casa dos sessenta, ainda jogo (maralhões!) o berlinde com o rapazito da porteira (que dores nas cruzes!), porque não há-de um maduro brincar consigo próprio à divina mentira da infância recuperada intacta pela mágica operação sapatinho-na-chaminé?

A minha presença naquela casa, a tais horas, em semelhante quadra, foi perfeitamente ocasional. Eu respondo ao título vago, mas conciso, de Inspector de Imóveis. É uma pavorosa sinecura que me entretém mais do que me mantém. A grande vantagem é o cartão. Com o cartão entro onde quero, quando quero. Se o filme me agrada, fico. Senão, concebo uma infiltração de águas num telhado qualquer e aí trepo eu de narizinho magirus em riste, a farejar (vício velho!) a vida e os bastidores do meu próximo. Podia contar-vos cada coisa das minhas andanças e trepanças! A das senhoras Vasconcelas que tinham dez cães em casa e abafavam nove nos armários sempre que vinha a polícia a pedido cento e quinze dos vizinhos, por exemplo. Mas não. Hoje, fico-me por esta do chanato 45, assim prantado na chaminé, à espera do mais inverosímil e encantador dos brinquedos: a infância recuperada.

A velhinha que me abriu a porta não levantou qualquer objecção à minha entrada. Deitou um olhar indiferente ao cartão que eu lhe demonstrei, fez o gesto de quem se resigna a ciceronear a função pública pelos desvãos da sua vida privada e levou-me à cozinha atrás do chape-chape dos seus cansados passos. Na realidade, havia infiltração de águas (onde é que não há?) e o Inspector com que coexisti repontou dentro de mim, teve o seu minuto de brío:

— Há quanto tempo a senhora nota esta infiltração?

— Infiltração?

— Infiltração. Estas manchas de humidade nas paredes.

Foi aí que topei o chanato na chaminé. Parecia um cacilheiro em hora de baldeação. A velha ainda murmurou algo como «Histórias!», mas eu já descobrira o meu grande pretexto para não perder mais aquela noite de Inspector de Imóveis. O chanato mostrava-se pasmado, boquiaberto, se assim posso dizer. Via-se que estava à espera, provavelmente muito surpreendido de o terem posto ali. Uma infiltração de ternura ganhou-me as empenas da alma e logo arquitectei a linda fantasia do adulto que convoca a infância para o... sapatinho!

Alguém que estivesse vestido de papel de jornal não faria mais restolho: uma mulher em forma de S, de roupão florido e canteiro de papelotes à cabeça, entrou na cozinha. Dedicou-me uma intensa e simpática mirada. Na mão direita segurava uma enorme cenoura que, por inconveniente capricho vegetal, fazia lembrar tudo menos uma cenoura. Estalou duas gargalhadas daquelas de bater com a mão na coxa. A espera do chanato não fora em vão: a mulher embarcou-lhe a cenoura, com muita arte e não menor gaudio, enquanto ia dizendo para «minha» velhinha:

— D. Emerenciana! Ah! Ah! Quando o meu Valentim acordar da cardi-na... Ah! Ah!... o que a gente vai rir! Uii!

P. S. — Boas-Festas!

ALEXANDRE O'NEILL

Jazz:

Fala Ornette Coleman

por José Duarte

«Je comprends mal ce qu'en art ou nomme un novateur»

JEAN GENET

ORNETTE COLEMAN nasceu em 1930. Aos 14 anos e com a ajuda dum primo, professor de música na cidade de Austin, começa a tocar saxofone.

As suas primeiras actuações são em New-Orleans, integrado em orquestras de Carnaval ou «Ry thym and blues». Despedido pelos maestros, atacado pelo público, a sua música não é apreciada.

Em 1952, em Los Angeles, colegas seus, músicos, acusam-no de nada saber de harmonia, de fugir à tonalidade. Em 1956, encontra Don Cherry, um trompetista, que o acompanha nas suas descobertas e experiências. Ambos frequentam a Escola de Jazz de Lennox; aí gravam os temas e improvisações que viriam a constituir o seu primeiro disco: «The shape of jazz to come».

Em 1960, Ornette Cole-



man eles tocar. Assim, tenho a intenção de ficar dois ou três meses na Europa Ocidental, antes de visitar a Oriental e a África, onde tenciono conhecer diferentes estruturas sociais das quais apenas indirectamente, pelos meus antepassados, ouvi falar.

1962. O resultado, uma verdadeira batalha, foi muito interessante a comprovar a minha opinião de que não há música má, mas sim, músicos maus. Duma maneira geral, a música de que gosto, é a música alemã. Na minha opinião, música, deve transmitir feli-



man é o novo profeta. 1968 já lhe chama o precursor, o fundador do jazz contemporâneo: o free jazz.

«...Já er atempo de alargar o meu horizonte, sair dos Estados Unidos, ver novas caras.

«Por outro lado, quero continuar a estudar escrita musical, a aperfeiçoar o meu estilo, a descobrir todas as espécies de música, a ouvir os que as tocam. Vim à Europa, para verificar um certo número de ideias nas quais acredito, para, por assim dizer, me enriquecer dum ponto de vista filosófico. Ao contrário do que se pensa, não deixei os Estados Unidos, para conhecer novos públicos, pois, em minha opinião pública há só um: uma colectividade de seres anónimos, dos quais nunca prevejo reacções, antes de pa-

«Nos Estados Unidos, vai ser editado o meu próximo disco, a gravação dum concerto, no qual fui acompanhado por um quarteto de cordas, tal como sucedeu num recente concerto em Estocolmo. Embora a qualidade do som seja medíocre, vai ser editado também um disco gravado numa «jam-session», onde fui acompanhado por um grupo de «ry thym and blues» e pelo meu trio habitual. Uma experiência interessante, na medida em que, nenhum dos conjuntos modificou a sua maneira de se exprimir.

«O grupo de «ry thym and blues» soava como um conjunto de som clássico, enquanto o meu trio possui uma sonoridade actual. David Izenson (contrabaixo) e Charles Moffet (bateria) acompanham-me desde

cidade. Os próprios «blues», em essência, não são tristes. Impossível, um professor ensinar-me a tocar o que hoje em dia toco, ajudar-me a exprimir-me nesta música que é MINHA.

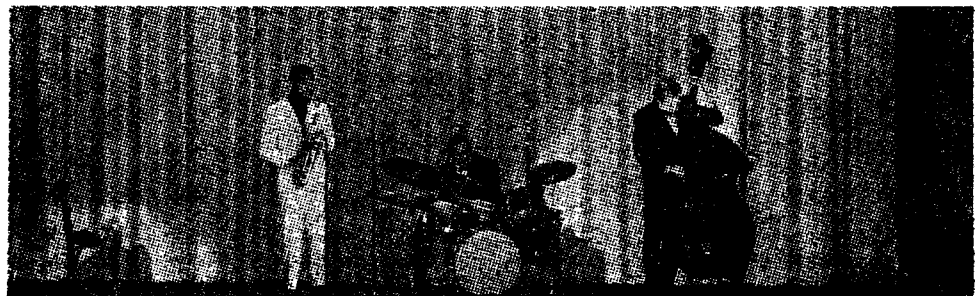
No saxofone só há 32 meios tons; ler e escrever música, é utilizar 5 linhas, 4 espaços entre as linhas, e isto é verdade, para quem quer que seja, que vos ensine música, em qualquer lugar onde ela seja ensinada. O essencial, é saber criar qualquer coisa de pessoal, é exprimir o melhor do que em nós existe. O ouvinte quando escuta, aprende não o trabalho acumulado, mas sim, o resultado desse trabalho. Em condições diferentes, a minha música, com certeza, seria diferente, não sei, se melhor. Nunca recebi mensagens do céu, do género:

«Sê músico. Deixa a família. Segue o teu destino.» Comecei a tocar antes dos 15 anos de idade. O jazz é uma confissão de sentimentos e ideias, que se libertam daquele que as exprime.

Quando gravei o disco «Free jazz», os sete músicos presentes, compreenderam que era absurdo, cada um tocar por si. Não se tratava de decifrar o valor dum caos musical, nem sequer de avaliar o ego de cada um, mas sim de criar uma música espontânea, que fosse simultaneamente colectiva. Hoje em dia, tento, pretendo ser, um homem livre, em todos os sentidos. Quer na palavra como na música. Enquanto a «escolha» não for livre, ninguém se deve vencer que é livre. Somente quando a escolha for coerente com a vossa personalidade, com a vossa opção fundamental e quando a puderem exprimir, comunicando-a, a quem vos rodeia, então essa liberdade será efectiva. Além disso, penso que a palavra revolução, se deve aplicar apenas, a acontecimentos de ordem social e não à música onde a evolução é do «tipo biológico», comparável à lenta passagem da infância à idade adulta. Não há um único músico de jazz que não seja, historicamente, um discípulo. Fala-se de estados, etapas, estilos, «old thing» «new thing» mas nunca um grupo isolado de homens os criou, sózinhos. Tudo é transitivo. O «swing», na minha opinião, é uma certa maneira de exprimir as coisas, sem nos encerrarmos num sistema. Por isso, não vejo razão, pela qual o «swing» tenha de rigorosamente ser codificado. Fundamentalmente, a música tem raízes na palavra e no canto. Tento nunca esquecer isto. A música é emoção feita som, e a energia que permite a um instrumentista emitir esse som, é já uma espécie de som interior, que nasce no sopro. Quase se podia dizer, que a música instrumental é o prolongamento dum canto secreto. Pessoalmente, prefiro o som dum voz, ao som dum instrumento, seja ele qual for. Hoje em dia, no entanto, toco três instrumentos — o saxofone alto, o violino e a trompete. Por exemplo, no violino, não acredito que o conhecimento de todas as «posições», fizesse de mim um músico melhor; a maneira clássica de o tocar, não é senão, uma possibilidade entre outras de alguém se servir dum violino. A técnica clássica, aliás qualquer técnica, deve ser adaptada ao tipo de expressão.

Quando toco, controlo sons, de maneira a exprimir o que interiormente «ouço». Todo aquele que procura tocar melhor que eu, é meu discípulo e se há competição, ela consiste, para cada um, em tentar fazer melhor do que já foi feito. Esta preocupação torna-nos todos, alunos. A nossa música é sempre, o resultado dum esforço colectivo, mas, se acontece não encontrarmos a nossa coesão é porque a um de nós faltou concentração.

Preferia, no entanto, tocar e compor mais, do que falar tanto...



Ornette Coleman, Charles Moffet e David Izenson.

As máquinas de Yara

por Júlio Moreira

deus escorria por baixo da porta. Reco-lheu cuidadosamente o que pôde no vaso sagrado e colocou-o em cima do altar.
A moça tinha interrompido o trabalho e olhava para ele, feliz.
— Estás contente? — perguntou.

AS MÁQUINAS LA ESTÃO

Quando entrei em casa de Yara, reconheci-as. As máquinas de fazer deus estavam ali nas paredes, arrumadas aos cantos. Yara não sabia. Riu-se, pensando que era uma flor.
Vi e descobri que Yara fabrica deus diariamente com as suas pequenas máquinas.

BAHIA

— Yara é uma deusa das águas dos rios, uma deusa de olhos e cabelos verdes que vivia com os índios aqui no Brasil. Ao dizer aqui no Brasil, Yara quer significar a BAHIA. As coisas que na Bahia têm mais força saíram de lá para o resto do Brasil e lá ainda conservam uma força maior.

Yara não é da Bahia; viveu lá três anos. Mas alguma coisa da Bahia terá permanecido nas suas máquinas. A cor? A Bahia tem cores impossíveis. Cores que não têm nome. Que estão no ar. São músicas.

O mar é muito azul. Mas a lagoa é negra. A volta da lagoa é onde a areia é mais branca. A noite começa a batida junto à lagoa. Os tambores contaminam. Todos estamos ligados aquilo, não sabemos como, mas não se pode resistir ao apelo. As mulheres começam a rodar. Desprendem-se de tudo. Elas não sabem que rodam. Pisam em brasa.

As moças ficam semanas sozinhas na camarinhã. A mãe de santo se ocupa delas. Quando chegam rapam a cabeça. Matam um galo ou galinha preta e vertem o sangue sobre a cabeça. As moças têm de pagar tributo. Quando saem, as roupas e as cores significam o grau e o santo. Vão para a cidade vender visceras e sangue dentro de um caixote. O sangue escorre, cai no rosto das moças. A Bahia é uma festa. Todos os dias é homenageado um santo. As pessoas vestem a cor do santo. Todos vivem como se estivessem num palco. Sempre. Não, representando: vivendo intensamente a vida de cada dia.

Yara ignora que as suas máquinas são máquinas de fazer deus. Ignora como começou a fazê-las. Mas pergunta porque terá o «candomblé» tanta força que ninguém pode resistir-lhe quando à noite na praia começa a batida.

YARA

A vida inteira pintei quando pude e quis pintar quando não pude, mas vou continuar a vida inteira sem saber o que quero pintar. Ando à procura de qualquer coisa que não sei o quê. É tanta complicação que eu não sei te dizer. Eu não sei pintar. Na hora do raciocínio, quando já terminei, vejo que não sei pintar. Mas na hora em que pinto, se vou raciocinar, eu não posso pintar mais.

Yara esteve muito anos sem pintar. Interrompeu bruscamente o curso de Belas-Artes no último ano, a um mês do fim. Recomeçou mais tarde. Exposições colectivas. Duas individuais, na Cantina do Museu de Arte Moderna e na Galeria Espaço, no Rio de Janeiro. Preparou três exposições para 1969. Uma delas de desenhos, com os surrealistas. As outras individuais: as máquinas.

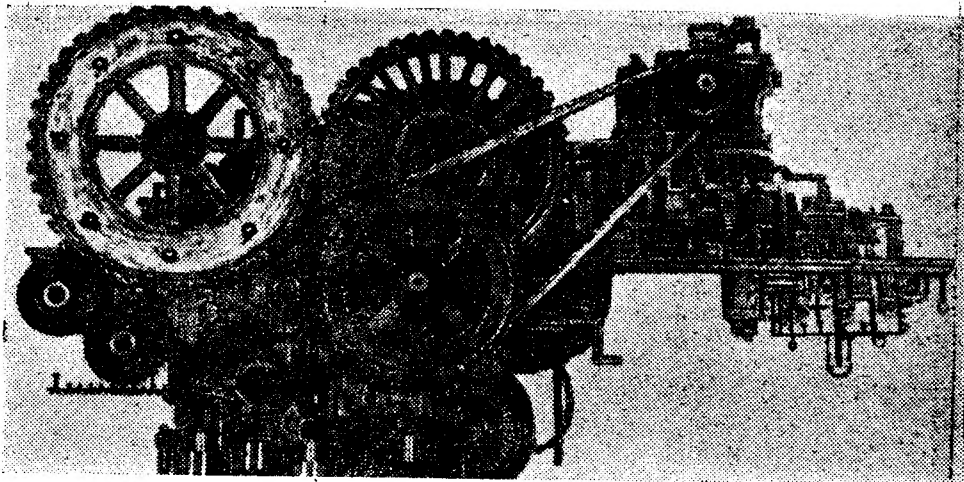
Yara trabalha cortando as peças, preparando as telas, criando as máquinas. Faz todo o trabalho. Como uma exploração.

— Tudo o que pinto agora é como se tivesse muitas coisas por dentro apodrecidas. Sangue pisado que sai de uma forma que não é aquilo que você quer. São coisas que saem por necessidade. É horrível a gente virar pedra.

LA PAZ

Um dia, em La Paz, um índio anunciou-lhe a morte para daí a seis meses. Ela não entendia o aymara que ele falava mas percebeu que não queriam traduzir-lhe alguma coisa de grave que ele tivesse dito.

Não era um leitor de «buena-dicha» de feira. Era um sacerdote. Os índios não recebiam os brancos mas a Yara cativou as empregadas da casa e elas convidaram-na para madrinha de um índio,



A máquina: fabricante de deuses

As madrinhas transmitem todas as suas qualidades aos recém-nascidos. Assim ela soube que tinha sido aceite e passou a frequentá-los.

O sacerdote lê as pessoas, através das folhas de coca:

— Quando a gente entra eles já sabem. Eles lêem as pessoas. É a condição da vi-

da deles. As folhas são uma forma de falar às pessoas.

Pega num molho de folhas de coca que lembram folhas de eucalipto, e esmaga-as devagar. Pedacos de folha vão caindo, e a maneira como caem e as

(Continua na 7.ª página)

Queneau na pele de Sally Mara

A EDITORA ULISSEIA acaba de editar «As obras completas de Sally Mara», de Raymond Queneau, em tradução da poetisa Luísa Neto Jorge. É o segundo livro de Queneau traduzido para português (sendo o primeiro o celeberrimo «Zazie no Metro», que teve honras de consagração cinematográfica) e uma obra admirável de vivacidade irónica, de frescura inventiva, de transbordante sugestão estilística. Sobrepondo a invenção e o exercício de estilo à pró-

túpida» que são os Exercícios de Style diverte-se a imaginar (e a pôr em prática) as várias funções da vida de uma adolescente irlandesa que não conhece o valor e o sentido das palavras e que no dia a dia da sua «descoberta» vai encontrando (e registando) a imagem do mundo, dos homens, dos objectos, etc.

Assim, no último capítulo (ou apêndice), Sally «mais íntima» regista algumas curtas definições extremamente saborosas.

Snobismo:

Usar sempre camisa suja ao domingo.

A morte:

O fraco do forte.

Cortejar uma mulher:

Saber levar a água ao seu corpinho.

O nervo necróptico:

Permite ver os fantasmas.

É a vida:

Um pássaro na mão faz fri-fri.
Um pássaro frito já não.

Lógica I:

A cada passo Sócrates é um homem mortal.

Viver I:

Cada um toma a sua dose de eternidade.

Ambição I:

Escrever para a posteridade.

Ambição dum outra ordem:

Escrever para a posteridade.

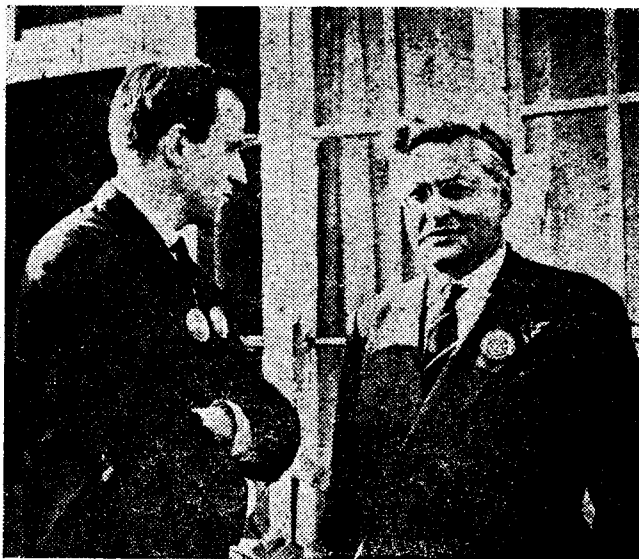
Nomes infelizes:

Sem querer levar sopa, chamava-se Juliana.

Uma última palavra:

Falar é caminhar-se à nossa frente.

Sabendo-se que traduzir Raymond Queneau não é tarefa fácil (a cada momento surgindo trocadilhos, neologismos, desconcertantes invenções vocabulares) é justo salientar o excelente trabalho de Luísa Neto Jorge. Graças a ela, pode o leitor aperceber-se da riqueza e complexidade de estilo de um dos mais originais escritores da nossa época.



Boris Vian e Raymond Queneau com os distintivos do Colégio da Patofísica

pria realidade Queneau Para aperitivo do leitor, escolhemos estes exemplos:

«Os escritores célebres:

Aquela notícia autobiográfica tinha-o completamente curriculumvitado.

História:

Os Hunos, à uma, uniram-se à humanidade.

Fraqueza humana:

O Adelaidinha traz um manuscrito.

Antologia do humor negro:

«Pedi e dar-vos-ão» (Lucas, XI, 9).

Inquérito: O ensino de Belas-Artes

- I — Que pensa do ensino de Belas-Artes em Portugal?
II — Como deveria este ensino ser estruturado?

Arq.ª Vieira de Almeida CRÍTICO DE ARQUITECTURA

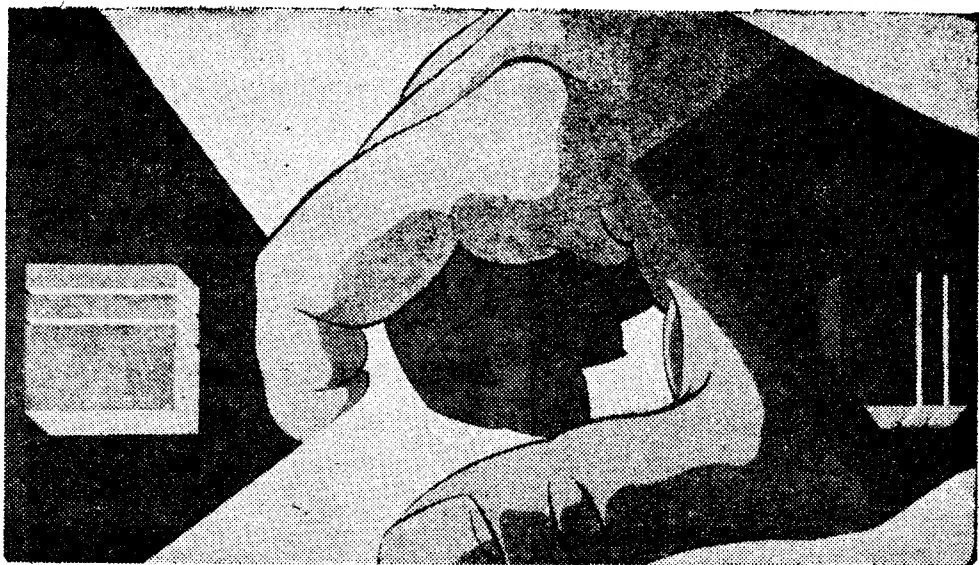
I — Creio que a pergunta me é dirigida muito especialmente para eu responder no campo da arquitectura. Ora eu acabei o período escolar já há alguns anos, e tendo-me recusado a fazer a tese em 1962 acabei por fazê-la em 63 no Porto, o que foi o meu último contacto oficial com as escolas de Belas-Artes. Depois disso não tenho acompanhado com especial interesse a evolução que o ensino sofreu. Houve reformas, mudanças de quadros, etc., e o que de facto posso verificar é que o ensino que hoje se pratica é radicalmente diferente daquele que eu conheci, como a ainda recente exposição da Escola de Lisboa me veio claramente demonstrar. De qualquer modo o que a mim pessoalmente mais me preocupa na formação dos novos arquitectos é supor ou pôder supor que hoje os alunos possam

sair da Escola com uma preparação mais completa e mais informada, mas tão desligados da circunstância real que os enquadra como dantes, apenas agora com uma auto-suficiência «técnica» que agrava decididamente a situação. No campo particular da arquitectura, a procura desse enraizamento no concreto real da profissão e a conquista de uma responsabilização activa dentro dela parece-me ser (e sempre me pareceu antes de qualquer pseudo «aggiornamento» de sector) condição indispensável de um ensino adequado.

II — Não sei responder de forma concreta a essa pergunta. Tenho-me preocupado, com êxito discutível (não o digo por modestia), por controlar tecnicamente a arquitectura e por desenvolver um trabalho teórico, paralelo a, estruturador de, e estruturado por, uma prática quotidiana de estirador. Mas a pedagogia própria, correspondente, é toda uma técnica — outra, que não controlo eficazmente nem nunca me preocupou a sério.

Creio mais importante de qualquer maneira a orientação que cada professor possa dar à cadeira do que uma reforma institucionalizada, que por o ser, é desde logo insuficiente. Sobre tudo me parece não se dever pensar em reforma como um fim a atingir. Considerando as pedagogias como canais de comunicação de sentido duplo entre os corpos discente e docente, suponho que a única reforma de interesse seria a que assegurasse a possibilidade de funcionamento desses canais e de tudo aquilo que eles possam imolcar.

Fora disto uma reforma funcionará em relação ao ensino em globo com a mesma duvidosa utilidade que a sebeta tinha em relação ao ensino de uma cadeira: enquadra, estratifica e estagna todo o sistema.



Carlos Calvet: o Prémio como prestígio para as Empresas

Empresas & Prémios

MUITO SE TEM FALADO ultimamente das Empresas que dão prémios e dos Prémios que promovem os artistas. As Empresas acordaram do longo sono da indiferença, sacudidas pela razão do interesse publicitário e doutrinadas pela voz da crítica. Dos interesses dir-se-á que são legítimos, e ninguém o poderá facilmente contestar, e da crítica dir-se-á que se fez heróicamente protectora dos criadores pobres. Mais do que nunca, os artistas têm de flectir o joelho no gesto da urgente humildade, ou do silêncio, que exigem para a sua necessária profissionalização: receber prémios, por exemplo, depois de um esforçado trabalho os tornar disso merecedores.

PROFISSÕES & PROFIS- SIONAIS

Já nestas páginas dediquei alguma atenção ao problema, apreciando de um modo genérico a «conjuntura» e denunciando alguns dos seus perigos. Outras pessoas vivamente sentiram que nem todas as conjunturas são estruturalmente propícias ao adequado exercício da cultura, mesmo no plano da actividade artística e ao nível dos chamados criadores pátrios. Com isto, no entanto, nunca se disse que as Iniciativas & Prémios de algumas empresas nacionais não pudessem beneficiar do clarividente e generoso apoio de alguns críticos, e bem assim auxiliar a concretização de certos esquemas das relações pra o sector da produção artística. Também (por isso) não se afirmou que a independência dos artistas se resumisse a uma posição romântica contra a sociedade; e do mesmo modo se compreenderá que a colaboração desses artistas com o interesse episódico das empresas, concorrendo aos prémios e recebendo o seu precioso oxigénio, está longe de significar bom profissionalismo — ou sequer profissionalismo. Pela minha parte, afirmei que o subitâneo interesse daqueles organismos pelas artes plásticas deve ser canalizado através da acção esclarecedora dos críticos nisso empenhados, para campos mais abertos e mais adequados às verdadeiras urgências do nosso meio artístico. Trata-se portanto de recusar uma conjuntura falsamente propícia a esse respeito, que está longe de corresponder às perspectivas de integração social que alegremente se apontam, num paternalismo passadista, aos indivíduos que de facto produzem objectos de arte entre nós. Estes indivíduos são efectivamente menos surdos do que parecem e sabem reconhecer, com relativa propriedade, o que poderá constituir a justa plataforma logística para o seu enquadramento profissional. Claro que isso poderá acontecer, mesmo dentro dos evocados sistemas comerciais das sociedades capitalistas, por forma a não se prostituir no artista o puro gosto de inventar, de criar novas soluções, de constantemente revolucionar os princípios da sua acção. Esta exigência fundamental, que está longe de negar a integração dos modos de agir, é que permitirá franquear as fronteiras idealistas, as longas

adolescências, ousadamente em busca de uma maturidade efectiva.

CONJUNTURAS & ESTRUTURAS

É escandalosamente fácil acusar os artistas, e neste caso os artistas pátrios, de preguiça mental e física, gente habituada a desculpar-se do não fazer através de reservas suspeitas. A crítica (em grande medida já muito aceitável) competirá resolver o futuro dos artistas queixosos e traçar o rumo da salvação nacional em matéria tão delicada. Para tanto se anunciam prémios e concursos, aquisições em regime de lotaria «hoppening» capazes de romper com a nossa rotina triste e solitária. Aqueles argumentos, num outro sentido talvez bem mais verdadeiro, se pode chamar manobra de diversão, destinada a roubar aos tais artistas pátrios o real mérito das últimas transformações do seu trabalho, para além das reservas, das desculpas ou das razões pessoais de que tanto são acusados. Amadores e preguiçosos, eles afinal ainda contribuem, com a maior quantidade e qualidade da sua produção, para subsidiar ou manter algumas actividades recentemente integradas. A saber: a crítica de arte entre nós adolescente e por isso heróica, as galerias de exposição o futurando marchands, as Empresas poderosas desencadeando agora uma barragem publicitária de prestígio e as páginas periódicas que consomem artífices como este, deste e doutro modo.

Pois chamo a atenção de VV. Ex.ª para o facto de os artistas precisarem de remédios menos conjunturais aspirinas que não se desprezam mas que estão longe de matar infecções. Venham por isso as grandes linhas estruturais com que se prepara verdadeiramente o futuro, sem acordos duvidos, sem ambiguidades, sem doutrinação de circunstância, a fim de se poder falar então de moralidade, de integração, de profissionalismo, de trabalho e de independência sem-romantismo. Aqui e agora, deveremos reconhecer que os tais artistas queixosos fazem certos sapuros gosto de inventar, de criar novas soluções, de constantemente revolucionar os princípios da sua acção. Esta exigência fundamental, que está longe de negar a integração dos modos de agir, é que permitirá franquear as fronteiras idealistas, as longas

ROCHA DE SOUSA

Resposta a uma carta de Nikias Skapinakis

(Continuação da 3.ª página)

aproveitamento em seu benefício das forças que desencadeia, sejam elas o fogo, a energia atómica ou os perigos duma tecnologia desenvolvida.

Um pouco à margem desta problemática, algures deixei posta a hipótese de corresponderem os movimentos «revivalistas» a uma incapacidade epocal de transformação das estruturas sociais dentro de um processo de continuidade evolutiva. Esse «olhar para trás» poderia assim entender-se como uma atitude de certo modo pessimista ante um presente que se recusa mas que não somos capazes de transformar. É claro que, a confirmar-se tal hipótese sociológica isso não invalidaria de modo nenhum tais «revivalismos», considerados num plano meramente estético. Mas situado o problema neste campo, esse «olhar voltado para trás» só será realmente válido pelo que possa conter em si de capacidade transformadora, e portanto pelos caminhos autenticamente novos que, a partir dos pontos abandonados, saiba encontrar. Será este o caso dalguns «revivalismos» actuais, nomeadamente a arte «psicodélica»? Talvez seja ainda cedo de mais para responder a tal questão.

Quanto aos problemas do «realismo» quero colocar francamente as minhas cartas na mesa. Talvez V. já tenha reparado que pouco sempre este termo en-

tre aspas, quer quando se trate de situá-lo na história, quer quando é necessário considerá-lo como uma das várias estéticas operando no nosso tempo. Têm as aspas a função de manter a necessária distância entre o termo referido e aquilo que eu próprio penso; isto é, tendem a evitar que se suponha uma possível identificação das minhas ideias com aquelas que a palavra em si pode sugerir. E assim desde logo pretendo chamar a atenção do leitor para a cilada que pode constituir para os incautos algo que a si próprio se classifique como realista. Na verdade, e isto tem sido repetido mil vezes, não se pode falar de um «realismo» mas de «realismos» (o próprio Nikias se refere ao «seu»).

Ora a atitude desta estética (ou estéticas) face ao Real devemos reconhecê-la, quando visa a apreensão da sua totalidade, tão limitada nessa ambição como qualquer outra corrente. Ou fosse esse mesmo Real algo assim definitivo e imutável, capaz de se delixar agarrar na multiplicidade dos seus aspectos pelas intenções de qualquer sistema estético!

É claro que de modo nenhum pretendo recusar a validade da atitude de Nikias ou a de qualquer outro «realista» frente à cognoscibilidade do Real. Enquanto atitude ou método de abordagem (se de método realmente se tratar...) ela poderá revelar-se, sem dúvida, válida; mas só pelos resultados obtidos na obra de arte se verificará o modo como a Realidade foi en-

tendida ou desvendada, podendo então discutir-se a validade dos esquemas formais que a exprimem. Quer isto dizer que uma pintura dita abstrata pode corresponder de facto a uma atitude mais correcta e perspicaz de abordar o Real do que uma outra que se pretenda «figurativa» e a si própria se intitule de «realista». É esta uma das razões por que o termo em causa tem para mim cada vez mais perdido o seu peso ao ponto de, hoje, só conseguir entendê-lo entre as aspas referidas, isto é: situado na história como uma estética com a qual de modo nenhum me identifico e que penso de todo em todo ultrapassada nos seus princípios teóricos.

Cordialmente,

FRANCISCO BRONZE

EXPOSIÇÕES

GALERIA BUCHHOLZ Rua Duque de Palmela	PRÉMIO SÓQUIL, UMA POLITICA ARTISTICA
GALERIA PERMANENTE S. N. B. A. Rua Barata Salgueiro	ANTÓNIO ARAGÃO: UM EQUIVOCO ESTRUTURAL
GALERIA 111 Campo Grande	MANUELA JORGE, UMA ESPERANÇA DA NOSSA GRAVURA
GALERIA INTERFORMA Av. Casal Ribeiro	HELDER BATISTA, UM ESPAÇO MULTIDEFINIDO
GALERIA DE EXPOSIÇÕES da Fundação Gulbenkian	DESENHOS ITALIANOS DA ACADEMIA CARRARA DE BÉRGAMO

Perrault vai contar



Ilustração de Helena Salvador para a edição de Perrault

Para a colecção Cabra-Cega (ed. Afrodite) Maria Alberta Menêres traduziu seis contos de Charles Perrault, justamente os mais famosos: «O chapéuzinho encarnado», «O Barba Azul», «O Mestre Gato ou o Gato de Botas», «As Fadas», «A Gata Borralheira ou o Sapatinho de Cristal» e «Riquet do Penacho». É uma valiosa tradução, pois que pela primeira vez em Portugal os contos de Perrault surgem na sua forma primitiva e completa: «não se tentou aqui — diz-nos a tradutora na breve nota inicial — nem uma adaptação nem uma simplificação que é o que normalmente se tem feito não só em português como em outras línguas mas sim uma tradução tanto quanto possível literal, de modo a que não se perdesse o seu estilo agudo e encanto poético». Assim é, de facto. E não resistimos a transcrever, por extremamente saborosa e a título de exemplo, a «Moralidade» do celeberrimo conto «O chapéuzinho encarnado»:

Aqui se vê como as crianças, principalmente as meninas bonitas, elegantes e gentis, fazem muito mal em escutar toda a espécie de pessoas;

e esta história não é inconcebível pois todos sabem que o Lobo devora Eu digo o Lobo, pois nem todos os Lobos procedem da mesma maneira; há aqueles que com um modo amável, sem ruído, sem ódios e sem cólera, sem cerimónia, complacentes e ternos seguem as jovens Meninas até às suas casas, até às suas ruas; mas atenção! não se esqueçam que os Lobos adocicados são, de entre todos, os Lobos mais perigosos.

As máquinas de Yara

(Continuação da 5.ª página)

formas que têm é um texto que vão trazendo em palavras.
— Ninguém acredita, mas ele falou verdade. Algum tempo depois morri mesmo. Não terá sido uma morte total, mas nem por isso foi menos morte.

AS MÁQUINAS DE FAZER DEUS

Yara ficou privada de alguma vida sua, sofreu uma morte segundo a previsão do índio. Essa experiência levou-a talvez a uma necessidade maior de segurar a vida. No apelo nocturno do candomblé, na areia branca junto à água negra da lagoa, havia muito de vida e de morte, unificadas no apelo, no rodar sem saber das mulheres. De certo modo uma segurança contra o risco de virar pedra que será talvez a única verdadeira morte.

Como o sacerdote do mito Yara terá sentido a necessidade de fazer Deus. Como o rodar das mulheres no candomblé faz descer o santo e as liberta até poderem pisar em brasa. Mas como o sacerdote, precisou de enxotar os répteis e as hienas do templo, Yara expulsa de si sangue pisado e coisas apodrecidas. A companheira, a inventora das máquinas estava já nela própria. Bastou estender no chão o tapete, como uma expectativa.

As máquinas nascem e funcionam Deus escorre delas e a Yara recolhe-o. Mas não sabe que fazer dele.

Mas o importante não é o produto. São as próprias máquinas. Como no candomblé o importante é rodar sem saber, não a descida do santo. Como no rodar das folhas de coca o importante são os olhos, não o texto.

JULIO MOREIRA

Sete esculturas

(Continuação da 3.ª página)

racterizando-as para um jogo de sugestões que secciona a leitura e propõe falsas correspondências.

Seja como for, e fazendo um balanço de certo modo severo desta exposição, parece-nos possível destacar os pontos inicialmente focados e fazer deles a prova de que as esculturas de Helder Batista se realizaram no plano estrutural de forma inequívoca. Ao contrário, no plano das complementaridades, as concessões desviaram a linguagem do seu rumo estético fundamental.

R. S.



ESCAPARATE

Autores portugueses

Título — Histórias Contadas à Lareira
Autor — Manuel de Boaventura
Editora — Portucalense Editora — Porto
Número de páginas — 239
Preço — 45\$00

Título — As Arcias Movediças

Autor — Clara d'Ovar
Editora — Portucalense Editora — Porto
Colecção — «Romancistas Portugueses Contemporâneos» — n.º 1
Número de páginas — 167
Preço — 50\$00 enc.

Título — Contos Mandingas

Autor — Manuel Belchior
Editora — Portucalense Editora — Porto
Colecção — «Ultramar» — n.º 1
Número de páginas — 336
Preço — 70\$00

Título — A Missão Pedagógica da Banca

Autor — João de Sousa da Câmara
Editora — Edição do autor
Colecção — «Deposítaria» — Livraria Portugal — Lisboa
Número de páginas — 169
Preço — 20\$00

Título — A Madona

Autor — Natália Correia
Editora — Editorial Presença — Lisboa
Colecção — «Presença» — n.º 42
Número de páginas — 237
Preço — 40\$00

Título — «Caatinga e Terra Caída»

Autor — Viagens no Nordeste e no Amazonas.
Autor — Vitorino Nemésio.
Editora — Livraria Bertrand — Lisboa.
Colecção — «Crónicas e Viagens».
Número de páginas — 357.
Preço — 45\$00.

Autores estrangeiros

Título — As Obras Completas de Sally Mara
Autor — Raymond Queneau
Tradutor — Luiza Neto Jorge
Editora — Editora Ulisseia — Lisboa

Colecção — «Ulisseia» — Série Literária — n.º 87
Número de páginas — 361
Preço — 50\$00

Título — «O Futuro do Espaço»

Autor — Uma Nova Era na Vida dos Homens.
Autor — Albert Ducrock.
Tradutor — Ramiro da Fonseca.
Editora — Livros do Brasil — Lisboa.
Colecção — «Vida e Cultura» — 35.
Número de páginas — 364.
Preço — 80\$00.

Título — «Américas»

Autor — Frank Kafka.
Tradutor — Jorge Rosa.
Editora — Livros do Brasil — Lisboa.
Colecção — «Dois Mundos» — n.º 101.
Número de páginas — 298.
Preço — 55\$00.

Título — «Antimemórias»

Autor — André Malraux.
Tradutor — Daniel Gonçalves.
Editora — Livraria Bertrand — Lisboa.
Colecção — «Documentos de Todos os Tempos».

Número de páginas — 546.
Preço — 135\$00.

Título — A Condottiera

Romance
Autor — C. Virgil Gheorghiu
Tradutor — Maria Carlota Guerra
Editora — Livraria Bertrand — Lisboa
Número de páginas — 273
Preço — 45\$00

Título — Contos de Natal

Autor — O. Henry
Editora — Galeria Panorama — Damaia
Colecção — «Galeria Panorama» — Série Contos — n.º 2
Número de páginas — 186
Preço — 50\$00

Título — Os Ambiciosos

Relato das Paixões, Tragédias e Ambições de uma grande cidade
Autor — Harold Robbins
Tradutor — Idalina Amaro
Editora — Galeria Panorama — Damaia
Colecção — «Galeria Panorama» — Série Romance
Número de páginas — 472
Preço — 80\$00

Título — A Liberdade Sexual

Pró e Contra
Autor — Béatrice Sabran e Yves de Saint-Agnès
Tradutor — Mariano Dias
Editora — Livros do Brasil — Lisboa
Colecção — «Pró ou Contra» — n.º 2
Número de páginas — 150
Preço — 25\$00

Título — O Movimento da Morte de Deus

Autor — Charles Bent
Tradutor — Pamela Henriques Pinheiro
Editora — Moraes Editores — Lisboa
Colecção — «Linha de Risco»
Número de páginas — 341
Preço — 60\$00

Título — A Nova China

Da «Linha de Risco» à «Revolução Cultural»
Autor — K. S. Karol
Tradutor — Urbano Tavares Rodrigues
Editora — Livros do Brasil — Lisboa
Colecção — «Vida e Cultura» — n.º 36
Número de páginas — 342
Preço — 120\$00

Título — O Movimento Operário Britânico

Autor — A. L. Morton e G. Tate
Tradutor — Blasco Hugo Fernandes
Editora — Seara Nova — Lisboa
Colecção — «Factos e Documentos» — n.º 5
Número de páginas — 423
Preço — 60\$00

Título — Tobruk

Romance
Autor — Peter Rabe
Tradutor — Adelino dos Santos Rodrigues
Editora — Editorial Minerva — Lisboa
Colecção — «Minerva» — Capa Amarela
Número de páginas — 327
Preço — 35\$00

Título — O Compromisso

Romance
Autor — Elia Kazan
Tradutor — Maria Teresa Ramos
Editora — Editorial Ibis — Venda Nova
Colecção — «Jóias Literárias»
Número de páginas — 497
Preço — 90\$00

«Aparição»: seis edições

GALARDOADO em 1959 com o «Prémio Camilo Castelo Branco», o romance *Aparição*, de Vergílio Ferreira, atinge agora a 6.ª edição — facto invulgar nas letras portuguesas contemporâneas e consequência indubitável da aceitação que desde início logrou obter junto da crítica e do público esclarecido. «Aparição (...) vem com certeza ao encontro de uma sensibilidade pronta a recebê-la», vaticinou Oscar Lopes, fornecendo assim a chave para a compreensão do sucesso público do romance. Este, ao cabo de seis edições, «não envelheceu» (Mário Sacramento), continua sendo «um dos romances mais notáveis escritos em língua portuguesa depois de Eça de Queirós» (João Gaspar Simões). Dito isto, é lícito prever que *Aparição* — romance admirável de estilo e de densa problemática, obra sem dúvida fundamental na mo-

derna literatura portuguesa — continuará a obter o êxito que inteiramente justifica.



Novo! REVOX A 77
O GRAVADOR DE CARACTERÍSTICAS INULTRAPASSÁVEIS PARA ESTÚDIOS E CADEIAS DE ALTA-FIDELIDADE.
Peça uma demonstração aos PROFISSIONAIS DO SOM
VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA S.A.
NO NORTE. VADECA — PORTO

FIM DO ANO EM MADRID

28 DE DEZEMBRO A 2 DE JANEIRO
(6 DIAS)

ESCUDOS 2.100\$00

Incluindo: Transporte, Alojamento em Hotel de 1.ª-A, quartos com casa de banho, todas as refeições, visitas de Madrid, Escorial e Vale de Caldos e REVEILLON no «CASABLANCA» com direito ao espectáculo internacional e Champagne.

VIAGEM ASSEGURADA

AGÊNCIA GLOBO DE VIAGENS

Rua de S. Julião, 5-L. — LISBOA — Telex. 869593 e 870788

Em BUCÉLAS o «DIÁRIO DE LISBOA» está à venda na casa VICENTE ROMÃO BRAVO.

A crueldade da indiferença

por José Vaz Pereira

A NOIVA ESTAVA DE LUTO
de François Truffaut
Interpretes: Jeanne Moreau e Charles Denner
Distribuição: Rank

COMEÇANDO A Noiva estava de luto com uma brincadeira à Orson Welles (o porteiro que lembra o guarda do motel em A Sede do Mal), Truffaut parecia preparar-nos para a banalidade antipática dum rosário de citações. Mas cedo descobrimos que se trata d'outra coisa. Depressa ficámos sob o seu domínio, sob o império da sua garra de realizador. Exercido duma maneira diferente da frescura emocional das suas primeiras obras? Sem dúvida. Mas com uma eficácia que, antes de mais nada, responde pela sobrevivência do talento. Sobre tudo numa arte difícil e complexa como o cinema.

Muita gente pensará em Ironia. Optamos por uma tragédia. Uma tragédia que tem tudo para ser uma tragédia moderna, inclusive a indiferença de tratamento em relação à própria tragédia. Um filme implacável e terrível mais a indiferença. O sangue e a vingança que pairam no ar não impedem que tudo deslize sobre rodas, com a naturalidade sofisticada dum *chek-in* sem problemas, num voz internacional. O fogo que conse-

me a heroína coexiste com o à-vontade «snob» misto de demonstração de comandos com que executa os seus crimes perfeitos. A naturalidade banaliza o assassinato, tal como o tráfego intenso torna rotineiros os acidentes de viação.

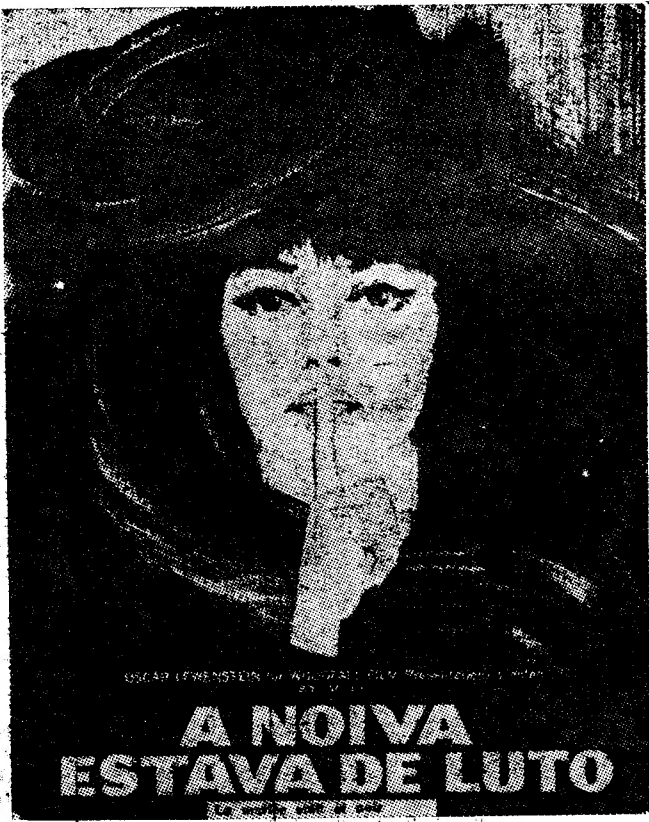
E, no entanto, Julie (Jeanne Moreau) converte o ódio na sua razão de existência. As suas esperanças, a sua ânsia de felicidade acumuladas durante anos e anos haviam sido estúpida, brutalmente decepadas. Quando se espera toda a vida por algo que nos é roubado no momento preciso duma posse definitiva o delírio começa a ter razão de ser, quando um sonho é desfeito por uma brincadeira de tarde provinciana o vinda val pode soprar com fúria. Talvez por isso mesmo, Truffaut desligou a corrente emocional: a frieza do filme torna-o magnificamente insuportável.

Assim, acabamos por encontrar uma ambivalência que representa também uma contemporaneidade apanhada ao vivo: note-se a combinação de ternura e crueldade que caracteriza os encontros de Julie com Coral e com Fergus, o pintor. Aqui e ali, ela desprende-se dos homens que vai executar, com um lampejo, um vislumbre de todo o absurdo irremediável da situação. Absurdo que é um

prolongamento da monotonia trágica duma existência sem horizontes, numa cidadezinha condenada a uma melancólica neurastenia: o drama de Julie é a centralização de tudo no noivo e a destruição de tudo no mesmo noivo, fulminado na paz podre dum domingo de província, a mesma paz podre que está a destruir os que, acidentalmente, matam.

Truffaut não recuou perante as limitações dum «policial» assinado por William Irish. Revelou-se, mais uma vez, duma fria linearidade a expor, a contar e, depois de ver A Noiva estava de luto, o tom definitivamente moderno do seu cinema impõe-se com toda a clareza, deixando ofuscados os que, para chegar ao mesmo fim, recorrem à mentira descarada ao efeitozinho barato da acrobacia com a câmara, a um exibicionismo desleal e a montagem. O filme de Truffaut passa duma imagem para a outra com uma fluência e uma limpidez que começam a ser raras no cinema.

Mas a honestidade, neste caso, também funciona com a ambição. Trata-se de um cineasta que dirige com infinito amor, que orienta com lucidez e que executa com absoluto profissionalismo. Reconheça-se a complicação de encenar este filme sem sair dos carris, sem o seu tom de



O mais implacável dos filmes indiferentes

indiferença cortante perder alguma vez a força, cair na moleza. O fascínio da ambição inflama a potência acumulada do filme — tal como um foguetão que faz subir uma cápsula espacial.

E, no fundo de tudo, há ainda a vertigem da rai-

nha que, num tabuleiro de xadrez, devora peões incautos. Mas essa mesma vertigem marcha lado a lado com um certo alheamento, em relação à hecatombe. A Noiva estava de luto é, repetimos, o mais implacável dos filmes indiferentes.

Duas das mortes nos pareceram de antologia. Referimo-nos à «visita» que a dama de negro faz a Coral (julgamos ser esse o nome), que se resignara à mediocridade sem esperança dum quarto alugado de 3.º ordem. Personagem vencido, aguarda o seu momento, a oportunidade duma vida dentro do abismo da sua solidão. O seu fim é patético, desesperado sem por isso deixar de ser idiota.

Depois, com um movimento mais largo e majestoso, a caminho do final, temos a morte de Fergus (Charles Denner). É o assassinado que pinta o retrato da mulher que o vai matar, tal como numa história de Heráclito Póiro. Mas Truffaut sabe dar a essa progressão, ao desenvolvimento duma relação complexa e misteriosa, ao nascimento do amor de Fergus por Julie uma densidade esmagadora. Por momentos, tem-se a sensação de que o ciclo fatal se vai romper. A morte (não presenciada) do pintor aparece como um acidente terrível que não se consegue evitar, como uma maldição de que se não pode fugir. E talvez o episódio seja o mais secretamente emotivo, o mais profundamente dilacerante — é a primeira vez que Julie se comporta um pouco como a mulher que renunciara a ser.

Tolentino, 1968

LAMENTANDO-SE do «triste mister de crítico», da obrigação de analisar as obras dos poetas, Almeida Garrett abria uma excepção para Nicolau Tolentino, de cuja causa se dava por suspeito — tanta era a paixão que tinha «pelo mais verdadeiro, mais engraçado, mais bom homem de todos os nossos escritores».

Quem é, ou foi, Nicolau Tolentino de Almeida? Um inventor de sorrisos e sarcasmos rimados que viveu de 1740 a 1811? Um cronista galhofeiro dos usos e costumes da sua época? — Sem dúvida. Mas algo mais. «Teve uns olhos extraordinários para ver as realidades e um talento de primeira ordem para no-las tornar presentes, sensíveis», diz dele Rodrigues Lapa. Para António José Saraiva: «Tolentino, que herdou o sentido do quotidiano e do concreto inaugurado pelos Arcades, sabe dar com sub-



O Irrequietismo satírico de Tolentino no traço característico de Nogueira da Silva autor das ilustrações das «Obras de Nicolau Tolentino de Almeida»

tileza e inesperado o contraste entre os sentimentos guindados e convencionais e a realidade às vezes sórdida que eles recobrem». E acrescenta: «Tem, por outro lado, a arte de demonstrar o disparate de uma idela desenvolvendo impassivelmente as suas consequências até ao absurdo, como quando finge fazer o elogio da guerra. É muito notável a sua capacidade de caracterização de tipos, quer pela adjetivação, quer pela fixação dos gestos e feições típicas.

Nesta arte, Tolentino só terá um rival em Eça de Queiroz». António Sérgio, porém, sob a máscara sarcástica do poeta descobre um rosto sensível: «Era artista, o Nicolau Tolentino. Assim me parece; e acaso dos artistas que se defendem: isto é: dos que visam a mascarar as emoções reais sob um exterior de impassibilidade e de ironia. Homens são esses, muitas vezes, dos da mais melindrosa sensibilidade, dos da mais susceptível, dos da mais escorchada; dos

que escondem a chaga com o sarcasmo e o riso».

Pois Nicolau Tolentino, herdeiro e continuador da nossa mais vivaz tradição poética (a cantiga de escárnio e de mal dizer), vai ser recordado numa edição, que se afigura de excepcional qualidade, da Editorial Estudos Cor. Ao apresentar as «Obras de Nicolau Tolentino de Almeida» os editores dizem o porquê da iniciativa: «Trazer hoje Nicolau Tolentino ao convívio assíduo dos leitores pareceu-nos, ao mesmo tempo, um acto de justiça e uma obra de misericórdia... O acto de justiça não precisa de ser justificado: Nicolau Tolentino é um grande poeta português. Quanto à obra de misericórdia, não a tomemos pelo autor de O Passeio, injustamente esquecido, ou quase. Tomemo-la antes por nós todos: vivemos hoje um tempo de grandes frases e de grandes gestos: a sátira ainda é o melhor antídoto para tais exagerações. E Nicolau Tolentino (...) traz desses remotos tempos um sorriso de troça que bem pode ser desenhado no rosto da nossa época.

Nesta colecção «Ronda» não editamos livros que não amemos profundamente. Ora, os versos de Tolentino



tino são da nossa particular estima. E o leitor vem certamente para o nosso lado, folhear este livro e sorrir connosco. Aliás, é esse o convite do poeta:

O bom Demócrito ria
Do que a nós nos causa dor;
Ele mui bem o entendia;
Vamos nós também, Senhor,
Fazer o que ele fazia.

Para a edição da Estudos Cor, que será limitada a uma tiragem de 1116 exemplares dividida em duas séries (uma, encadernada a

tela, numerada de 1 a 1000, e a outra, especial, numerada de 1 a CX), foram escolhidos (a dedo...) dois colaboradores da maior valia: o desenhador Nogueira da Silva, que tão bem soube interpretar o irrequietismo satírico de Tolentino, e o poeta Alexandre O'Neill, que subscreve o Prefácio certamente na linha de rumo confessada nas adegas à «Autocrítica» (in Feira Cabisbaira):

Quanto a esse Tolentino,
lesse faceto,
devo dizer que nada lhe
[roubei
mas que podia ser seu neto.

Pela mão de O'Neill, é graças a oportuna visão dos editores, Tolentino vem instalar-se em plena ordem do dia.

A S O F Á S - C A M A S

GARANTIA ABSOLUTA

«RONAL»

A CASA DO BOM GOSTO
E DA ECONOMIA DO CLIENTE

RUA MARIA, 66-B (AOS ANJOS)
TELEFONE 632620 - LISBOA